



Jonathan Batista Maximo Salgado

Santo Agostinho como pregador
As contribuições do Bispo de Hipona para a pregação

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: André Luiz Rodrigues da Silva

Rio de Janeiro
Março de 2022



Jonathan Batista Maximo Salgado

Santo Agostinho como pregador

As contribuições do Bispo de Hipona para a pregação

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

André Luiz Rodrigues da Silva
Orientador
PUC-Rio

Luiz Fernando Ribeiro Santana
PUC-Rio

Leonardo Henrique Piacente
PUCCAMP

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Jonathan Batista Maximo Salgado

Graduou-se em teologia pelo Seminário Teológico Shalom e pela A Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil - FACETEN. Pastor da Igreja Batista Memorial de Jacarepaguá.

Ficha Catalográfica

Salgado, Jonathan Batista Maximo

Santo Agostinho como pregador: as contribuições do Bispo de Hipona para a pregação / Jonathan Batista Maximo Salgado; orientador: André Luiz Rodrigues da Silva. –2022.

104 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Teologia - Teses. 2. Agostinho de Hipona. 3. Bíblia. 4. Homilética. 5. Hermenêutica. 6. Metodologia teológica. I. Silva, André Luiz Rodrigues da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD:200

Para Priscila Corriça Pereira Cabral Salgado
(*in memoriam*).

Agradecimentos

Ao Deus Trino, por seu amor em Jesus Cristo e pela ação de seu Espírito me ajudando a avançar nos estudos teológicos dando-me oportunidade de crescer no conhecimento da fé.

Ao meu orientador Professor Doutor Padre André Luiz Rodrigues da Silva, que, como um amigo, me encorajou, incentivo e paciência, ao investir tempo e atenção em um dos momentos mais difíceis da minha vida.

À minha esposa Priscila Maia e minhas filhas Beatriz e Juliana, pela paciência, incentivo, compreensão e amor, que foi fundamental para chegar essa etapa da pesquisa. Muito do que faço é por elas.

Aos meus amados pais, Antônio e Maria Adelaide, pois são meus incentivadores e apoiadores desde a mais tenra idade.

A todos os meus familiares que contribuíram para que mais esse sonho se tornasse realidade. Destaco meu tio Rui, tia Vânia e minha irmã Jessica, por todo o suporte doado.

À PUC-RJ e à CAPES, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A todos os professores do Mestrado e funcionários do Departamento de Teologia, pela receptividade sempre acolhedora.

Ao pastor Carlos César Peff Novaes, que, como mentor e amigo, me aconselhou, orientou e ajudou em toda caminhada cristã e ministerial. Além de ser uma grande referência teológica.

À Igreja Batista Memorial de Jacarepaguá, Igreja que pastoreio, em me incentivar na minha jornada dos estudos teológicos.

À Igreja Batista Barão da Taquara, em toda sua contribuição para minha formação, mas a todo apoio dado a minha família.

Aos meus amigos e colegas da pós-graduação, por todo incentivo e colaboração sem as quais esse trabalho não existiria. Em especial a George Camargo, por seu apoio fundamental em minha pesquisa, a Douglas, Roni e Cristiano Mariela.

Resumo

Salgado, Jonathan Batista Maximo; Silva, André Luiz Rodrigues da. **Santo Agostinho como Pregador: as contribuições do Bispo de Hipona para a pregação.** Rio de Janeiro, 2022. 103p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação propõe uma pesquisa na obra *A Doutrina Cristã*, de Agostinho de Hipona, a respeito da teologia prática no seu campo homilético. Para isso, o livro IV da obra supracitada foi analisado, destacando-se os estilos retóricos apresentados pelo pai da Igreja. Modelos de pregação que totalizam três (*triplex dicendi genus*) e são nominados e trabalhados por ele, como: estilo simples (*dictionis submissae*), estilo moderado (*dictionis temperatae*) e estilo sublime (*sublime dicendi*). Essa investigação da prédica, tendo como base o Bispo de Hipona, visa contribuir com a prática da pregação contemporânea. Para isso, alguns passos foram dados na organização do texto. Após introduzir o assunto, uma análise histórica da vida de Agostinho foi realizada, buscando destacar as influências que ele viveu no campo de sua formação retórica como parte importante para entender a natureza de sua escrita e prática oratória como pastor. O segundo momento da pesquisa, buscou compreender cada estilo abordado no livro IV do Bispo hiponense. Cada gênero (simples, moderado e sublime) foi examinado como apresentado, visando sua contribuição para a prédica no ambiente da Igreja do século XXI.

Palavras-chave

Agostinho de Hipona; Bíblia; Homilética; Hermenêutica; Metodologia Teológica; Pregação.

Abstract

Salgado, Jonathan Batista Maximo; Silva, André Luiz Rodrigues da. **Saint Augustine as a preacher: contribution of the Bishop of Hippo for the sermon.** Rio de Janeiro, 2022. 103p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation proposes a research on the *On Christian Doctrine*, by Augustine of Hippo, about practical theology in its homiletic field. Therefore, the fourth book of his above mentioned work was analyzed, highlighting his rhetorical styles presented. Preaching models are three (*triplex dicendi genus*) and are named and worked by him, as: simple style (*dictionis submissae*), moderate style (*dictionis temperatae*) and sublime style (*sublime dicendi*). This investigation on art of preaching, based on the bishop of Hippo, aims to contribute to the practice of contemporary preaching. For this, some steps were taken in order to organize the text. After introducing the subject, a historical analysis of Augustine's life was carried out, seeking to highlight the influences he lived in the field of his rhetorical training as important part to understand the nature of his writing and speaking practice as a pastor. The second stage of the research sought to understand each style covered in book IV by the hiponense bishop. Each genre (simple, moderate, and sublime) was examined as presented, with a view to its contribution to preaching in the 21st century church environment.

Keywords

Augustine of Hippo; Bible; homiletics; Hermeneutics; Theological Methodology; Preaching.

Sumário

1	Introdução.....	11
2	Santo Agostinho e sua jornada de fé e pregação	16
2.1	A educação de Agostinho	17
2.1.1	Mônica e a primeira instrução	18
2.1.2	Madaura.....	20
2.1.3	Cartago	22
2.1.4	Roma.....	24
2.2	Início da vida de fé e clerical.....	25
2.2.1	Milão e sua conversão	26
2.2.2	De Milão para Cartago	28
2.2.3	Do presbiterato ao bispado	30
2.3	Agostinho e o <i>A Doutrina cristã</i>	34
2.3.1	Os estilos de pregação do livro IV.....	37
2.4	Agostinho como pregador em exercício.....	39
3	O estilo simples de pregação	42
3.1	A simplicidade que objetiva a instrução.....	42
3.2	A instrução precede o convencimento.....	46
3.2.1	A instrução busca apresentar a verdade com clareza	50
3.3	A vida de piedade como pressuposto da pregação	53
3.3.1	O pregador deve ser um aprendiz piedoso.....	54
3.3.2	O pregador deve ter consciência da grandeza do que anuncia	58
3.4	O apóstolo Paulo como exemplo sobre o estilo simples	62
4	O estilo moderado da pregação	66
4.1	O estilo moderado que objetiva o deleite	66
4.1.1	O deleite nunca deve ser às custas da verdade	67
4.1.2	O deleite nunca deve ser às custas da substancialidade da linguagem.....	69
4.1.3	O deleite não deve ser buscado como objetivo último do pregador.....	73
4.3	A vida do pregador é a exposição mais bela e agradável	77
5	O estilo sublime da pregação.....	79
5.1	O estilo sublime objetiva o convencimento.....	79
5.1.1	O coração como alvo para o convencimento.....	81
5.1.2	A eloquência é um meio para o convencimento.....	83
5.2	88

5.2.1 A variação de estilos como forma de fixação de atenção do ouvinte.....	89
5.3 O apóstolo Paulo como exemplo sobre o estilo sublime	90
5.4 A oração na vida do pregador da Igreja.....	93
6 Conclusão	96
7 Referências bibliográficas	100

Assim, o nosso orador age eficazmente quando fala da justiça, da santidade e da virtude, aliás ele não deve falar sobre outra coisa. Faz tudo o que lhe é possível ao tratar desses assuntos, de maneira a ser entendido, apreciado e obedecido. E não duvide que se pode fazê-lo e o quanto pode, consegui-lo-á, mais pela piedade de suas orações do que por seus talentos de orador.

Agostinho, Bispo de Hipona

1 Introdução

A pregação sempre foi uma marca da fé cristã desde seu surgimento. A prédica já era uma prática comum do Senhor Jesus Cristo. Uma das passagens mais conhecidas do Novo Testamento é o Sermão da Montanha ou Monte, que está registrado por Mateus nos capítulos 5 a 7. No Evangelho de Lucas, parte está concentrado no capítulo 6, mas outros trechos podem ser percebidos em todo o seu escrito.

Em Atos, capítulo 2, no momento em que é narrada a descida do Espírito Santo sobre a vida dos seguidores de Jesus que estavam reunidos em Jerusalém, no dia de Pentecoste, é registrado um sermão do apóstolo Pedro, defendendo-se contra a acusação de estarem bêbados logo pela manhã e anunciando o Evangelho do Reino de Deus.

O apóstolo Paulo, em um momento histórico bem posterior ao dia de Pentecostes, quando a Igreja já tinha uma estrutura organizacional mais definida, recomenda ao jovem pastor Timóteo que pregue a palavra (2 Timóteo 4.2). Ele deveria ser um pregador para sua Igreja e dedicar-se a isso. A pregação da palavra deveria ser algo presente na liturgia da comunidade.

Pensando nos pregadores que a história produziu, para além de Jesus Cristo e os apóstolos, os nomes são inúmeros. A Igreja teve pregadores como: Melitão de Sardes (falecido em 190 d.C.); Orígenes de Alexandria (185-254 d.C.); Efrém, o Sírio (303-373 d.C.); Basílio de Cesareia (330-379 d.C.); João Crisóstomo (349-407 d.C.), pregador da boca de ouro; Gregório, o Grande (540-604 d.C.); Bernardo de Claraval (1090-1153 d.C.); Francisco de Assis (1181-1226 d.C.); Martinho Lutero (1483-1546 d.C.); Jonathan Edwards (1703-1758 d.C.); para citar alguns.

Com a pregação sendo uma prática desde a gênese da Igreja, muita reflexão tem sido produzida ao longo de sua história. Muitos são os livros sobre homilética, assim como são muitos os sermões registrados ao logo dessa história. Entretanto, por mais que a história da Igreja tenha deixado como legado grandes porta-vozes

de Deus, muitos púlpitos não manifestam esse legado e a grandeza dessa função na prática litúrgica. O Papa Francisco, em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, alerta, “são muitas as reclamações relacionadas com esse ministério importante, e não podemos fechar os ouvidos.”¹

Esse tipo de denúncia não é algo que se resume ao estado da pregação cristã do século XXI. O apologista, professor e ministro anglicano, Michael Green (1930-2019), no final do século XX, escreveu a seguinte acusação contra a pregação moderna: “o padrão da pregação no mundo moderno é deplorável. [...] Muitos ministros religiosos parecem já não acreditar nela como modo poderoso de proclamar o evangelho e de transformar vidas.”²

Essas acusações recaem sobre a Igreja brasileira. O teólogo e pastor Batista, Judiclay S. Santos, em um texto para a Revista Teologia Brasileira no ano de 2013, afirma: “A situação nas Igrejas cristãs, salvo as honrosas e raras exceções, é de extrema pobreza e mediocridade nos púlpitos. Dominicalmente são oferecidos sermões mortos, pregações vazias, discursos inócuos, preleções insossas.”³ Apresentando um cenário nada animador da pregação em solo nacional.

Em artigo para a Revista Atualidade Teológica, do departamento de Teologia da PUC-Rio, José María Siciliani Barraza, apresenta alguns problemas com a pregação contemporânea, que são: falta de reflexão criteriosa sobre o assunto; a incompreensibilidade do que está sendo pregado, conteúdo enfadonho; problemas de comunicação que vão do estilo de linguagem à boa acústica; dissociação da prédica com a vida do ouvinte, falta de sensibilidade com a realidade.⁴ Elementos que precisam de revisão e melhoramento.

A pregação é um ponto importantíssimo para a fé cristã e para a história da Igreja. A negligência com essa prática é prejudicial para a comunidade, para relação da Igreja com a sociedade, para o seu legado histórico. Os sermões anunciam as verdades de Deus para seus ouvintes. Os pregadores devem levar a sério essa tarefa majestosa.

Diante dessa realidade, propomos uma pesquisa sobre a pregação a partir de Agostinho de Hipona, conhecido como doutor da graça. Pai da Igreja conhecido por

¹ EG, 135.

² GREEN, M., In: STOTT, J., Eu creio na pregação, p.8.

³ SANTOS, J. S., O declínio da pregação e a decadência da igreja.

⁴ BARRAZA, J. M. S., Observaciones introductorias de la homilética agostiniana para lá predicación actual, p. 349-351.

seu pensamento nas obras *Confissões* e *Cidade de Deus*. A reflexão sobre Agostinho no campo filosófico é marcante ainda hoje. Mas poucas são as reflexões no Bispo de Hipona como pastor de uma Igreja local, e ainda menores sobre sua predica e orientação para essa prática. Esse é um hiato que esse pesquisa deseja diminuir.

A dissertação terá como base o Livro IV da obra *A doutrina cristã* de Agostinho. Texto que foi acrescentado quase trinta anos depois dos primeiros três livros. Nesse último texto, Agostinho trata sobre a maneira de ensinar a doutrina. Ele não pretende que seja uma obra retórica, por mais que faça uso dela em seu texto e em suas orientações. Seu desejo é ensinar a expor a verdade que ele tinha demonstrado como descobrir nos primeiros três livros.

Ainda dentro da delimitação da pesquisa, no texto agostiniano que será analisado, a leitura se debruça sobre os três modelos ou estilos retóricos que o Bispo de Hipona apresentará em sua obra. A saber: estilo simples, estilo moderado ou temperado e estilo sublime. Paradigmas retóricos que ele retirou do orador e filósofo Cícero.

O objetivo da análise dos modelos retóricos está em contribuir para a reflexão sobre a prédica nos dias de hoje, vendo como o Pai da Igreja pode colaborar para o aprimoramento do sermão, tanto na preparação como na entrega para a congregação.

Para isso, a pesquisa será estruturada da seguinte forma. No primeiro capítulo, a história de Agostinho será revisitada com ênfase na sua trajetória como aprendiz e mestre. Não cremos que nenhuma produção humana é à parte de sua história de vida. Seu legado, suas produções intelectuais, tudo o que o formou contribuiu para a confecção de um texto que levou não só trinta anos de sua vida para ser escrito, mas carregou toda a sua trajetória.

Sua formação educacional nas cidades que passou, o início da sua carreira de professor, a importância de sua mãe Mônica e amigos em sua formação. Sua trajetória espiritual e filosófica, do maniqueísmo até a fé cristã. Suas frustrações profissionais e intelectuais. Seus retiros reflexivos, como os desafios emocionais, com o rompimento com sua concubina, a morte de sua mãe e seu filho. Tudo fazendo parte de sua trajetória como ser humano e pensador. Também, neste capítulo constará uma breve história de *A doutrina cristã*. O papel pastoral da obra e, especialmente, do livro IV.

No capítulo seguinte, a análise recairá sobre o primeiro estilo proposto por Agostinho para a pregação, o estilo simples. Analisaremos o objetivo do estilo na prédica agostiniana, seu valor, o papel pastoral visado no estilo proposto. Elementos importantes surgem no início do estudo, como a compreensão da importância do discurso levado pelo pregador.

Outro ponto de destaque, não só na investigação do estilo simples, mas em todos os capítulos, é a apresentação de uma espiritualidade do pregador. Agostinho ao longo de seu texto – livro IV – vai fazendo menção à vida espiritual esperada do pregador da Igreja. No presente capítulo, o aprendizado piedoso e a vida de piedade do pregador são destacadas na pesquisa, pois, para Agostinho, a vida do pregador deve ser marcada pela Palavra que ele anuncia.

No capítulo sobre o estilo moderado, o estudo analisará o objetivo pretendido na pregação moderada. A relação do estilo com a verdade, com o uso da linguagem, seu valor e função na homilia serão observados, também serão explorados.

No que diz respeito à espiritualidade vista no capítulo, dois elementos serão observados. Um alerta agostiniano com relação ao objetivo do pregador ao utilizar esse estilo, não confundido com o objetivo do estilo. Ora, o estilo moderado tem uma função, mas, como o coração do pregador deve estar com referência ao modelo retórico e sua relação com a Igreja, isso é outro assunto para Agostinho, além da vida do pregador como uma peça retórica para sua comunidade. A espiritualidade da pregação também é uma proclamação.

O último estilo apresentado por Agostinho é o estilo sublime. Seu objetivo ou finalidade, seu papel com relação à comunidade, o papel da eloquência na pregação, serão analisados. Também neste capítulo, um estudo sobre a variação dos estilos retóricos, simples, moderado e sublime, será visto dentro da proposta do Bispo de Hipona.

A espiritualidade destacada nesse capítulo está na prática da oração. Por mais que a oração já tenha recebido referência em capítulos anteriores, um olhar mais cuidadoso sobre essa prática cristã pelo olhar de Agostinho será levantado, e isso, em sua relação com a vida do pregador.

Não se tem, com essa pesquisa, a pretensão de esgotar o tema, visto que há uma longa caminhada ainda sobre ele. No entanto, torna-se necessário compreender a importância da pregação a partir da vida e obra de Agostinho de Hipona, para contribuir com a prédica contemporânea a partir do olhar desse gigante da fé. De

fato, a investigação tem por finalidade ajudar a prédica, para que as denúncias sinalizadas anteriormente não sejam constantes no ambiente eclesial.

Para alcançar o objetivo da pesquisa, que é análise da prédica agostiniana e sua contribuição para hoje, optamos por investigação bibliográfica, tanto da obra base sinalizada ao longo desse texto, como obras diversas sobre a pregação ao longo da história da Igreja, mas, principalmente, contemporânea. Algumas obras de Agostinho que também colaboraram para a construção do assunto se encontram nas referências bibliográficas.

Para fins de esclarecimento, a penúltima parte desta dissertação é a conclusão, onde são destacados os pontos encontrados nessa pesquisa, como também são apresentadas algumas propostas para a pregação atual.

E, na última parte, é apresentada a referência bibliográfica para consulta e guia para novas pesquisas nessa temática ou assuntos correlatos.

2 Santo Agostinho e sua jornada de fé e pregação

Em meados do século IV, a cidade de Tagaste, no norte da África, era marcada pelo impacto da cultura romana. Chegou a gozar, no início do século I, de uma grande relevância econômica na parte africana do Império Romano⁵, mas, no momento referido, só as glórias do passado eram lembradas. O que a mantinha em movimento eram as florestas de oliveiras que cobriam os planaltos da Numídia⁶. A produção de óleo era uma das marcas comerciais daquela cidade, local de origem de um dos maiores pensadores cristãos da história.

Agostinho nasceu no dia 13 de novembro de 354, em uma família de classe média africana, que vivia da renda de algumas propriedades e do cargo público de seu pai, Patrício, que era conselheiro comunal de Tagaste⁷. Sua mãe, Mônica, era uma mulher extremamente devotada à família e à sua fé. Seu papel é marcante na jornada de fé de seu filho, conforme o próprio Agostinho relata sobre sua mãe, “governava sua casa piedosamente. Com suas boas obras, dava testemunhos de santidade. Educara os filhos, dando-os tantas vezes à luz quantas os via apartarem-se de Vós”⁸.

Em um cenário não muito favorável para o crescimento público e econômico, uma das vias possíveis para galgar tais posições era por meio de uma boa educação. Para essa formação, era necessário um esforço da família para a instrução de Agostinho. De fato, mesmo em uma situação de equilíbrio financeiro, que a família do menino tinha em Tagaste, isso não viria sem muito esforço e, até mesmo, sem a ajuda de financiadores⁹.

⁵ BROWN, P. R. L., Santo Agostinho, p. 23.

⁶ TRAPÈ, A., Agostinho, p. 22.

⁷ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 21-22.

⁸ AGOSTINHO, Confissões, p. 217.

⁹ BROWN, P. R. L., Santo Agostinho, p. 25.

2.1 A educação de Agostinho

A cidade que Agostinho nasceu não tinha uma grande oferta educacional e cultural. O que era encontrado na sua cidadela de origem era a formação mais básica, suficiente para o lidar com a vida comum. Isso, certamente, foi crucial para a sua saída no futuro. A instrução pública de Tagaste só cobria os fundamentos mais elementares da educação, como uma formação do primeiro grau estabelecida nas “escolas do *primus magister* ou, para dizê-lo de modo mais aproximado de nossa língua, as escolas elementares”¹⁰. O que ele recebeu neste período foi o necessário para compreensão do latim e uma iniciação aos estudos retóricos. A leituras de autores clássicos foi apresentada neste momento, como: Virgílio, Cícero, Salústio e Terêncio¹¹. Os textos eram estudados até à exaustão, pois cada sentença era analisada pelos professores. As palavras e suas estruturas gramaticais tinham muita importância na metodologia pedagógica a que o Bispo foi submetido.

As palavras sempre foram de grande importância em sua formação e, conseqüentemente, eram a realidade da sua sociedade.

O mundo de Agostinho é repleto de sons: o cântico dos salmos, as canções de colheita e, mais encantador do que tudo, a fala arrebatadora de seus semelhantes: “... as palavras, vasos preciosos de significação”. Que era uma coisa boa? “O rosto de um homem: as refeições regulares, a tez luminosa, a expressão iluminada pelo bom humor”; e, é claro, “A fala, transmitindo sua mensagem com encanto, ajustada para comover os sentimentos dos ouvintes; os ritmos melódiosos e os sentimentos elevados de um bom poema.”¹²

A fala, a audição e a letra são importantes no processo pedagógico de Agostinho. Ele mesmo comenta, “As crianças não teriam necessidade de gramática que ensina a língua correta, se lhe fosse dado crescer e viver entre pessoas que falam corretamente.”¹³. O estilo retórico tinha mais preponderância do que o conteúdo que era ministrado. O que o aluno deveria dominar não estava arraigado na verdade objetiva, como fundamento último, mas na capacidade de apresentar um argumento que comovesse o seu público, que falasse as emoções e convencesse os ouvintes de seguir a lógica do orador, mesmo que sua apresentação não passasse de meros sofismas.

¹⁰ TRAPÈ, A., Agostinho, p. 21-22.

¹¹ BROWN, P. R. L., Santo Agostinho, p. 42.

¹² BROWN, P. R. L., Santo Agostinho, p. 41.

¹³ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 221.

Uma característica que marcava a educação e, também, a vida do próprio Agostino, a ponto de ganhar espaço em suas *Confissões*, foi a forma de aprendizado por meio da punição. Quando o aluno não apresentava o conhecimento satisfatório no momento em que era inquirido, ele era penalizado fisicamente. Agostinho comenta, “Fui mandado à escola para aprender as primeiras letras cuja utilidade eu, infeliz, ignorava. Todavia batiam-me se no estudo me deixava levar pela preguiça. As pessoas grandes louvavam essa severidade.” Isso foi criticado pelo Bispo, afirmando assim: “nossos predecessores na vida tinham traçado estas vias dolorosas, por onde éramos obrigados a caminhar, multiplicando os trabalhos e as dores, aos filhos de Adão”¹⁴.

Agostino estudou em Tagaste até os seus 13 anos de idade, quando foi mandado para cidade vizinha de Cartago para continuar seus estudos.¹⁵ A limitação de uma boa formação subsequente e a inquietação do próprio Agostinho com esses limites o impulsionam para fora de sua cidade natal. Mesmo tendo aprendido a ler, a escrever e a formular a matemática elementar, ele desejava aprofundamento para além da vida monótona e sufocante que a escola lhe proporcionava.¹⁶

2.1.1 Mônica e a primeira instrução

A escola formal da cidade de Tagaste não era o único elemento importante na vida educacional do Bispo de Hipona. A casa em que o hiponense foi criado já proporcionava um ambiente educacional muito fértil. A língua latina, importante para o império romano e para aqueles que desejavam a construção de uma carreira pública, como os pais de Agostinho almejavam para ele, foi ensinada em casa. “Agostinho o aprendeu em casa, não sob “as ameaças e os castigos, mas entre carícias de amas de leite, festividades de sorrisos de alegrias de jogos”, aprendeu-o pelo desejo ou pela necessidade de explicar os seus próprios pensamentos.”¹⁷ Sua

¹⁴ AGOSTINHO, *Confissões*, p. 37.

¹⁵ Cronología fusionada de las siguientes obras: BROWN, Peter, *Agustín de Hipona*, ACENTO ediciones, Madrid, 2001. PAPINI, Giovanni, *San Agustín*, Ediciones FAX, Madrid, 1965. GUILLOUX, P. *El alma de San Agustín*, RIALP, Madrid, 1986. Acesso em: <<https://www.augustinus.it/spagnolo/vita/cronologia.htm>>.

¹⁶ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 24-25.

¹⁷ TRAPÈ, A., Agostinho, p. 26.

mãe, Mônica, tem uma influência importante em sua formação, assim como em toda sua vida.

Mônica, piedosa católica e mãe muito presente, foi a primeira escola de Agostinho. “A educação cristã que marca a sua infância se consubstancia nas palavras e preceitos que lhe foram transmitidos pela mãe, mas, sobretudo, no seu testemunho de fé traduzida numa vida de oração e de caridade”.¹⁸ A primeira instrução que Agostinho recebeu era de ordem moral. Sua mãe, por meio do exemplo, ensinava a seu filho a partir da fé cristã. O conteúdo pedagógico foi o que a religião cristã trazia como distintivos para uma vida de piedade, muito mais do que para uma vida de sucesso econômico. Nas *Confissões*, Agostinho faz a seguinte afirmação sobre sua mãe, “Ouvira eu falar, ainda criança, da vida eterna que nos é prometida, graças à humildade de vosso Filho, Deus e Senhor nosso, descido até a nossa soberba”.¹⁹ Ela era incansável no que tangia a formação cristã de seus filhos.

Uma das ações de Mônica que reverberou no futuro educacional de seu filho foi o adiamento de um casamento, o que nunca ocorreu na vida de Agostinho. A prática costumeira de sua cultura era de encontrar, logo cedo, uma mulher de boa reputação e de uma família de influência para desposar seus filhos. Só que pensando na importância da formação de Agostinho, o casamento não foi pensado por seus pais como elemento de primeira importância. Ela estava convicta que os estudos de seu filho “teria servido para conduzir o filho para mais próximo de Deus. Não queria, por isso, que um matrimônio precoce atrapalhasse o curso dos estudos.”²⁰.

O caráter de Mônica, marcado pela dignidade, continência e temperamento pacificador²¹ apresentou ao seu filho um modelo de educação diferente do ambiente escolar, enquanto a aprendizagem na escola era marcada por momentos de sofrimento físico e moral, que mais oprimiam e freavam o desenvolvimento cognitivo do aluno.²² No seu lar, sua educação era por meio do bom exemplo de sua mãe.

¹⁸ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 22.

¹⁹ AGOSTINHO, *Confissões*, p. 39.

²⁰ TRAPÈ, A., Santo Agostinho, p. 39.

²¹ BROWN, P. R. L., Santo Agostinho, p. 34.

²² VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 24.

2.1.2 Madaura

Instruído nos rudimentos da educação clássica e com a formação cristã recebida de sua mãe e da Igreja, Agostinho é enviado para Madaura para dar continuidade à sua educação. Sua estadia na cidade é de quatro anos (365-369). Sua formação terá como base os grandes escritores da cultura latina e as leis da gramática.²³ “Na escola são analisadas minuciosamente todas as partes do discurso e, à luz do ensinamento dos clássicos (também nos seus erros linguísticos e nas suas “licenças poéticas”), se determina o cânon do bom uso da língua”.²⁴

Madaura foi para Agostinho uma cidade universitária, que tinha em sua história, e celebrava isso, o grande orador platônico do século II, Apuleio.²⁵ A formação retórica era almejada pelos estudantes e o que era ensinado visava o fortalecimento dessa arte.

O conteúdo desse ensino era menos importante do que seu objetivo. Este se mantivera inalterado por cerca de oitocentos anos. Ainda era vigorosamente buscando no século IV, nas salas de aula apinhadas e ruidosas dos professores de retórica, em lugares tão distantes quanto Bordeaux e Antioquia: tratava-se de “aprender a arte das palavras, de adquirir a eloquência tão necessária para persuadir e expressar os pensamentos”. O produto ideal dessa educação era o orador, ou seja, o homem capaz de “ser agradável na argumentação, por sua vivacidade, pelo domínio das emoções e por sua facilidade de falar, perfeitamente apto a transmitir sua mensagem com estilo.”²⁶

O letramento formal não era a marca da educação oferecida, mas a eloquência era valorizada. O bom orador não era necessariamente o que apresentava a verdade, mas o que agradava os ouvintes e os convencia de sua ideia.

Na cidade de Madaura, Agostinho também foi apresentado ao grego, mesmo que de forma dura. Ele comenta, “Não conhecia nenhuma palavra daquela língua e para me fazerem aprender ameaçavam-me com terríveis castigos e crueldades.”²⁷. Seu conhecimento na língua não avançou muito, mas o suficiente para servir no futuro na sua função como apologista, polemista, pregador e comentarista bíblico.

²³ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 26.

²⁴ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 26.

²⁵ BROWN, P. R. L., Santo Agostinho, p. 44.

²⁶ BROWN, P. R. L., Santo Agostinho, p. 42.

²⁷ AGOSTINHO, Confissões, p. 43.

Ele sabia o necessário para consultar o texto grego da Bíblia e corrigir o texto latino em algumas situações.²⁸

A sua aversão pelo grego, ou por seu aprofundamento, veio porque os textos que ele foi submetido para a aprendizagem eram carregados de fábulas, o que Agostinho desprezava.²⁹ Além do método pedagógico punitivo que ele recebeu. O que o fez produzir uma crítica, quando comparado com a forma que ele aprendeu o latim. Ele diz: “para aprender, é mais eficaz uma curiosidade espontânea do que um constrangimento ameaçador.”, e completa, “esta violência refreia, graças às vossas leis, os excessos de curiosidade”.³⁰ Isso não significa que ele não conhecia bem a língua grega. Trapè defende a tese que Agostinho manejava bem o idioma, pelo menos o suficiente para consultar o texto grego da Bíblia.³¹

A cidade também o impactou por seu paganismo, visto na sociedade e na cultura. “No fórum de Madaura, para dar só um exemplo, Agostinho encontrará “duas estátuas de Marte (uma nua e outra armada), e diante delas uma estátua de um homem com três dedos estendidos para frear seu poder”³². O paganismo estava presente na educação, pois os “professores de Madaura eram pagãos: amavam o fórum, com suas estátuas dos deuses, tanto quanto qualquer pátio universitário; e produziam o maior número de epitáfios em versos já descobertos na África romana.”³³.

Depois de seus quatro anos de estudos na cidade, Agostinho teve que retornar à sua cidade de origem, Tagaste, por falta de recursos. O jovem africano ficou aproximadamente um ano no ócio até que seu pai, Patrício, juntasse dinheiro suficiente, ou quase o necessário, pois precisou da ajuda de um concidadão, Romaniano, para ajudar na continuidade dos seus estudos que ocorreram na grande cidade de Cartago.

²⁸ TRAPÈ, A., Agostinho, p. 27.

²⁹ AGOSTINHO, Confissões, p. 44.

³⁰ AGOSTINHO, Confissões, p. 44.

³¹ TRAPÈ, A., Agostinho, p. 27.

³² TRAPÈ, A., Agostinho, p. 35.

³³ BROWN, P. R. L., Santo Agostinho, p. 44.

2.1.3 Cartago

Depois de um ano de necessário aguardo, Agostinho é enviado para a reconhecida cidade de Cartago, que, por sua vez, não era menos pagã que Madaura, mas transpirava muito mais o paganismo por ser uma grande metrópole. “Quando Agostinho aí chegar com 17 anos, poderá assistir – e assistirá – à pompa meretriz com que a deusa *Caelestis*, protetora da cidade, era obscenamente honrada”.³⁴ Nesta cidade pagã, onde ele dará sequência aos seus estudos, a formação a que ele será submetido buscará, principalmente, o desenvolvimento de uma carreira como orador, porque a escola de Cartago tinha como base a formação retórica.

Em Cartago, na escola do reitor, se aprendia eloquência com a qual se podia percorrer o caminho de uma carreira brilhante. A eloquência que sobrevivia nos tempos de Agostinho não era a mais adequada que, na sociedade romana da República, como já antes na sociedade grega, constituía o ideal profundo e ativo do homem culto. Ela se tornara essencialmente uma ocorrência solene e mundana, utilizada nos discursos oficiais, nas comemorações, nos panegíricos, nas declarações públicas dos concursos literários. Tinha, portanto, um caráter de circunstância, muito enfático e respeitado, codificado em esquemas e procedimentos estereotipados dentro das quais também os clássicos indicados como modelos - Cícero em primeiro lugar - Perdiam grande parte de sua originalidade e de sua riqueza. Tudo se resolvia, no plano técnico, num jogo de virtuosismos e elegâncias e no plano dos conteúdos, numa sequência de elogios pomposos e vazios, tons cerimoniosos, alusões doutas e pedantes.³⁵

Um dos primeiros materiais que Agostinho de Hipona lerá será o livro *Hortêncio* de Cícero. A escola que ele cursou não tinha muitos fundamentos intelectuais e recursos literários profundos, mas, no entanto, em seus estudos, Agostinho tem uma descoberta filosófica que influenciará toda a sua vida. O livro do filósofo romano, que foi apresentado ao jovem estudante no terceiro ano de seus estudos na cidade, com o objetivo de ser analisado nas suas bases retóricas, foi muito além disso. Para Agostinho a obra se tornou algo modelar não só do aspecto oratório, mais de sua ética e de sua vida religiosa.³⁶ O livro não era lido e relido pelo deleite estilístico de sua composição, mas o assunto cativava o seu coração.³⁷ A sabedoria que a filosofia poderia oferecer para a vida conduziu o jovem africano

³⁴ TRAPÈ, A., Agostinho, p. 34.

³⁵ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 30-31.

³⁶ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 32-33.

³⁷ AGOSTINHO, Confissões, p. 67.

no desenvolvimento intelectual e religioso que marcou toda a sua vida. A única falha que o hiponense encontra no livro é ausência do nome de Cristo.³⁸

A influência que Agostinho recebeu na cidade de Cartago não veio só da leitura de obras filosóficas, mais de um discurso religioso com contornos filosóficos, que não era muita novidade para o jovem estudante, mas que começou arrebatando o seu coração e o seu pensamento. Tratavam-se das doutrinas maniqueístas. “Quando ainda adolescente, em Cartago, fora seduzido pelo erro dos maniqueus, e por isso estava mais atento que os demais para ouvir se seria proferido algum argumento a favor ou contra a mesma heresia.”³⁹

Romaniano, financiador de Agostinho, também financiava o maniqueísmo, custeando os estudos de muitos jovens, deixando o discurso maniqueísta mais próximos dos financiados. Ele era um entusiasmado Maniqueu que havia atraído Agostinho para a seita como ouvinte.⁴⁰ Romaniano tinha o objetivo de expandir a educação em Tagaste, financiou o estudo de jovens que Agostinho participa por dois anos (374-376), mas retorna para Cartago por motivos pessoais e ambições da carreira.

A frustração com o maniqueísmo é crescente neste período de sua vida. O estudo das artes liberais e outras leituras colocam à prova os argumentos de sua fé maniqueísta. Abalado, decide aguardar que um famoso orador da seita pudesse chegar de Roma afim de dissipar suas dúvidas.

Fausto chega a Cartago em 383, e Agostinho – como muitos outros – é logo atraído pela amabilidade da pessoa, pela eloquência do discurso, pela elegância da palavra desse ilustre personagem. Quando, porém, tem a oportunidade de se encontrar diretamente com ele e de lhe expor os seus problemas, percebe, ao contrário, que a cultura de Fausto é muito pobre para que ele possa dissipar as complexas ou sutis questões que lhe propõe. Se de um lado essa incompetência de Fausto, confessada com toda simplicidade e modéstia, dispõe Agostinho a uma atitude de simpatia em relação a ele, por outro, ela produz um golpe duro para as suas esperanças. O encontro com Fausto, mais que representar uma saída de um estado de incerteza e conflito, marca, na realidade, a fase inicial do desmoronamento de um mito. Alguma coisa que se rompe dentro dele: o ardor se apaga, a luz entrevista se cobre de véus. Mesmo se interiormente percorre, talvez, já um novo caminho, a prudência lhe sugere que fique ainda Maniqueu e que não tente no momento outros caminhos sem primeiro ter diante de si pontos de referências certos.⁴¹

³⁸ AGOSTINHO, Confissões, p. 68.

³⁹ POSSÍDIO, Vida de Santo Agostinho, p. 37.

⁴⁰ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 47.

⁴¹ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 52-53.

Esse conjunto de elementos, desejo ambicioso de ascender profissionalmente e a frustração do encontro com Fausto, fazem crescer em Agostinho o desejo de deixar a cidade de Cartago. O que ocorre em 383.

2.1.4 Roma

A cidade de Roma é tanto um destino de fuga quanto um lugar já desejado, já que ir para lá era uma forma de lidar com suas frustrações profissionais e religiosas, mesmo tendo já sido pensada e planejada para seu futuro. Foi para a capital do império para se distanciar e se afastar do ambiente educacional que desprezava, acreditando encontrar um local mais propício ao conhecimento, com alunos mais ordenados e disciplinados.⁴² Assim como, já contemplava, mesmo que de longe, a grande cidade na dedicatória de sua obra, *O belo e o conveniente*, a Gerio.⁴³

Sua partida também foi algo marcante em sua vida e o registro está nas *Confissões*. Segundo o Bispo, sua mãe estava disposta a fazer de tudo para que ele não a deixasse, até mesmo agarrando-o com força. Para se ver livre de sua mãe, Agostinho tece uma mentira sobre acompanhar brevemente um amigo. Na calada da noite, enquanto sua mãe chorava e orava, ele embarca com destino a Roma, deixando-a com o coração em pedaços. Evento de que se arrepende posteriormente.⁴⁴

Sua chegada em Roma não foi das mais agradáveis, pois Agostinho fica gravemente doente ao ponto de pensar que seu destino seria a sepultura. Não foi somente a doença que fez o futuro Bispo enfrentar desafios, mas dois outros fatores devem ser destacados:

O primeiro é o comportamento dos alunos romanos, que acompanhavam os professores nas suas aulas até o momento do pagamento. Quando se aproximava a data de dar o ordenado combinado, os alunos abandonavam o professor sem honrar o seu compromisso. Isso trouxe um impacto negativo nas finanças de Agostinho, que precisou de apoio para continuar se sustentando na cidade.

⁴² AGOSTINHO, *Confissões*, p. 111.

⁴³ TRAPÈ, A., *Agostinho*, p. 100.

⁴⁴ AGOSTINHO, *Confissões*, p. 112-113.

O segundo decorre do primeiro, mas não exclusivamente, pois as necessidades financeiras fizeram com que ele buscasse amparo em terceiros, sendo recebido por parte dos maniqueístas de quem ele tanto queria se ver livre. “Na cidade eterna, foi hóspede dos maniqueus, que eram muitos, mas ocultos por causa das leis imperiais contra eles, contra os quais os imperadores haviam intervisto”.⁴⁵ A vivência com esse grupo só fez a sua angústia aumentar, pois ele percebe a superficialidade da cresça que adotavam, mas se via preso a esse contexto de necessidades.

Ainda nesse cenário, ele tenta buscar, de modo solitário – pois não podia declarar abertamente sua desconfiança do maniqueísmo – uma saída para sua alma aflita. Sua busca o leva pelos caminhos da filosofia. Só que “todo sistema que tenta experimentar como possível itinerário para a sabedoria o deixa, porém, insatisfeito, porque lhe traz mais dúvidas que certezas”.⁴⁶ Também porque nenhum desses sistemas filosóficos “deixa traços daquele nome de Cristo Salvador que permanece sempre, para ele, o referencial imprescindível para conquista da verdade plena e que satisfaz.”⁴⁷ Falta Cristo nas reflexões dos filósofos que ele tem contato, deixando a lacuna de suas dúvidas ainda a preencher.

O futuro Bispo, desiludido com a experiência com a cidade de Roma, começa a buscar outros destinos. Milão será o novo destino. Um local que não somente o concederá um futuro profissional, mas abrirá o caminho para fé cristã. Será o local em que mudanças profundas ocorrerão com Agostinho.

2.2 Início da vida de fé e clerical

A cidade de Milão era de grande importância no império, principalmente do lado ocidental. A cidade era usada por imperadores como residência em épocas de emergência. Suas estradas e localização estratégica faziam da região uma passagem de diplomatas e agentes secretos de locais distantes do império.⁴⁸ Isso fazia com que uma sociedade brilhante se desenvolvesse na localidade. A vida intelectual era marcante, com poetas vindos de várias regiões, enquanto as obras dos filósofos

⁴⁵ TRAPÈ, A., Agostinho, p. 101.

⁴⁶ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 55.

⁴⁷ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 55.

⁴⁸ BROWN, P. R. L., Santo Agostinho, p. 85.

gregos eram estudadas pela aristocracia milanesa. “Tais homens costumavam estudar a filosofia ressurgida de Platão e escreviam sobre a métrica clássica e a natureza do universo.”⁴⁹ Uma urbe distinta de Roma e muito atrativa para Agostinho.

Não só o ambiente douto era distinto, mas a catolicidade de Milão, marcada pela figura ilustre de Ambrósio, Bispo da cidade e personagem de uma capacidade oratória ímpar, que marcará a vida de Agostinho de modo indelével. Seus sermões “eram “doutos”, seu livro principal moldava-se cuidadosamente em Cícero e suas ideias deixavam transparecer a influência de expoentes contemporâneos de Platão.”⁵⁰

2.2.1 Milão e sua conversão

A chegada de Agostinho em Milão ocorreu nos primeiros dias do mês de outubro de 384. Sua presença foi motivada pela ocupação do cargo de professor de retórica da cidade, cátedra que só foi possível ocupar com o apoio do prefeito de Roma, Quinto Aurélio Símaco, um maniqueísta influente, que havia recebido uma carta, solicitando uma pessoa para ocupar a função. O apoio de Símaco foi fundamental para Agostinho, pois como ainda era muito jovem para posto, via a oportunidade como um grande passo no desenvolvimento da sua profissão e para o que almejava para seu futuro. O jovem africano buscava algo que “permitia a quem estava investido da função entrar no âmbito dos altos cargos do Estado e esperar ulteriores promoções. Agostinho, [...], considerará como certo o poder de obter uma função administrativa, talvez a “presidência” de um tribunal.”⁵¹

Logo após o seu estabelecimento na nova cidade, Agostinho faz uma visita ao Bispo de Milão, Ambrósio, não por desejo de fazê-lo, mas como parte da política de seu tempo. O Bispo Ambrósio era alguém muito importante na sociedade para que ele pudesse ignorá-lo. Esse encontro deixou uma primeira marca importante na vida do novo professor de Milão. Ele diz: “Este homem recebeu-me paternalmente

⁴⁹ BROWN, P. R. L., Santo Agostinho, p. 85.

⁵⁰ BROWN, P. R. L., Santo Agostinho, p. 85.

⁵¹ TRAPÈ, A., Agostinho, p. 114.

e apreciou a minha vinda episcopalmente. Comecei a amá-lo, ao princípio não como mestre da Verdade [...], mas como homem benigno para mim.”⁵²

Essa amabilidade de Ambrósio dispõe favoravelmente Agostinho, que começa a se aproximar da sua pregação e dos seus ensinamentos. No início é somente uma escuta superficial, atenta mais que outra coisa à forma, como verificar se a eloquência de Ambrósio estava realmente de acordo com a fama de que gozava. A palavra persuasiva e doura de Ambrósio o encanta exteriormente, mas não o conquista no seu íntimo.⁵³

Ambrósio não era só essa figura amável, mas um homem muito sábio e que fazia pulsar em Milão uma vida católica intelectual e ascética como qualidades da vida do Bispo que eram reconhecidas e admiradas na cidade. Essas características religiosas conquistam aos poucos o coração de Agostinho, que tinha exigências tanto intelectuais quanto práticas.⁵⁴

Esse novo ambiente junto com sua frustração com o maniqueísmo foi o início dos passos que Agostinho daria para sua conversão à fé cristã, pois um dos grandes desafios encontrados por ele era o intelectual. Seu racionalismo, materialismo e ceticismo vão sucumbindo com o tempo naquele meio intelectualmente rico e católico. Ambrósio e Simpliciano, outro sacerdote doura com quem Agostinho conversa sobre filosofia neoplatônica, por meio de pregações e conversas, foram mostrando ao professor de retórica a beleza intelectual da fé cristã. “A história dessa superação é a história da conversão de um grande pensador.”⁵⁵

Com a escuta das exposições alegóricas que Ambrósio fazia dos textos do Antigo Testamento, o futuro convertido consegue superar suas dificuldades pessoais em relação à interpretação desses textos. Tudo isso vai abrindo o caminho para o momento da sua conversão.

Esses passos que foram dados em direção à sua conversão ao cristianismo, em Milão, foram impulsionados em seu início pelas homilias de Ambrósio, provavelmente em virtude das pregações do Bispo de Milão sobre *Hexamerão*, sobre *Isaac e a alma* e *O bem da morte*, que apresentam exposições bíblicas que o

⁵² AGOSTINHO, Confissões, p. 119-120.

⁵³ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 60.

⁵⁴ TRAPÈ, A., Agostinho, p. 116.

⁵⁵ TRAPÈ, A., Agostinho, p. 123.

ajudaram a compreender as Escrituras de modo distinto daquele que ele tinha ouvido e aprendido na sua juventude em sua terra natal.⁵⁶

Deve ser destacada a figura de Simpliciano nessa jornada. A amizade de Agostinho com ele abriu caminho para um aprofundamento na fé cristã, não só cognitiva, mas muito mais prática.

Simpliciano, na prática, exerce em relação a Agostinho uma dupla função: de orientação intelectual e a de direção espiritual. Ele aperfeiçoa no plano filosófico e moral aquilo que Ambrósio havia indicado no plano exegético e doutrinal, mas sobretudo, coloca diante de Agostinho a imagem de um Cristianismo inseparável no seu dinamismo de fé e de vida: não, portanto, um Cristianismo que permanece especulação abstrata, mas que se torna testemunho concreto; que não se resolve num fato privado da consciência, mas se envolve toda a existência, no mesmo sinal do amor do Verbo que se fez carne e fixou morada entre os homens.⁵⁷

Todo esse cenário de uma cidade que respirava o cristianismo de modo intelectual, litúrgico e ascético trabalham no coração do professor de retórica para uma mudança de vida.

A história da conversão de Agostinho é um caminho que vai se delineando por meio de suas frustrações filosóficas, da superação da dificuldade com o texto Sagrado, com a compreensão da beleza do cristianismo pelo prisma do platonismo, da visualização de uma vida cristã prática, até o conhecido momento no jardim da casa em Milão. A mudança espiritual experimentada implica em mudanças de vida significativas. Há mudanças em sua posição social, a ponto dele abandonar o seu posto de professor; há uma mudança na sexualidade, pois ele abraça o celibato afastando qualquer possibilidade de consumação de um casamento.⁵⁸

2.2.2 De Milão para Cartago

O caminho de volta para sua terra natal ocorre em algumas etapas. A primeira delas foi um período de isolamento e reflexão na casa de um amigo, chamado Verecundo, na região de Cassicácio, local não muito distante de Milão, que funcionava como um refúgio em que familiares e amigos o acompanharam, como sua mãe Mônica, o filho Adeodato, o amigo Alípio e outros. Esse momento é

⁵⁶ MORESCHINI, C.; NORELLI, E., História da Literatura cristã antiga, grega e latina, p. 17.

⁵⁷ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 63.

⁵⁸ ORCASITAS, M. A., La Conversión de San Agustín.

marcado por conversas de caráter filosófico conhecidas como *Dialoghi*⁵⁹ e fecunda atividade literária de Agostinho.

A segunda etapa foi a sua vida de catecúmeno. Ele regressa para Milão e começa sua preparação para o batismo, que era uma instituição litúrgico-pastoral da Igreja, “surgida dentro das comunidades cristãs já no final do século II, com escopo de acompanhar [...] pessoas adultas que haviam manifestado a intenção de se converter ao Cristianismo.”⁶⁰ Marcadas por atividades litúrgicas em ritos de propiciação, orações especiais, além de ser esperado dos candidatos uma vida moral marcada pela continência e sobriedade. Deveria ficar evidente o desejo de uma mudança de vida.

Dentro desse período de catequese, Agostinho foi submetido às homilias de Ambrósio de modo mais constante e para além da observação retórica anterior, que apresentavam um ideal moral a partir da vida e obra de personagens do Antigo Testamento.⁶¹ As pregações de Bispo milanês influenciaram a vida do futuro batizado em muitos aspectos, como: intelectuais, morais e retóricos.

Depois do período de preparação, Agostinho passou pelo sacramento do batismo junto com seu amigo Alípio e seu filho Adeodato. O batismo foi recebido das mãos de Ambrósio na noite do Sábado Santo, em 24 de abril de 387. Sobre esse momento ele tece as seguintes palavras,

Recebemos o batismo, e abandonou-nos a preocupação da vida passada. Não se saciava, nesses primeiros dias, de considerar, com inefável doçura, a profundidade dos vossos planos sobre a salvação da humanidade. Quando não chorei, fortemente comovido, ao escutar os hinos e cânticos, ressoando maviosamente na vossa Igreja! Essas vozes se insinuavam em meus ouvidos, orvalhando de verdade meu coração; ardia em afetos piedosos e corriam-me dos olhos as lágrimas: mas sentia-me consolado.⁶²

⁵⁹ Sobre a produção literária de Agostino neste momento de sua vida, Giuliano Vigni (2012, p.81), faz o seguinte comentário em uma nota de rodapé: “O primeiro volume dos *Dialoghi* na edição organizada por Domenico Gentile para “Nuova Biblioteca Agostiniana” (Roma, Città Nuova, 1982). Os “Dialoghi” de Cassiciaco são quatro: *La controversia acadêmica; La felicità; I soliloqui*. Depois de seu retorno de Cassiciaco para Milão, mas antes do Batismo, Agostinho escreve também *L’immortalità dell’anima*. Sobre esses escritos vejam-se as atas da primeira parte do Congresso (1-4 de outubro de 1986), “Agostinho nas terras de Ambrósio”, reunidos em *L’opera letteraria di Agostino tra Cassiacum e Milano*. Palermo, Agustinus, 1988.”

⁶⁰ VIGNI, G., Santo Agostinho, p. 83.

⁶¹ VIGNI, G., Santo Agostinho, p. 84.

⁶² AGOSTINHO, Confissões, p. 211.

Esse foi um momento marcante e crucial na vida do futuro presbítero. Após alguns meses ainda na região de Milão, Agostinho, amigos, filho e sua mãe Mônica decidem retornar à África, sua região de origem, para testemunhar da fé e continuar em sua vida reflexiva e monacal.⁶³ Seu itinerário de retorno passava por Roma e seguiria a partir do porto de Óstia. Só que, o que seria um percurso relativamente curto, até o embarque para sua terra natal, se estende devido ao adoecimento e morte de sua mãe, além de uma guerra nos arredores, fazendo com que o futuro Bispo fique na região romana com sua comitiva por aproximadamente um ano.

O que Agostinho viveu nesse período em que ficou em Roma, antes de viajar para Tagaste, não é muito claro em sua biografia. Os poucos detalhes que podem ser rastreados são: suas visitas a mosteiros masculinos e femininos, que colaborarão para a formação do mosteiro que ele irá organizar; um período reflexão junto com Adeodato e amigos; início de algumas obras que serão terminadas no futuro. O seu período de luto foi longo e reflexivo.⁶⁴ Elementos importantes que antecederam a sua entrada na vida eclesiástica e da pregação cristã litúrgica.

2.2.3 Do presbiterato ao bispado

Agostinho sai de Roma no outono de 388 em direção à cidade de Cartago, que serve só de breve ancoradouro, pois poucos dias depois ele chega à região de Tagaste. Seu objetivo era dar início a uma pequena comunidade dedicada à reflexão, oração e ao serviço a Deus. Novamente em sua terra natal começa a colocar seu projeto em curso. Possídio faz um breve resumo desse momento,

Recebida a graça, decidiu retornar, com outros conterrâneos e amigos, entregues igualmente ao serviço de Deus, à África, à própria casa e ao próprio campo. Aí chegando, permaneceu por cerca de três anos; renunciou a seus bens e, junto com aqueles que se uniram a ele, vivia para Deus em jejuns, orações e boas obras, meditando dia e noite a lei do Senhor. E as verdades que Deus revelava à sua inteligência na meditação e na oração ele compartilhava com os presentes e os ausentes, instruindo-lhes com discurso e com livros⁶⁵.

⁶³ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 89.

⁶⁴ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 94-95.

⁶⁵ POSSÍDIO, Vida de Santo Agostinho, p. 38-39.

Esse período de sua vida é marcado por algumas obras literárias, como: *O mestre*, que é um diálogo com seu filho; *O Gênesis contra os maniqueus*, polêmica que já havia iniciado após a sua conversão; *A verdadeira religião* foi escrita desse retorno a sua cidade.⁶⁶ Destaca-se, na vida do futuro Bispo, a continuidade como professor, mesmo que de forma não profissional. Agostinho continuou a ensinar após sua conversão, reunindo agora seus amigos tanto por meio de conversas e reflexão conjunta, como por meio de seus livros. A sua ação pedagógica foi além das suas aulas de retórica e continuou por meio de seu ensino sobre a fé.

A fé foi conteúdo refletido durante os primeiros três anos de seu retorno. Não que ela não seria mais pensada por ele, mas como uma busca de aprofundamento de significado, que fora deixado de lado durante sua vida longe da Igreja. Na *A verdadeira religião*, antes mencionada, argumentou que a fé verdadeira só pode ser encontrada na Igreja católica, “a única “ortodoxa”, isto é, “guardiã integral da verdade”, e não no paganismo.⁶⁷

A paz contemplativa buscada por Agostinho não durou muito tempo, já que logo ele foi percebido pelos seus conterrâneos, os moradores da cidade de Tagaste, que não escondiam sua gratidão e orgulho por ter com eles alguém com uma inteligência marcante e profunda. Agostinho não demorou em ser assediado com os questionamentos de seus patrícios. Suas respostas eram doces, sábias e amáveis. Seu empenho em atender as necessidades das pessoas pode ser visto na sua obra *83 diversas questões*, fruto de sua interação com o povo local⁶⁸. Só que não tardou para que isso o impulsionasse até Hipona, cidade marítima onde poderia fundar seu monastério e ter um pouco mais de discrição, para viver o seu *otium sanctum* em sua tranquilidade desejada.⁶⁹

Seu caminho para Hipona, que era uma rica e antiga cidade da Numídia, começa com a visita a um amigo que o ajudaria a encontrar um local para fundar o seu desejado mosteiro. Só não esperava ser surpreendido e ter seus planos totalmente alterados em função do episódio que ele mesmo narra para os fiéis trinta e cinco anos depois, da seguinte forma:

⁶⁶ TRAPÈ, A., Agostinho, p. 184.

⁶⁷ TRAPÈ, A., Agostinho, p. 184.

⁶⁸ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 96.

⁶⁹ TRAPÈ, A., Agostinho, p. 186.

Eu, que vem diz aqui como vosso Bispo pela graça de Deus, vim ainda jovem à vossa cidade, como muitos de voz sabeis. Buscava um lugar onde fundar um mosteiro e viver com meus irmãos. Tinha abandonado toda a Esperança neste mundo, e o que eu poderia ser eu não o quis, tampouco, todavia, busquei ser o que sou. *Escolhi ser humilde na casa do senhor em vez de viver na estenda dos pecadores* [SI 83,11]. Mantive-me longe daqueles que amam o mundo, mas não me considerei igual àqueles que governam os povos. A convite do meu Senhor, não elegi um lugar superior, mas aquele inferior e humilde, onde foi do agrado do Senhor dizer-me: *sobe mais alto*. Temia o episcopado a tal ponto que, assim que minha reputação começou a afirmar-se entre os servos de Deus, evitava ir a lugares onde sabia que o ofício de Bispo estava vacante. Estava em guarda contra tal eventualidade; fazia aquilo que podia para buscar a salvação em uma posição humilde em vez de estar em perigo ocupando um alto cargo. Mas, como disse, o servo não deve opor-se a seu senhor. Vinha esta cidade para ver um amigo que pensava poder ganhar para Deus, a fim de que ele pudesse viver conosco no mosteiro. Sentia-me seguro porque nesse lugar havia Bispo. Fui pego e feito sacerdote. Assim, através dos degraus do sacerdócio cheguei ao episcopado.⁷⁰

Esse evento narrado por Agostinho aconteceu durante um domingo na Basílica Pacis, catedral da cidade de Hipona, durante uma pregação do Bispo local. Valério, já idoso e sem um domínio profundo do latim, apresentava para a congregação a necessidade de um sacerdote. Agostinho estava nessa assembleia e foi reconhecido pelos fiéis, que o agarraram e o conduziram até a presença de seu Bispo. A resistência dele não adiantou diante da ação acalorada da congregação. Foi feito presbítero de Hipona diante de todos.

Mesmo se tornando sacerdote contra sua vontade, Agostinho não abandonou seu plano de fundar um mosteiro. Tal desejo é foi apresentado ao Bispo Valério que o acolheu e o ajudou oferecendo um terreno ao lado da Igreja.⁷¹ O mosteiro foi organizado, recebendo jovens e velhos, todos os que desejavam uma vida de fé, serviço, orações, jejuns e simplicidade. O sonho de Agostinho foi realizado, mas não na sua inteireza. Com a iniciativa da organização monacal, ele tinha a responsabilidade de cuidar da Igreja local e, principalmente, da pregação para o povo de Deus. Assim começa, também, a vida pastoral do presbítero Agostinho.

Sua ação pastoral já se inicia no púlpito da Igreja local. O Bispo Valério reconhecia a habilidade retórica de seu presbítero e o coloca para pregar na Igreja, mesmo que essa não fosse a norma de seu tempo.

No exercício dessa função, Agostinho se mostrou um pregador profundo em suas exposições, principalmente do ponto de vista doutrinário, sem deixar a clareza

⁷⁰ AGOSTINHO, S. 355,2. In: TRAPÈ, A., Agostinho, p. 189-190.

⁷¹ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 98.

em segundo plano⁷². Sua comunidade foi alimentada com erudição bíblica e sabedoria prática. Suas homilias também eram marcadas por uma dialética que combatia desvios da doutrina da Igreja, erros de seitas e heresias propagadas, como fez com o maniqueísmo.

A apologética do futuro Bispo de Hipona deve ser destacada em seu cuidado com a comunidade da fé. Agostinho, tão logo se converteu, já começou sua tarefa como apologeta, mas com a responsabilidade de pastorear, sua ação de defensor da fé se acentuou. A polêmica donatista é um exemplo de sua ação pastoral como apologista. Sua obra *Salmo contra o partido de Donato* (393-394) marca o início de seu presbiterato e sua investida contra esse pensamento. O pregador da Igreja é atento às demandas do encontro da Igreja com o mundo e busca apresentar respostas robustas a partir da fé cristã.

A verdade que Agostinho ensina não é nunca, de fato, um conjunto de preceitos abstratos ou mecânicos, mas uma verdade dinâmica que age interiormente como fermento que alimenta a vida. Ele está sempre alerta contra toda verdade que fica enunciação estéril ou, desnaturando-se, se transforma em ritual exterior, como certas práticas religiosas (reuniões festivas e banquetes nos túmulos dos mártires de uma religiosidade profunda e que, portanto, ele condena sem hesitação até erradicá-las. E é ainda, o de Agostinho, um influxo que penetra, porque sabe falar à mente dos homens cultos como ao coração dos simples. Ele conhece as sutilezas do pensamento e as nuances da língua para conquistar os primeiros e sabe, ao mesmo tempo, usar palavras claras, exemplos fáceis, frases populares, imagens espontâneas para ser compreendido.⁷³

Agostinho cuidou da Igreja por meio de seus escritos, pregações e preparação de homens para o sacerdócio sagrado. O mosteiro por ele fundado acolheu homens de diversas idades, inspirados por seu testemunho e de outros. Eram pessoas que ele se sentia responsável em acolher e orientar espiritualmente por meio de uma formação que contribuiria para que tais homens fossem enviados para diversas Igrejas, conforme a necessidade. Desatacam-se seu biógrafo Possídio, que se tornou Bispo de Calama, e Alípio, Bispo em Tagaste.⁷⁴ O primeiro, afirmou em sua biografia sobre futuro Bispo de Hipona, “mais ou menos dez conhecidos meus, santos e veneráveis, ascetas e doutos, foram cedidos por Santo Agostinho a diversas Igrejas, em atenção a vários pedidos. Alguns deles eram dos mais eminentes”⁷⁵.

⁷² VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 99.

⁷³ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 101-102.

⁷⁴ TRAPÈ, A., Agostinho, p. 199-200.

⁷⁵ POSSÍDIO, Vida de Santo Agostinho, p. 48.

Esse hábil pastor será ordenado Bispo em 395 por Valério, Bispo de Hipona, vendo os frutos de seu ministério e ajudando-lhe contra a suspeita de outras Igrejas, pois Agostinho tinha começado a pregar no lugar de Bispo local antes de sê-lo; Valério também deu outro passo ousado, consagrando o jovem presbítero como seu Bispo auxiliar, o que era proibido pelo Concílio de Niceia (325), pois um novo Bispo só poderia surgir após a morte do atual, mas tal pedido foi acolhido por Aurélio, Bispo primaz de Cartago. Sua ordenação se deu em um concílio regional de Bispos, que tinha a presença de Megálio, Bispo de Calama e primaz da Numídia.⁷⁶ Enfim, Agostinho se torna Bispo coadjutor de Hipona.

Com a morte de Valério (397), Agostinho se torna o titular da cátedra de Hipona. Sua ação pastoral se mantém, essencialmente a mesma, só ganhando mais volume e importância na África e cristandade como um todo. Ele morreu trinta e três anos depois de assumir o bispado titular, no dia 28 de agosto de 430, aos 78 anos, deixando um legado vigoroso e fecundo para a Igreja, para Teologia, Filosofia, para o ocidente. Seus escritos são o testemunho dessa mente brilhante e desse pastor dedicado. Será sobre um deles, *A Doutrina cristã*, especialmente o livro IV, que a presente pesquisa objetiva se debruçar.

2.3

Agostinho e o *A Doutrina cristã*

Para o bom exercício de sua função de Bispo na Igreja, Agostinho se valeu de sua experiência como professor e escritor. O grande número de obras deixadas e a profundidade de suas reflexões teológicas, filosóficas e pastorais ajudam a compreender o imaginário de um homem douto, sentado em sua cátedra para refletir e redigir textos que ajudariam a Igreja em diversas áreas. Como homem que também era determinado pela palavra falada, Agostinho marcou a História da Igreja com uma obra que levava em consideração a pregação cristã e suas características, sob o título de *A Doutrina cristã*.

Iniciada pouco tempo depois da sua consagração como sacerdote (396), é dividida em quatro livros, mas completada no ano 426 ou 427. Nas palavras de Francisco Javier Calvo Guinda:

⁷⁶ VIGINI, G., Santo Agostinho, p. 102-103.

O tratado *De doctrina christiana*, de Santo Agostinho foi completado trinta anos depois com o Livro IV, uma obra-prima que trata o ensino cristão não do ponto de vista do conteúdo, mas do ponto de vista do método. Os três primeiros livros do *modus inveniendi* (coleção da matéria ou homilética material), dos princípios hermenêuticos bíblicos, já que Santo Agostinho considera um requisito necessário para pregar o conhecimento da Sagrada Escritura e os métodos de sua interpretação. O quarto livro apresenta o *modus proferendi* (apresentação do assunto ou homilética formal). Para Santo Agostinho, a homilética é a teologia da pregação eclesial, a apresentação científica dos fundamentos de uma pregação adequada da fé.⁷⁷

O livro I é a base de fundamento dogmático e moral que orientará o desenvolvimento do livro. A partir de um olhar epistemológico, Agostinho busca demonstrar como é possível conhecer as coisas de uma maneira real e concreta. Aquilo que há de mais supremo a ser conhecido e amado é o próprio Deus. Todavia, tal conhecimento só é possível através de duas disposições no homem, o desejo de deleitar-se nas coisas e o desejo de servir-se delas. Essas primeiras definições de conhecimento marcam o primeiro livro de sua obra.⁷⁸

O livro II descreve a Sagrada Escritura como o único livro que deve, de fato, ocupar o espírito de um cristão, ou melhor, designando-a como meio que contém tudo aquilo que o cristão necessita para chegar ao seu fim, que é glorificar a Deus. Nesse livro, Agostinho destaca o aspecto moral do intérprete ao se dedicar à interpretação do livro sagrado. Ele escreve, “antes de qualquer coisa, é preciso converter-se pelo temor de Deus para conhecer-lhe a vontade, para saber o que ele nos ordena buscar ou rejeitar”⁷⁹. Para o Bispo de Hipona a vida de piedade não está dissociada da interpretação bíblica.

O livro III, visa ensinar os intérpretes a resolverem as ambiguidades da Escrituras. Agostinho apresenta recursos para lidar com as dificuldades em textos tomados em sentido próprio, que é o sentido literal, e com o sentido figurado do texto; insiste na troca de sentido, figurado pelo próprio; na pluralidade de significado; nas regras da exegese donatista de Ticônio e na necessidade da oração para a compreensão das Sagradas Escrituras.⁸⁰

O livro IV, que foi finalizado trinta anos depois das primeiras páginas, que é o objeto de análise na presente pesquisa, entra na parte pastoral que lida com o texto Sagrado. Ele é um tratado sobre a oratória sacra, sobre como o pregador deve expor

⁷⁷ GUINDA, F. J. C., Homilética, p. 16.

⁷⁸ OLIVEIRA, N. A., In. AGOSTINHO., A doutrina cristã, p. 14.

⁷⁹ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 92.

⁸⁰ OLIVEIRA, N. A., In. AGOSTINHO., A doutrina cristã, p. 16-17.

o texto estudado para sua comunidade de fé. Sua função, dentro da *A doutrina cristã*, é apresentar recursos retóricos importados da retórica profana, mas organizados a partir da compreensão da tarefa do pregador e da importância da mensagem que é transmitida para a Igreja.

É no escopo desse livro que Agostinho, se valendo do que aprendeu de Cícero, mas adaptando para a fé cristã, apresentará ao pregador da Palavra de Deus três métodos de exposição, que serão analisados ao longo dessa dissertação: o estilo simples, o moderado e o sublime. Cada um com uma finalidade específica, ensinar, deleitar e convencer, respectivamente, buscando o melhor serviço à Igreja.

O que motivou o Bispo de Hipona a redigir a obra foi o serviço à Igreja e a seus hermenutas e pregadores por meio de normas que auxiliassem no bom exercício exegético e expositivo da Palavra Sagrada. Na abertura do livro, ele escreve:

A respeito da interpretação das Escrituras existem certas normas que me parecem poder ser ensinadas com proveito aos que se dedicam a esse estudo. Assim, poderão eles progredir não apenas lendo obras de outros que esclareceram as obscuridades dos Livros Santos, mas ainda progredir, com os esclarecimentos que eles próprios poderão dar a outros. **Proponho-me** comunicar essas normas aos que desejam e são capazes de aprendê-las, se o Senhor nosso Deus, que costuma inspirar-me tais ideias quando reflito sobre elas, não me negar sua graça ao tentar pô-las por escrito.⁸¹

Agostinho não foi só um grande pregador, um profundo expositor bíblico, mas também buscou dentro do campo da teologia exegética e prática servir a Igreja de Jesus Cristo a partir de uma disposição de um servo que deseja auxiliar aqueles que se dedicam ao estudo dos textos Sagrados. Além disso, era um servo dependente do auxílio da graça de Deus. O Bispo de Hipona compreende seu esforço de escritor e pensador, iniciando com a inspiração que vem do Senhor. A sua reflexão é vista por ele mesmo como fruto da graça de Deus, assim como busca em Deus que aquilo que ele se propôs a fazer seja ação da graça divina na vida de seus leitores e na prática da pregação, para aqueles que estudam a sua obra.

A doutrina cristã foi recebida por alguns como um grande documento de exegese bíblica; outros, para além da exegese e hermenêutica, a compreendem como livro didático e pastoral para o culto cristão; há aqueles que a veem como um

⁸¹ AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 31. Grifo nosso.

manual da cultura cristã; ainda outros, como um tratado de retórica cristã.⁸² O presente trabalho se alinha a esse último modo de observação conforme destaca o Gustave Bardy, especialista em Agostinho, que diz: “Damos hoje a esta obra [A doutrina cristã] grande importância. É verdadeiro tratado de retórica cristã”⁸³.

2.3.1 Os estilos de pregação do livro IV

Agostinho abre o livro IV esclarecendo a divisão de sua obra como um todo. Segundo ele, a obra, a princípio, foi dívida entre um prólogo, para responder aos contestadores, e os elementos importantes na exposição das Escrituras. Essa segunda parte foi subdividida em duas, que são: a forma de descobrir a verdade a partir da exegese do texto bíblico, o que pode ser encontrado nos três primeiros livros e a maneira de expor o que foi estudado, que está no último livro.⁸⁴ O escrito do Bispo de Hipona encerra o tratado de retórica com a exposição dos métodos dos diversos gêneros de pregação. “Agostinho distingue-os em três: o simples (submisso), o florido (moderado) e o patético (sublime), ou seja, ensinar, deleitar e mover ou, em termos da Igreja: explicar, edificar e converter.”⁸⁵

Há, contudo, que considerar o tratamento da questão no Livro IV de A doutrina cristã. Escrito e anexado à obra com cerca de trinta anos de diferença para com os primeiros três livros, os quais viemos abordando até aqui, traz considerações específicas sobre os usos da retórica direcionados para o púlpito, em um tom que, se ainda mantém, em seu horizonte, o controle severo da prática retórica, apresenta inflexões notáveis no tratamento do tema, a partir de maior inserção e aproveitamento, por parte do padre, de elementos da tradição da retórica latina.⁸⁶

Os estilos que Agostinho irá delinear em sua obra, que aprofundaremos no decorrer do presente texto, visam a boa exposição bíblica no seio da Igreja. A prática homilética é o grande assunto do último livro e os estilos por ele descritos serão modelos retóricos de que o orador sacro se vale no serviço aos fiéis.

⁸² Para uma compreensão melhor do debate de como *A doutrina cristã*, de Agostinho, é lida por especialistas, ver OLIVEIRA, N. A., In. AGOSTINHO., *A doutrina cristã*, p. 12-13, em que é feita uma breve apresentação das leituras possíveis da obra.

⁸³ BARDY, G. In. AGOSTINHO., *A doutrina cristã*, p. 13.

⁸⁴ AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 207.

⁸⁵ CAMELLO, M. J. O., *Um encontro com Agostinho, pastor de Hipona*, p. 86.

⁸⁶ SOUZA, T. G., *A palavra e os discursos*, p. 118-137.

Esses modelos de pregação não são uma inovação do Bispo de Hipona, algo que ele criou a partir da sua experiência como sacerdote e pregador. Esses paradigmas representam a junção da retórica pagã com a visão cristã de mundo. Agostinho segue as ideias dos oradores clássicos, especialmente Cícero, para estruturar os três estilos retóricos. Lewis Ayres destaca essa relação entre o Bispo e o pensador pagão da seguinte forma: “Agostinho foi [...] muito influenciado por Cícero, o grande orador, teórico retórico romano e estudioso da filosofia grega. Cícero forneceu a Agostinho enorme quantidade de material para suas reflexões sobre retórica”⁸⁷. Entretanto, ele não deixa de evidenciar uma distinção entre as finalidades retóricas, enquanto a proposta pagã visa, de acordo com os estilos, causas distintas, a prédica cristã sempre trata de assuntos eternos e grandiosos.⁸⁸ O pregador da Igreja está sempre tratando de assuntos da vida eterna de seu público e não de elementos de distinto valor para a vida, como nos tribunais em que a oratória pagã era largamente usada.

A variação dos estilos, como proposta por Agostinho, está na escolha da melhor forma de comunicar a verdade. Ele sabe que a arte da retórica pode ser usada para o convencimento da verdade como o da mentira, por isso, deixa um alerta ainda no início do livro IV, “visto que a arte da palavra possui duplo efeito (o forte poder de persuadir seja para o mal, seja para o bem), por qual razão as pessoas honestas não poriam seu zelo a adquiri-la em vista de se engajar ao serviço da verdade?”⁸⁹ O pregador da Igreja como um seguidor da verdade deve usar o aprendizado dos estilos que será apresentado pelo Bispo, para comunicar as verdades do Texto Sagrado de forma honesta.

Ocorre também recorrer aos estilos como ferramentas pedagógicas para o ensino na Igreja, como indicaremos ao longo dos demais capítulos. Como ferramentas de comunicação da verdade, em última análise, os métodos retóricos buscam ensinar aos membros da comunidade as orientações que decorrem das Sagradas Escrituras, seja de modo instrutivo, como o estilo simples, seja de modo agradável, como o estilo moderado, seja com a finalidade de convencer, como o estilo sublime. O ensino faz parte da tarefa do pregador.

⁸⁷ AYRES, L., In. MECONI, D. V., STUMP, E., Agostinho, p. 96.

⁸⁸ BARRAZA, J. M. S., Observaciones introductorias de la homilética agostiniana para la predicación acutal, p. 347.

⁸⁹ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 209.

Em um artigo sobre a prática pedagógica no fim da Antiguidade, Jean Lauand, analisando Agostinho e seus sermões como chave de leitura para o período, afirma: “O interesse do Bispo de Hipona é pastoral e não retórico. O sermão, como aliás toda a educação da época, pressupõe um valor pedagógico fundamental”⁹⁰. Sobre o estilo ou forma de pregação de Agostino, ele afirma: “a forma está a serviço de fins pedagógicos-catequéticos”⁹¹. O Bispo de Hipona foi em grande mestre e motivou outros ao mesmo com sua obra.

2.4 Agostinho como pregador em exercício

Agostinho muitas vezes é lembrado como grande pensador da fé cristã e visitado por sua teologia mais robusta, filosofia, linguagem e política, mas devemos lembrar que, antes de tudo isso, ele era um pastor dedicado ao cuidado das ovelhas de Jesus confiadas ao seu ministério. Por isso, Agostinho, grande teólogo, filósofo e pensador da Igreja jamais será esquecido como um dos grandes pregadores da História da Igreja.

O Bispo de Hipona deixou para a posteridade mais de mil pregações que foram preservadas em comentários, tratados e sermões.⁹² Na verdade são as qualidades de orador que fizeram com que Valério recrutasse Agostinho para essa função na Igreja, tendo em vista as suas limitações com a língua latina e idade avançada.

Como pregador, Agostinho pode ser descrito pela dedicação à pregação local, pois a maioria de seus sermões foi entregue na sua Igreja local, a Basílica da Paz, em Hipona. Isso não significa que ele pregou exclusivamente lá, aproximadamente 153 das suas homilias que ficaram registradas foram pregadas em outras cidades entre 393 e 424.⁹³ Possídio, seu primeiro biógrafo, também destaca a sua ação de pregador em alguns ambientes privados, assim relatando: “Agostinho corajosamente ensinava e pregava, em particular e em público, em casa e na Igreja,

⁹⁰ LAUAND, J., Os Sermões de Agostinho, p. 7.

⁹¹ LAUAND, J., Os Sermões de Agostinho, p. 9.

⁹² SMITHER, E. L., A história da pregação, p. 174.

⁹³ SMITHER, E. L., A história da pregação, p. 178.

a Palavra da salvação”⁹⁴. Importava ao Bispo comunicar as Sagradas Escrituras de modo comunitário e/ou particular, mas sempre nos arredores de sua paróquia.

A figura do apologista nunca está longe do pregador quando se pensa na prédica do Bispo de Hipona. Os seus sermões e as suas homilias estavam sempre em constante ação contra as heresias correntes de seu tempo. Edward L. Smither destaca, sobre esse aspecto, o seguinte: “seus sermões, quer pregando em Hipona quer noutra cidade, frequentemente eram dirigidos contra os maniqueus, os donatistas, ou os pelagianos... dessa forma proporcionava um modelo para outros líderes espirituais sobre como sustentar a sã doutrina em sua pregação”⁹⁵. Sua ação como pregador busca defender a fé e motivar outros pregadores a fazerem o mesmo. Agostinho foi um pregador apologeta e, enquanto desempenhava essa função, tornou-se modelo para os outros.

O pregador Agostinho também revela a figura de um professor, um pedagogo para sua Igreja. Segundo Possídio, o Bispo de Hipona não só pregava, mas também ensinava seus ouvintes.⁹⁶ Ele não só estava preocupado com a entrega de verdades bíblicas ou refutações aos hereges, mas se envolvia com a capacidade de seu povo aprender e aplicar o que fora aprendido. Por isso, ele pensava na entrega da mensagem de acordo com a capacidade de aprendizagem de seu público. O tempo de pregação é um exemplo dessa preocupação. A duração de suas exposições variava de dez minutos até duas horas, tudo de acordo com a realidade local, até mesmo com a temperatura do ambiente.⁹⁷ O cuidado com o ensino é constante em suas homilias. Isso também é visto na proposta dos três estilos retóricos que ele explica no livro IV de *A doutrina cristã*.

No exercício de sua função, ele buscava aplicar os três estilos retóricos visando o ensino do texto Sagrado para sua congregação a partir de estratégias retóricas que conectassem o seu público com o que ele pretendia comunicar.⁹⁸ Ele mesmo, pensando na entrega do sermão e nos estilos retóricos, diz: “O melhor até é fazê-lo, à medida que o assunto se presta a isso, e ir variando os três estilos. Pois o emprego prolongado de um só retém menos a atenção do ouvinte.”⁹⁹ Agostinho

⁹⁴ POSSÍDIO, Vida de Santo Agostinho, p. 43.

⁹⁵ SMITHER, E. L., Agostinho como mentor, p. 288.

⁹⁶ POSSÍDIO, Vida de Santo Agostinho, p.43.

⁹⁷ LAUAND, J., Os Sermões de Agostinho, p. 7.

⁹⁸ SMITHER, E. L., A história da pregação, p. 182.

⁹⁹ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 263.

está preocupado com a manutenção da atenção do ouvinte visando o melhor cenário para o ensino.

O Bispo de Hipona pregou com dedicação até mesmo quando suas forças já quase não existiam. “Até a sua última doença, na Igreja pregava a palavra de Deus ininterruptamente, com zelo e fortaleza, tendo conservado mente lúcida e julgamento correto”¹⁰⁰, essa é uma das últimas imagens de Agostinho de Hipona que Possídio deixou registrada na biografia desse eminente pregador.

¹⁰⁰ POSSÍDIO, Vida de Santo Agostinho, p. 91.

3 O estilo simples de pregação

Na sua orientação sobre a retórica sacra, Agostinho de Hipona propõem estilos distintos na entrega do conteúdo pretendido pelo pregador, começando pelo estilo simples. Nesse capítulo, esse modelo de prédica será analisado como apresentado pelo Bispo de Hipona e refletido para a prática da pregação pastoral na contemporaneidade.

A simplicidade que ele indica como modalidade retórica para o uso junto à comunidade é uma ação pastoral que visa a educação da assembleia. Agostinho demonstrará para seus leitores como a pregação deve ser um veículo de ensino, de discipulado e de conhecimento da verdade para a congregação. O pregador deve ajudar seus ouvintes no desenvolvimento da fé por meio de uma exposição que seja capaz de instruir, e assim, instrumentalizar para o exercício da fé na prática de vida. Para isso, alguns elementos devem ser observados na pregação simples o que sempre deve permanecer alinhado com a vida espiritual do pregador. Em seu texto, assim como em nossa pesquisa, os modelos retóricos não estão desassociados da vida do pastor da Igreja. O mensageiro da Palavra de Deus é alvo da mensagem que anuncia, assim como seus ouvintes.

3.1 A simplicidade que objetiva a instrução

Agostinho deixa claro em sua argumentação que estilo simples objetiva a necessidade de instrução, o que está relacionada com as ideias a serem expostas.¹⁰¹ O foco do pregador, na pregação simples, é a instrução, a passagem de conteúdo a ser ensinado aos seus ouvintes. A apresentação da verdade do texto Sagrado deve ser ensinada à Igreja, do mesmo modo em que o conteúdo da fé deve ser entendido e assimilado de modo claro.

¹⁰¹ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 233.

A simplicidade do estilo não deve ser confundida com simplismo, como se a verdade fosse reduzida em seu conteúdo, mas sim com a metodologia, como a apresentação da mensagem de modo inteligível para a congregação. O estilo simples é a forma clara de instruir o paroquiano nas verdades mais profundas da fé cristã. Por isso, ele enfatiza que a instrução marca o objetivo desse modelo retórico. Agostinho salienta: “ao visar a instrução, o orador, enquanto não for compreendido, deve julgar que ainda não disse o que pretendia dizer ao auditório que deseja ver instruído.”¹⁰² A construção retórica deve ser estruturada a partir da leitura da capacidade cognitiva da Igreja local. A apresentação da matéria de fé que se pretende apresentar à comunidade está relacionada com a capacidade da mesma em compreendê-la. O pregador, em sua exposição, deve se esforçar ao máximo para que o assunto pretendido seja assimilado em sua inteireza.

A retórica agostiniana não é separada da sua ação pastoral. Agostinho foi treinado e foi treinador da arte retórica, mas após sua conversão o seu compromisso com a comunidade foi desenvolvido e trazido para sua reflexão sobre a pregação. Não que a arte clássica que ele ensinou em Roma e em Milão deixasse de ter uma preocupação com o público ouvinte, no entanto, ainda não tinha a sensibilidade e o compromisso com a verdade ensinada e com as pessoas que estavam ouvindo. Essa percepção dos ouvintes ganha ênfase em Agostinho, mostrando que a mensagem não pode ser considerada entregue, enquanto o público não tiver compreendido o que está sendo transmitido.

O auditório ganha uma importante participação na pregação. Eles não estão ali para ficarem encantados com o que é dito de maneira bela e sofisticada, mas para aprender com o pregador da Palavra. Logo, se a compreensão do que está sendo exposto sobre a fé não está alcançando a capacidade cognitiva dos ouvintes, o mensageiro deve considerar seu trabalho inconcluso. A mensagem não foi transmitida enquanto os ouvintes não compreenderem o que o pregador intentou ensinar das Sagradas Escrituras.

Agostinho continua o raciocínio e apresenta o motivo da sua recomendação anteriormente destacada, dizendo, “Porque, ainda que ele diga o que compreendeu, não deve imaginar tê-lo dito a quem ainda não compreendeu. Ao contrário, se esse alguém compreendeu, qualquer que seja a maneira como foi dito, ele o disse de

¹⁰² AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 233.

fato.”¹⁰³ A compreensão dos seus ouvintes deve ser buscada pelo pregador sagrado. A forma de fazê-lo é secundária, é um meio de alcançar um fim, que é o entendimento das verdades que foram apresentadas na homilia.

Allan Fitzgerald afirma que Agostinho improvisava em seus sermões para deixar o conteúdo inteligível para seu auditório. Ele diz: “A qualidade improvisa, interativa de sua pregação significa que suas palavras dependem de alguma maneira dos seus ouvintes”¹⁰⁴. Sua improvisação não era negligência com o preparo do sermão, mas uma resposta atenta à necessidade de sua congregação. A improvisação surgia em resposta à reação dos ouvintes.

O Bispo de Hipona apresenta esse conceito em outra obra, buscando a simpatia pelos ouvintes e dizendo: “Tão poderoso é o sentimento de simpatia, que no momento em que eles [ouvintes] são impressionados por nós – que falamos, e nós por eles – que aprendem, habitamos uns nos outros.”¹⁰⁵ Há, na instrução clara, um elemento místico. Na pregação, no ensino da Palavra, há um relacionamento místico entre o povo de Deus, a Palavra e o pregador. Instruir é também ser participante uns dos outros.

Em seu artigo sobre a Cristologia, no comentário de Agostino sobre o texto de João 1.1, o professor André Luiz Rodrigues da Silva destaca a sensibilidade do padre com a assembleia que o escuta, “Agostinho não se preocupa com as palavras “Principium”, “Verbum” ou “Deus”. Na verdade, ele parte da constatação que há, naquela assembleia litúrgica, irmãos com diferentes graus de entendimento das Escrituras.”. Essa compreensão não correspondia a uma pluralidade de significados, mas fazia perceber graus de profundidade sobre o mesmo texto. O professor André continua, “Refere-se a uns como se pudesse entendê-lo, mesmo antes que ele terminasse a explicação. Refere-se a outros como se não o entendessem.”.¹⁰⁶

A vida do Bispo de Hipona exemplifica essa compreensão da capacidade de percepção de seus ouvintes, pois isso está em sua prática pastoral. Agostinho é muitas vezes lembrado como filósofo ou teólogo de alto grau, o que é verdade, mas não pode ser esquecido pela sua ação pastoral. Ele foi pastor de uma Igreja concreta pela maior parte de sua vida. Essa relação com a comunidade ajuda na entrega de um sermão mais real para sua assembleia. Como destaca Marcel Gustavo Alvarenga

¹⁰³ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 233.

¹⁰⁴ MECONI, D. V.; STUMP, E., Agostinho, p. 148.

¹⁰⁵ AGOSTINHO, A instrução aos catecúmenos, p. 87.

¹⁰⁶ SILVA, A. L., Elevai os olhos para os montes, p. 664.

em seu texto, “o pregador deve ter conhecimento suficiente sobre o contexto em que a comunidade vive a fim de poder estabelecer relações consolidadas entre o texto bíblico, o mistério celebrado e a vida do povo de Deus”¹⁰⁷. O vínculo do pastor com sua comunidade há de ajudá-lo no entendimento das capacidades cognitivas de seus ouvintes. O relacionamento que é construído com a realidade dos membros da Igreja é fundamental para a boa instrução.

O monge agostiniano, Martinho Lutero, refletiu sobre como esse pensamento agostiniano do relacionamento do pastor com a Igreja pode ajudar na instrução do púlpito. Ele afirma, “Devemos saber como ensinar a Palavra de Deus corretamente, com discernimento, pois existem os tipos mais diversos de ouvintes;” ele exemplifica, “há alguns abalados com medo na consciência, há perplexos e amedrontados pelos seus pecados; [...]. Estes devem ser confortados com as consolações do Evangelho.”¹⁰⁸ A leitura dos ouvintes orientará o pregador na sua exposição. Esses pontos levantados pelo reformador foram ensinados para seus alunos, que conviveram com ele não apenas à mesa, mas tiveram a oportunidade de acompanhá-lo em sua vida como pregador também. O ensino agostiniano poder ser visto tanto no ensino de Lutero quanto em sua vida. O professor Júlio César Adam, em seu artigo, afirma:

Lutero está muito preocupado com a audiência. Por isso, faz uso de uma linguagem comum, cotidiana, corriqueira, em alemão, tratando de temas relacionados às grandes questões da vida de fé e da salvação das pessoas, ou em oposição aos chamados hereges. Lutero reforça veementemente que a perspectiva do ouvinte é um dos fatores determinantes da prédica. Por isso, faz-se necessário conhecer a realidade em que se vive, conhecer as pessoas e suas vidas, e também a índole humana.¹⁰⁹

Papa Francisco na sua exortação apostólica, *Evangelii Gaudium*, afirma que um dos problemas da homilia e do seu preparo está no encontro do pregador com a comunidade. Na definição do Papa, “A homilia é o ponto de comparação para avaliar a proximidade e a capacidade do encontro de um Pastor com seu povo.”¹¹⁰ O relacionamento do pastor com a Igreja pode ser medido através de sua exposição bíblica, de modo que, quanto melhor é sua comunicação com o povo, mais próximo do seu povo ele se torna.

¹⁰⁷ ALVARENGA, M. G., Homilia e Realidade, p. 167.

¹⁰⁸ LUTERO, M., Conversas à mesa, p. 37.

¹⁰⁹ ADAM, J. C., Homilética da Reforma – Reforma da Homilética, p. 222.

¹¹⁰ EG, 135.

A distância entre o púlpito e os ouvintes deve ser encurtada para que a verdade seja instrutiva para o povo Deus. A proposta homilética e pastoral de Agostinho de Hipona está na clareza do múnus homilético, que passa pela simplicidade da exposição que é fruto da relação pastoral do pregador com sua Igreja, que é capaz de perceber a capacidade cognitiva dos que escutam a prédica.

Barraza, na sua leitura da proposta agostiniana de retórica, propõe que esse ensino, que é o da resposta ao ouvinte dentro da própria realidade, deve fazer parte da prédica contemporânea. Ouvir a comunidade não é só perceber se o conteúdo está sendo transmitido de modo inteligível, mas consiste em entender que aquilo que está sendo ensinado também está sendo útil para a vida das pessoas do auditório.¹¹¹ A instrução não se resume só na passagem de conteúdo, mas se baseia em um conteúdo que responda à realidade.

3.2

A instrução precede o convencimento

A importância da instrução é um fundamento tão importante para Agostinho, que ele desenvolve os demais estilos de pregação a partir da relação com o primeiro. O estilo simples serve de fundamento para os outros. Elementos destacados pelo Bispo de Hipona e que serão tratados posteriormente, como deleite e convencimento, não podem ter seus objetivos alcançados sem que a instrução faça parte ativa da pregação. Sobre o convencimento do auditório, ele afirma: “Contudo, se os ouvintes não sabem o que têm que fazer, é preciso antes de tudo instruí-los antes de convencê-los.”¹¹²

A pregação que começa com a tentativa de convencimento sem que o ouvinte seja devidamente instruído falhará em sua ação, pois não se pode esperar ação sem a motivação correta e que está seja devidamente esclarecida. O convencimento deve ser desejado, ele não nega isso, mas nunca às custas da boa instrução.

Agostinho vê a própria instrução como um meio de convencimento, assim afirma: “quando conhecerem esses deveres, estarão de tal modo convencidos que não será necessário convencê-los pelos recursos maiores da eloquência”.¹¹³ Para o

¹¹¹ BARRAZA, J. M. S., Observaciones introductorias de la homilética agostiniana para la predicación actual, p. 352.

¹¹² AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 234.

¹¹³ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 234.

padre da Igreja o ensino responsável da verdade do Evangelho já será por si mesmo uma forma de convencimento, ou seja, um chamado à prática do que foi ensinado durante a exposição.

Não há em seu texto uma diminuição dos outros objetivos, deleitar e convencer, mas a instrução entra como objetivo principal na tarefa do pregador. Nesse sentido, o deleite sem a instrução é mero exercício de vaidade e o convencimento sem a instrução é autoritarismo eclesial. Como Agostinho destaca, “até ideias falsas encantam, quando são claras e bem demonstradas”¹¹⁴, a beleza da fala por si só não garante a verdade, mas a verdade é apresentada quando bem instruída, claramente argumentada, com ou sem beleza retórica, com ou sem um chamado à prática ou ao convencimento.

Nesse sentido, podemos dizer, à luz do que Agostinho já deixou como reflexão até o momento, que a pregação bíblica é catequética, ou seja, visa instruir a Igreja na santa Palavra de Deus. No *De Catechizandis Rudibus*, escrito para um diácono responsável pelo catecumenato na Igreja de Cartago, Deogratias, sobre a catequese, Agostinho faz diversas referências à pregação como modelo catequético.¹¹⁵ Para ele a função do ministro está em apresentar as verdades de Deus de modo que possa ser aprendida. Nessa obra, ele chega a recomendar até mesmo cadeiras para que as pessoas não se distraíam na hora do ensino pelo cansaço de um dia laborioso.

O ministério de Agostinho foi construído como de um grande catequista. Em um artigo sobre a pedagogia do Bispo de Hipona, Antônio Patativa de Sales, afirma: “Como pensador, e pelo modo como procurou conciliar a fé com o entendimento [...], é impossível não notar aí a sua posição em relação ao tema da educação, intrinsecamente vinculada à catequese.”¹¹⁶ A instrução catequética não fazia parte só de seus sermões, mas de sua vida. Tal prática influenciou a Igreja cristã em suas diversas tradições.

A exposição da Palavra de Deus como meio catequético pode ser encontrado nas diversas tradições cristãs até hoje. O Catecismo da Igreja Católica diz:

¹¹⁴ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p.235.

¹¹⁵ Um exemplo disso está quando ele consolando o diácono sobre momentos que o ensino não agrada o ouvinte, ele diz: “Também a mim me desagradava quase sempre o meu sermão”. AGOSTINHO, A instrução aos catecúmenos, p. 51.

¹¹⁶ SALES, A. P., Preparação para a vida, preparação para a morte, p. 171.

O estudo das Páginas sagradas deve ser como que a "alma" da sagrada teologia. Também o ministério da Palavra, isto é, a pregação pastoral, a catequese, e toda a espécie de instrução cristã, na qual a homilia litúrgica deve ter um lugar principal, com proveito se alimenta e santamente se revigora com a palavra da Escritura.¹¹⁷

O Catecismo Maior de Westminster, usando por Igrejas Presbiterianas e Reformadas, na sua 159ª pergunta sobre “Como a Palavra de Deus deve ser pregada por aqueles que para isto são chamados?”, responde,

“Aqueles que são chamados a trabalhar no ministério da palavra devem pregar a sã doutrina, diligentemente, em tempo e fora de tempo, claramente, não em palavras persuasivas de humana sabedoria, mas em demonstração do Espírito de Deus; sabiamente, adaptando-se às necessidades e às capacidades dos ouvintes; zelosamente, com amor fervoroso para com Deus e para com as almas de seu povo; sinceramente, tendo por alvo a glória de Deus e procurando converter, edificar e salvar as almas.¹¹⁸

O Catecismo Puritano, que foi compilado por Charles Haddon Spurgeon, pregador Batista inglês, usado por algumas Igrejas Batistas, quando trata de como os crentes devem viver, ele diz que é por meio da Palavra ensinada que o povo de Deus pode glorificá-lo.¹¹⁹ Por fim, um recente catecismo escrito por alguns pastores e teólogos de diversas denominações históricas protestantes, Catecismo Nova Cidade, diz na apresentação da obra,

Os catecismos eram escritos com pelo menos três propósitos. O primeiro era apresentar uma exposição abrangente do evangelho — não só para explicar claramente o que é evangelho, mas também para mostrar os elementos constitutivos em que se baseia, como, por exemplo, as doutrinas bíblicas de Deus, da natureza humana, do pecado, e assim por diante. O segundo propósito era fazer essa exposição de um modo que os erros, as heresias e as falsas crenças da época e da cultura fossem abordadas e contrapostas. O terceiro propósito, mais pastoral, era formar um povo distinto, uma contracultura que refletisse a semelhança de Cristo, não somente no caráter do indivíduo, como também na vida comunitária da Igreja.¹²⁰

¹¹⁷ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. V, 32. Acesso em: <https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s1c2_50-141_po.html#ARTIGO_3_> em: 27 de novembro de 2021.

¹¹⁸ CATECISMO MAIOR DE WESTMISTER, 159. Acesso em: <http://www.monergismo.com/textos/catecismos/catecismomaior_westminster.htm> , em: 27 de novembro de 2021.

¹¹⁹ UM CATECISMO PURITANO, pergunta 2. Acesso em: <https://spurgeononline.com.br/wp-content/uploads/2021/09/Um_Catecismo_Puritano_Com_Provas-Spurgeon.pdf>, em: 27 de novembro de 2021.

¹²⁰ KELLER, T.; HANSEN, C., Devocional do Catecismo Nova Cidade, p. 9.

Vemos que a orientação de Agostinho sobre a pregação como finalidade instrutiva marca a história da Igreja em seu ensino. A catequese também ocorre de tal modo que a Palavra é proferida do púlpito para a comunidade reunida.

A pregação deve ser resgatada como esse elemento instrutivo no ceio da Igreja, como veículo importantíssimo para orientar o povo de Deus no Evangelho da graça. O seu espaço educacional deve ser resgatado na vida comunitária. O ofício do pregador não deve ser diminuído a um ornamento litúrgico, a uma palestra motivacional, a uma voz de comando para um autoritário que visa a obediência irrefletida, mas serve como ferramenta para iluminar a mente do povo na compreensão clara das grandezas de Deus registradas nas Sagradas Escrituras. A pregação é o ensino das Escrituras Sagradas para a vida do povo de Deus.

Jonathan Leeman, em seu livro *A Igreja Centrada na Palavra*, analisando o perigo de exageros criativos nos púlpitos das Igrejas em detrimento do ensino, afirma: “Deus fala por meio de nós sempre que relatamos com clareza e modéstia o que ele já disse na Bíblia. Os pregadores devem expor a mensagem de Deus, de forma simples e direta.”¹²¹ O orador estará cumprindo a sua função como deve quando seu principal objetivo é clarear a compreensão do povo sobre os princípios bíblicos que estão na Bíblia Sagrada.

A orientação agostiniana sobre a instrução ser o principal objetivo do pregador é muito útil para combater o risco contemporâneo de pregadores que buscam somente entreter os auditórios, como analisou Leeman. O elemento pastoral, ou seja, o cuidado do povo de Deus, está sempre presente na vida de um pregador que busca instruir sua comunidade. Como disse Timothy Keller, “A pregação sadia brota de dois amores – amor à Palavra de Deus e amor às pessoas –, e de ambos brota o desejo de mostrar às pessoas a graça gloriosa de Deus.” Ele conclui da seguinte forma, “Portanto, [...] o comunicador deve proporcionar bons momentos e matéria para a reflexão ao apresentar a verdade de forma precisa, explicitando-a para o coração e para a vida dos ouvintes”.¹²² A Igreja será edificada por pregações que iluminam a mente do auditório e isso ocorrerá por exposições que objetivem a instrução bíblica.

¹²¹ LEEMAN, J., *A Igreja centrada na Palavra*, p. 121.

¹²² KELLER, T., *Pregação*, p. 16.

3.2.1

A instrução busca apresentar a verdade com clareza

Compreendido o local da instrução na pregação, ou melhor, entendendo a homilia como ferramenta instrutiva, catequética, orientadora, para vida da comunidade, o passo sucessivo de ajuste prioritário é colocá-la em prática na pregação. Isso ocorre pela clareza na exposição. A compreensão da verdade é prioridade para Bispo de Hipona. Em seu texto, ele apresentará formas de ser claro para a boa instrução da Igreja. Ocorre perceber como deixar a instrução conduzir a relação do pregador com a comunidade por meio de elementos que tornam clara a sua argumentação.

A primeira orientação de Agostinho está não seguir modelos obscuros de discurso, mesmo que sejam das Escrituras. Ele orienta, “Não devemos, contudo, crer que é preciso imitar esses escritores [bíblicos] nas passagens onde se exprimiram com obscuridade”.¹²³ Nesse sentido, os autores bíblicos tiveram propósitos específicos para escrever dessa forma, autoridade que outros não têm.¹²⁴ Assim, o pregador deve ser marcado pela clareza e não pelo obscurantismo, mesmo quando os recursos literários mais obscuros forem utilizados de forma útil para despertar a curiosidade das pessoas.

A segunda orientação sobre a clareza está na leitura do auditório, na capacidade de compreensão do que será exposto. Esse elemento referido por Agostinho confronta o ego do pregador, pois, mesmo que diante da sua tarefa de interpretar o texto bíblico se depare com uma questão profunda, não a deve levar para o púlpito, a não ser que se apresente como algo urgente, mas, mesmo assim, só raramente é aconselhável.¹²⁵

Isso não significa negligência com a verdade aprendida, pois o Bispo de Hipona orienta: “Por mais difíceis que sejam as verdades sobre as quais já temos conhecimento, não devemos poupar esforço algum, em nossos diálogos, para dar a conhecê-las aos outros”.¹²⁶ Nesse sentido, a clareza está no esforço para intérprete e para o expositor bíblico em deixar inteligível a profundidade da verdade para seu povo. A clareza é pastoral no diálogo do pastor com a comunidade.

¹²³ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 228.

¹²⁴ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 228.

¹²⁵ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 229.

¹²⁶ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 229.

A clareza é mais necessária na pregação do que na conversa comum, já que na Igreja os ouvintes não podem fazer perguntas. O pregador deve observar a reação do auditório: se ela não aparece, passe imediatamente a outro tema, coisa difícil se o sermão foi literalmente preparado e aprendido de memória. Nesse caso, o orador deve usar de citações da Escrituras, conhecidas e favoritas, sempre tendo em vista que se quer é abrir o sentido, o que às vezes se faz apenas com uma chave mestra de madeira: mas se se tem uma chave de outro, ótimo, desde que ela sirva na fechadura.¹²⁷

Outra recomendação agostiniana para a clareza na comunicação da verdade está na linguagem. Agostinho pergunta, “de que serve a pureza da linguagem, se a inteligência do auditório não acompanha?”¹²⁸ A resposta dele a essa pergunta se conjuga dessa maneira: “Não devemos absolutamente nenhuma razão de falar, se aqueles a quem nos dirigimos para nos fazer compreender não compreendem o que dizemos. Portanto, o mestre evitará toda a palavra que não ensine.”¹²⁹ A preocupação não deve ser só com a profundidade da verdade, mais também com as palavras que serão usadas na exposição. A simplicidade instrutiva também está na inteligibilidade do discurso.

A beleza retórica também é destacada como elemento que colabora para a compreensão da verdade exposta. O foco não está em um modelo de sermão que agrada, ponto que será analisado quando tratarmos de estilo moderado, mas em facilitar a compreensão dos ouvintes. Agostinho destaca, “na sua função de instruir, a eloquência consiste em falar não para tornar agradável o que desagradava, nem para fazer ser cumprido o que repugnava, mas para tornar esclarecido o que estava obscuro.”¹³⁰ A estética do sermão ou a pregação cativante não são um fim em si mesmo, mas um veículo para deixar os princípios bíblicos estudados e compreendidos pelo intérprete, acessíveis ao seu auditório. O Bispo de Hipona reconhece que somente alguns são capazes de aprender em uma exposição que não carregue alguma beleza retórica. Ele chama esses de “bons espíritos”, que são os capazes de “amar nas palavras da verdade e não as próprias palavras”.¹³¹ Mas conclui seu pensamento a partir de uma ilustração, dizendo que mais importante é

¹²⁷ CAMELLO, M. J. O., Um encontro com Agostinho, pastor de Hipona, p. 85.

¹²⁸ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 230.

¹²⁹ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 230.

¹³⁰ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 232.

¹³¹ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 232.

abrir portas, mesmo que sejam com chaves de madeira, pela pregação simples, do que ter uma chave de ouro, pela pregação bela, que não abre fechaduras.

Um dos perigos do orador exageradamente criativo está em confundir o ensino claro das Escrituras com a exposição de sua criatividade retórica por si mesma. Essa é a preocupação Jonathan Leeman, pastor e pregador Batista, ele afirma: “É errado usar criatividade nos sermões? Não. Mas eu diria que devemos ter cuidado com a criatividade. Afinal, o que edifica – nossas ideias criativas ou a Palavra de Deus?”¹³². Sua preocupação está no modelo de pregação, que ele mesmo chegou a praticar, que está preocupado em apresentar peças retóricas que agradem o público, mesmo que o princípio bíblico pregado fique obscuro.

Essa preocupação de Leeman sobre a comunicação que visa a apresentação clara do texto Sagrado para a comunidade marca a vida do que ele chama de “pregador humano”,¹³³ que é a pessoa comprometida com a Palavra de Deus e com seus ouvintes e, por isso, deseja comunicar os ensinamentos da Escritura Sagrada de modo relevante para seu auditório. A humanidade do pregador está em deixar o seu desejo comunicar suas ideias para falar humildemente os oráculos de Deus.

A pregação cristã deve zelar pela clareza da exposição da verdade do Evangelho de Jesus Cristo. O papa emérito, Bento XVI, no documento *Verbum Domini*, alerta os pregadores sobre homilias sombrias em suas apresentações, ele diz: “Devem-se evitar tanto homilias genéricas e abstratas que ocultam a simplicidade da Palavra de Deus, como inúteis divagações que ameaçam atrair a atenção mais para o pregador do que para o coração da mensagem evangélica”.¹³⁴ A exposição genérica é um risco ao obscurantismo, pois não há clareza objetiva deixando o povo vago em seus pensamentos e aplicações; já a abstração exercida nunca entra na vida da Igreja e alça patamares intelectuais que poucos podem acompanhar. O pregador claro construirá e exporá sua prédica de forma objetiva e prática visando acessibilidade de seus argumentos.

¹³² LEEMAN, J. A Igreja centrada na Palavra, p. 120.

¹³³ LEEMAN, J., A Igreja centrada na Palavra, p. 121-122.

¹³⁴ VD, 59.

3.3

A vida de piedade como pressuposto da pregação

Nesse ponto, faz-se necessária uma digressão por um elemento fundamental para a vida do pregador que deve ser aplicado em cada método apresentado por Agostinho, isto é, a sua vida de piedade como base de sua pregação. O Bispo de Hipona atribui um papel importante na prática da pregação, ele diz:

Assim, o nosso orador age eficazmente quando fala da justiça, da santidade e da virtude, aliás ele não deve falar sobre outra coisa. Faz tudo o que lhe é possível ao tratar desses assuntos, de maneira a ser entendido, apreciado e obedecido. E não duvide que se pode fazê-lo e o quanto pode, consegui-lo-á, mais pela piedade de suas orações do que por seus talentos de orador. Assim, orando por si e por aqueles a quem falará, deve ser orante, antes de ser orador. À medida que se aproxima a hora em que usará da palavra e antes de tomá-la, que eleve sua alma sedenta a Deus, para saber derramar para fora o que hauriu, e comunicar o de que se impregnou.¹³⁵

A tarefa de pregar para a comunidade de fé não é vista por Agostinho como um exercício de técnicas e formas para ser bem-sucedido, mas com um chamado de Deus para comunicar as verdades divinas para o seu povo. Por isso, ele destaca a vida de piedade do orador eclesiástico como fundamental para o bom exercício da pregação. Como reforça Camello, ao analisar o texto de Agostinho,

A última recomendação de Agostinho é que o orador deve viver o que prega, porque os homens se convencem mais com os exemplos do que com as palavras. O efeito se enraíza na verdade e as ideias expressas são propriedade de Deus. Por isso, é preciso orar antes de pregar, a exemplo da rainha Ester, que antes de se dirigir ao rei para lhe pedir a salvação de seu povo, rezou a Deus para que pusesse em seus lábios as palavras convenientes (Ester 4, 17s; 14,13). Se ela fez assim, mais devem rezar para obter graça semelhante os que “no ministério da palavra e da instrução” (1 Tm 5, 17) trabalham para a salvação eterna dos homens. O pregador rogue por si mesmo, pelos que transmitiram o discurso, por todos os que mais tarde vão ler seu sermão e, finalmente, pelo autor de quem, porventura, tomou emprestado seu discurso. Deve-se a Deus qualquer sucesso, porque “em suas mãos estamos nós e nossas palavras”.¹³⁶

A oração recomendada por Agostinho é comunitária, pois agrega tanto o pregador quanto o seu público. O Bispo recomenda a espiritualidade exercida em comunhão, reconhecendo a dependência de Deus para que possa falar sobre as verdades da Escritura, assim como iluminando o auditório para a compreensão do que será exposto.

¹³⁵ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 238.

¹³⁶ CAMELLO, M. J. O., Um encontro com Agostinho, p. 87.

A oração não é o único ponto que é destacado por Agostinho para a vida do pregador. O aprendizado que é esperado do povo começa na vida daquele que expõem a verdade. Ele diz: “quem quiser conhecer e ensinar deve, na verdade, primeiramente aprender tudo o que é preciso ensinar, e adquirir o talento da palavra que convém a homem da Igreja”.¹³⁷ O esperado do pregador é a simetria do discurso, que é caracterizada por aquilo que é ensinado também é vivido pelo que anuncia. O pregador deve ser alguém, que antes dos seus ouvintes, experimentou o poder transformador da Palavra de Deus. Essa preocupação também foi sinalizada pelo Papa Francisco, na sua Exortação Apostólica, *Evangelli Gaudium*, de onde podemos ler:

Quem quiser pregar, deve primeiro estar disposto a deixar-se tocar pela Palavra e fazê-la carne na sua vida concreta. Assim, a pregação consistirá na actividade tão intensa e fecunda que é “comunicar aos outros o que foi contemplado”. Por tudo isto, antes de preparar concretamente o que vai dizer na pregação, o pregador tem que aceitar ser primeiro trespassado por essa Palavra que há-de trespassar os outros, porque é uma Palavra *viva e eficaz*, que, como uma espada, “penetra até à divisão da alma e do corpo, das articulações e das medulas, e discerne os sentimentos e intenções do coração” (*Heb 4, 12*). Isto tem um valor pastoral.¹³⁸

Os frutos da pregação cristã começam na vida do ministro do Evangelho de Jesus. A sua experiência com a Palavra de Deus está conectada com seus sermões. Ninguém oferece o que não tem. Bento XVI, pensando em Agostinho de Hipona, escreveu: “O pregador deve deixar-se “interpelar primeiro pela Palavra de Deus que anuncia”, porque – como diz Santo Agostinho – “seguramente fica sem fruto aquele que prega exteriormente a Palavra de Deus sem escutar no seu íntimo”.¹³⁹ O vida de piedade do pregador começa pela disposição em alimentar-se com aquilo que ele pretende posteriormente oferecer à sua comunidade.

3.3.1 O pregador deve ser um aprendiz piedoso

O ofício do pregador da Igreja deve ser encarrado com muita responsabilidade, segundo o Bispo de Hipona, por meio de uma seriedade que deve ser levada em consideração antes mesmo da entrega do sermão e do seu preparo

¹³⁷ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 239.

¹³⁸ EG, 150.

¹³⁹ VD, 59.

para a homilia dominical. A formação do pregador se dá antes de subir ao púlpito da Igreja que pastoreia. Agostinho, diz: “Logo, quem quiser conhecer e ensinar deve, na verdade, primeiramente aprender tudo o que é preciso ensinar, e adquirir o talento da palavra como convém a homem da Igreja.”¹⁴⁰ O desenvolvimento desse talento ocorre levando alguns elementos em consideração, como: o aprendizado que vem dos próprios autores sagrados, da escuta de bons modelos de pregador e uma vida de piedade. Os pontos destacados não representam toda a orientação agostiniana, mas são valorizados na sua obra em destaque.

Sobre seguir os autores sagrados, faz a seguinte recomendação: “Reconheçamos, pois, que nossos autores canônicos são, na verdade, não somente sábios, mas eloquentes, e de eloquência bem apropriada à sua personalidade.”¹⁴¹ Tal orientação aos futuros pregadores não são só palavras isoladas, pois ele busca demonstrar, analisando os textos sagrados, como os autores bíblicos fornecem o conteúdo para o aprendizado da entrega dos sermões.

A preocupação agostiniana pode ser vista também em John Robert Walmsley Stott, teólogo e ministro anglicano muito relevante no *evangelicalismo* do final do século XX e início do XXI. Ele diz: “visto que o pastor cristão é chamado primariamente ao ministério da Palavra, o estudo da Escritura é uma das suas responsabilidades principais”¹⁴². O teólogo entendia como fundamental para formação do pregador um estudo continuado para o bom exercício do ministério com o aprofundamento constante na Bíblia Sagrada.

No processo de desenvolvimento do pregador, também são valorizadas a escuta e a imitação de bons modelos de pregador e pregação. Sobre esse processo formador do expositor, ele destaca: “Se é certo que as crianças só se põem a falar escutando as palavras [...], por que alguém se poderia tornar eloquente sem receber noção de arte oratória, contentando-se em ler, escutar e, [...], em imitar os bons oradores?”¹⁴³ Na convivência com bons paradigmas de pregação a escuta, a leitura e a imitação são tomadas na sua apresentação como meios pedagógicos de aprendizado do orador.

A leitura é um dos elementos destacados pelo Bispo de Hipona como meio para formação de pregadores piedosos. Quando trata sobre em que momento ou em

¹⁴⁰ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 239.

¹⁴¹ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 227.

¹⁴² STOTT, J., Eu creio na pregação, p. 193.

¹⁴³ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 210.

que idade deve começar o ensino da eloquência, o que para ele não tem idade certa, mas espírito vivo, mesmo que valorize a adolescência, ela menciona a leitura de bons oradores como forma de aprender.¹⁴⁴ Ele chega a destacar que “não faltam obras – sem contar as Escrituras canônicas, salutarmente colocadas no ápice da autoridade – por cuja leitura um homem bem dotado pode penetrar, além do seu conteúdo, no estilo das mesmas.”¹⁴⁵ O próprio Agostinho deixou seus sermões registrados e, ainda hoje, podem ser consultados, lidos e estudados pelos pregadores.

O registro de sermões para leituras posteriores ainda movimentava o mercado editorial. Há registros dos sermões de Agostinho, Padre Antônio Vieira, João Calvino, Martinho Lutero, Charles Haddon Spurgeon, além de pregadores contemporâneos, como: Hernandes Dias Lopes, Augustus Nicodemos, Jonas Madureira, para mencionar alguns do cenário protestante brasileiro. Só que por mais que ainda seja publicada obras com modelos de pregações, algumas adequadas à linguagem escrita, o volume de circulação dessas obras é baixo, em comparação com os livros mais vendáveis do mercado. Talvez a recomendação da leitura de bons oradores deva ser um ponto a ser destacado para o bom desenvolvimento da pregação no cenário contemporâneo.¹⁴⁶

No desdobramento de sua reflexão sobre a leitura como meio de aprender a eloquência desejada pelo pregador da Igreja, Agostinho apresenta também o aprimoramento da arte da escrita. Ele comenta que é preciso que o pregador “não se contente de ler somente, (mas) também (deve) se exercitar a escrever, a ditar, a compor, a expor suas ideias conforme a regra de fé e piedade”¹⁴⁷. O Bispo apresenta um exercício decorrente da leitura, que é a formulação das próprias reflexões do aprendiz. A leitura deve ser seguida pela escrita reflexiva, pela composição das próprias reflexões do pregador, como uma espécie de reverberação do conteúdo

¹⁴⁴ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p.209.

¹⁴⁵ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 209-210.

¹⁴⁶ A loja virtual Amazon, uma das maiores empresas de *e-commerce* do mundo, segundo o Tecmundo (canal de notícias sobre tecnologia), tem um ranking dos livros mais vendidos em sua plataforma. Com o propósito de fornecer dados para a pesquisa serão destacadas algumas obras que registram sermões e seu ranking na plataforma. O box de livros sobre os sermões de C. H. Spurgeon está na Nº 52.092 posição; Sermões de Antônio Vieira, Nº 46.445; Sermões de João Calvino, Nº 8.240; Box Comentário Ao Evangelho E Ao Apocalipse De São João de Agostinho, Nº 39.677. Dados coletados no dia 02 de dezembro de 2021 às 18:19.

¹⁴⁷ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 210.

absorvido do livro que está sendo estudado. Ler sermões e escrever sermões faz parte da formação agostiniana de um pregador eloquente que servirá à Igreja.

A escuta é trazida do universo do aprendizado infantil e da própria experiência de Agostinho. Quando ele fala da sua limitação na língua grega comparada à latina, que domina, usa essa linguagem da escuta contínua como meio de formá-lo como falante. O Bispo de Hipona, quando escrevendo para Deogracias, diácono cartaginês, sobre o ensino das Escritas aos catecúmenos em sua obra *De Catechizandis rudibus*, diz: “Se algo te agradou em nós e te levou a procurar ouvir de nós alguma observação sobre tua pregação, mais aprenderias vendo-nos e ouvindo-nos em ação, que lendo o que escrevemos”¹⁴⁸.

A escuta com atenção e observação servirá, até mais que leitura, na formação de pregador. Ler e escrever são veículos de formidável evolução no desenvolvimento da boa retórica, mas o convívio com o bom orador e vê-lo no exercício de sua prédica compõem uma excelente sala de aula. Agostinho pôde experimentar isso com o próprio Bispo Ambrósio, quando frequentou a Igreja de Milão.

Agostinho talvez execute um plano pedagógico em vista do desenvolvimento do pregador. Suas ênfases recaem sobre a escuta, a leitura, a escrita e a produção, com base em um mimetismo não restritivo, pois a imitação não se apresenta como reprodução, mas como modelo para o progresso e para a formação do pregador. Assim, os modelos servem de paradigmas metodológicos para a atividade homilética.

Levar em consideração os desenvolvimentos apresentados por Agostinho no processo de preparo para o sermão ajudará a evitar as homilias despreparadas ou improvisadas. Marcel Gustavo Alvarenga apresenta essa preocupação em seu artigo, destacando que “igualmente errônea é a atitude do pregador que não se dedica ao estudo e à meditação dos textos bíblicos, improvisando o conteúdo de seu discurso”¹⁴⁹. A Igreja precisa de pregadores que assumam a responsabilidade de um estudo dedicado sobre as Escrituras Sagradas.

Em um artigo sobre a Homilética como ferramenta de pregação e comunicação o Dr. Jilton Moraes, professor de pós-graduação da Faculdade Teológica Batista Equatorial, faz o seguinte diagnóstico sobre a pregação no Brasil

¹⁴⁸ AGOSTINHO, Instrução dos catecúmenos, p. 101.

¹⁴⁹ ALVARENGA, M. G., Homilia e realidade, p. 163.

do século XX: “A terrível constatação é que o púlpito hoje já não alimenta as pessoas. E o motivo do sermão haver sido rebaixado [...] é o abandono da Bíblia como fonte única para a elaboração e a comunicação no púlpito.”¹⁵⁰ Diante dessa análise desafiadora, com sua proposta sobre o pregador ser um aprendiz piedoso da Palavra de Deus, Agostinho consegue contribuir bastante para mudar o cenário de aridez dos púlpitos contemporâneos, colaborando para a reflexão de uma formação bíblica mais substancial, assim como, para uma formação continuada dos pregadores, desenvolvendo mensageiros bíblicamente bem formados e aprendizes contínuos de uma espiritualidade saudável que abençoa a Igreja com suas prédicas robustas.

3.3.2

O pregador deve ter consciência da grandeza do que anuncia

Agostinho, no trecho de sua obra que trata da importância da pregação, traça um paralelo dos estilos que ele extraiu de Cícero, simples, moderado e sublime, mas apresenta uma distinção muito importante quando o assunto é a pregação do Evangelho. Para o retórico pagão os estilos estavam vinculados à importância da causa, sendo o estilo simples para assuntos corriqueiros do tribunal, o estilo moderado para causas mais importantes enquanto, enfim, o estilo sublime era útil para julgamentos sobre liberdade e destino da vida humana.

A distinção entre a retórica pagã e a sacra, segundo aquilo que Agostinho sinaliza, é importante, porque a sua estruturação dos estilos não está vinculada à hierarquia das causas, mas à forma de apresentar a mensagem de modo mais claro, objetivando o convencimento. Para ele, toda a pregação é sobre grandes assuntos, pois está tratando do destino eterno das pessoas.

Em nossas reuniões, ao contrário, considerando que todos os assuntos se estendem – sobretudo quando falamos ao povo, mantendo-nos em lugar mais elevado – a respeito da salvação eterna dos homens e não sobre a temporal; e sobretudo considerando que pomos os homens em guarda contra a morte eterna, nós não tratamos a não ser de grandes assuntos.¹⁵¹

¹⁵⁰ MORAES, J., Homilética.

¹⁵¹ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 242-243.

A compreensão de que a verdade da Palavra de Deus é maior que o pregador, além de estar vinculada ao destino eterno das pessoas, apresenta uma reflexão importante para a arte da prédica, que é a responsabilidade de entender essa grandeza com humildade, ou seja, com submissão ao texto bíblico. Com isso, o homileta deve abandonar o desejo de pregar suas próprias ideias e, em humildade, se submeter às ideias da Palavra. A exegese, interpretação do texto a partir de seus próprios conceitos, é substituída por uma postura de aprendiz da Bíblia¹⁵², reconhecendo assim, a grandeza do que está anunciando ao seu público e para sua própria vida, experimentando antes de todos, a majestade da verdade que será proclamada.

O conceito agostiniano de verdade deve ser lembrado nesse momento. Embora não queiramos debater aqui se o conhecimento da verdade pode ser alcançado,¹⁵³ ocorre compreender aquilo que o Bispo de Hipona pensava sobre a verdade, principalmente, na sua relação com as Escrituras Sagradas. Para Agostinho, a verdade está em Deus e, por isso, para que o homem possa contemplá-la, só a graça divina pode ajudá-lo.¹⁵⁴ A Escritura está relacionada com a verdade em seu pensamento, pois, por meio dela, o conhecimento de Deus e sua vontade é possível. Nas *Confissões*, ele afirma: “A veracidade bíblica parecia-me tanto mais venerável e digna de fé sacrossanta, quanto era claro que, possuindo a Escritura a qualidade de ser facilmente lida por todos os homens, reservava a dignidade de seus mistérios para uma percepção mais profunda.”¹⁵⁵ Agostinho vê a Bíblia como autoridade divina. Para ele, vacilar nessa crença é abalar toda a fé. Ele afirma: “Ora, a fé cambaleará se a autoridade das Escrituras vacilar. E cambaleando a fé, a caridade por sua vez, enfraquecer-se-á.”¹⁵⁶ Nesse sentido, a manutenção da fé na Bíblia Sagrada é importantíssima para compreensão da verdade e, por meio dela, o aprimoramento na vida piedosa.

A forma que Agostinho vê a Escritura Sagrada se destaca não só na obra em análise – *A Doutrina cristã* – mas marca a sua vida. Ir. Nair de Assis Oliveira, na

¹⁵² ALVARENGA, M. G., Homilia e realidade, p. 164.

¹⁵³ Como recomendação para o conhecimento da epistemologia agostiniana as seguintes obras podem ser observadas: Introdução ao estudo de Santo Agostinho de Étienne Gilson; Agostino de David Vincent Meconi e Eleonore Stump; Conhecimento, ciência e verdade de Marcos Roberto Nunes Costa; para citar alguns.

¹⁵⁴ COSTA, M. R. N., Conhecimento, ciência e verdade em Santo Agostinho, p.496.

¹⁵⁵ AGOSTINHO, *Confissões*, p. 130.

¹⁵⁶ AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 79.

introdução da obra agostiniana anteriormente citada, fala da seguinte forma sobre Agostinho e a Bíblia Sagrada,

Agostinho atesta de mil maneiras seu grande amor pelos livros santos. Nas *Confissões* afirma desejar fazer deles as suas delícias: *Sint castae deliciae meae Scripturae tuae* (*Conf. XI, 2,3*). Toda a obra agostiniana deve à Palavra de Deus sua carne, seu sangue e a medula de seus ossos. Essa imagem, aliás, é de sua autoria. O essencial de tudo o que nos legou, a substância mais íntima de seus escritos compostos desde seu episcopado vem das divinas Escrituras. De fato, com dificuldade encontrar-se-á homem que tenha sido mais profundamente penetrado pela Bíblia do que foi Agostinho. Orígenes é o vidente erudito. Jerônimo, o sábio conhecedor das três línguas bíblicas, o exegeta de métodos científicos. Agostinho, o homem que lê a Escritura com toda a fé. Desde os dias do retiro de Cassiciaco até a sua morte, viveu “na” Bíblia.¹⁵⁷

A Escritura Sagrada era vista como algo grandioso por ser a Palavra de Deus. Logo, o pregador deve se aproximar dela, que será a fonte de seu sermão, consciente de sua importância. Agostinho deixa isso claro na abertura de sua obra, quando afirma: “Há duas coisas igualmente importantes na exposição das Escrituras: a maneira de descobrir o que é para ser entendido e a maneira de expor com propriedade o que foi entendido.”¹⁵⁸

Essa concepção de majestade da Escritura não marca só o pensamento agostiniano, mas ao longo da história do cristianismo a Bíblia recebeu essa valorização, nas mais diversas orientações cristãs.

Na fé cristã católica de Roma, a Bíblia é fundamental para a Igreja e os fiéis. A Constituição Dogmática, *Dei Verbum* sobre a revelação divina afirma:

A Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na sagrada Liturgia, de tomar e distribuir aos fiéis o pão da vida, quer da mesa da palavra de Deus quer da do Corpo de Cristo. Sempre as considerou, e continua a considerar, juntamente com a sagrada Tradição, como regra suprema da sua fé; elas, com efeito, inspiradas como são por Deus, e exaradas por escrito duma vez para sempre, continuam a dar-nos imutavelmente a palavra do próprio Deus, e fazem ouvir a voz do Espírito Santo através das palavras dos profetas e dos Apóstolos. É preciso, pois, que toda a pregação eclesial, assim como a própria religião cristã, seja alimentada e regida pela Sagrada Escritura. Com efeito, nos livros sagrados, o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro de Seus filhos, a conversar com eles; e é tão grande a força e a virtude da palavra de

¹⁵⁷ OLIVEIRA, N. A., In. AGOSTINHO., A doutrina cristã, p. 20.

¹⁵⁸ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 42. Na edição utilizada, esse perícopo citada vem com a seguinte nota de rodapé: “Agostinho fornece de maneira inequívoca o duplo objetivo da obra: 1) mostrar com se realiza a descoberta da verdade e 2) como esta deve ser exposta”. Assim como os editores da obra de Agostinho, a presente pesquisa segue a mesma linha de pensamento, que para o autor que na Bíblia se encontra a verdade e dele se expõe a verdade.

Deus que se torna o apoio vigoroso da Igreja, solidez da fé para os filhos da Igreja, alimento da alma, fonte pura e perene de vida espiritual. Por isso se devem aplicar por excelência à Sagrada Escritura as palavras: «A palavra de Deus é viva e eficaz» (Hebr. 4,12), «capaz de edificar e dar a herança a todos os santificados», (Act. 20,32; cfr. 1 Tess. 2,13).¹⁵⁹

Para Lutero, a “palavra é a Sagrada Escritura. Mas, para ele, a Sagrada Escritura não é simplesmente a palavra de Deus, mas sim o registro mais importante da Palavra de Deus.”¹⁶⁰ Por isso, “a pregação da Palavra de Deus é o meio através do qual toda a vida de fé e toda a vida da Igreja se tornam realidade.”¹⁶¹ Os elementos fundamentais da vida comunitária e da vida de piedade do cristão estão fundamentados na Escritura, por isso, o pregador sempre está tratando em sua prédica de assuntos grandiosos.

João Calvino também apresenta a Escritura Sagrada como tratando de assuntos sublimes. Tratando da salvação do ser humano e do conhecimento de Deus, elementos fundamentais da fé, ele diz: “a consciência de que é na Escritura que Deus criador torna-se patente para nós e de que é ela deva expor o que devemos sentir a seu respeito, a fim de que não busquemos por circunlóquios alguma divindade incerta”.¹⁶² Para o reformador de Genebra, os textos Sagrados da fé cristã, que é o material exposto pelo pregador, tratam de assuntos que são capazes de orientar nossas afeições para Deus e desviar o caminho dos fieis da idolatria. O relacionamento da Igreja e Deus é orientado por meio da Palavra de Deus.

A compreensão do que é a Palavra de Deus traz ao pregador o peso da responsabilidade da sua função de modo a torná-la patente na vida e na teologia daquele que é pregador da Igreja. Ele não comunicará meras palavras para o auditório, como um conjunto de ideias sem grandeza, mas está lidando com assuntos que falam sobre o destino eterno dos homens, sobre redenção, sobre consumação de existência, sobre juízo final, ou seja, tratará de grandes assuntos.

Isso não torna mais fácil a tarefa de pregar na contemporaneidade, já que vivemos em uma cultura que está cada vez mais desconfiada com a autoridade e, em muitos sentidos, cheia de obstáculos em relação às autoridades religiosas.¹⁶³ Só que isso não significa que a grandeza do que é anunciado mudou. O pregador deve

¹⁵⁹ DV, 21.

¹⁶⁰ ADAM, J. C., Homilética da Reforma – Reforma da Homilética, p. 217.

¹⁶¹ ADAM, J. C., Homilética da Reforma – Reforma da Homilética, p. 217.

¹⁶² CALVIN, J., A instituição da religião cristã, p. 67.

¹⁶³ KELLER, T., Pregação, p. 53.

se manter comprometido com as convicções sobre a verdade que proclama, pois, segundo Agostinho, o destino eterno de seu auditório está em questão.

“A Palavra de Deus, trabalhando por meio do Espírito de Deus, é a força mais poderosa no universo e na Igreja. Pai, Filho e Espírito colaborando maravilhosamente para derramar seu poder por meio do discurso”¹⁶⁴, são as palavras com que Jonathan Leeman conclui o primeiro capítulo de seu livro, quando trata da importância e poder da Palavra de Deus. Segundo ele, Deus está agindo por meio de palavras que o pregador está proferindo a fim de cumprir sua vontade. A tarefa do pregador está em acreditar na grandeza do que anuncia quando prega fielmente a Bíblia Sagrada.

3.4

O apóstolo Paulo como exemplo sobre o estilo simples

Agostinho utiliza alguns exemplos para ilustrar os modelos retóricos que ele está ensinando, repetindo isso em todos eles. Assim, ele utiliza tanto alguns pregadores da Igreja, quanto exemplos bíblicos. O apóstolo Paulo se destaca nesses exemplos.

No estilo simples, o livro de Gálatas marca a força do exemplo paulino. Agostinho demonstra a retórica do apóstolo que visa esclarecer para seus leitores o papel da Lei a partir do ministério de Jesus Cristo. Ele vai demonstrando como Paulo lança mão de perguntas e de respostas para ensinar seus leitores de forma clara.

Tabela 1 – Exemplos retóricos de estilo simples em Paulo¹⁶⁵

EXEMPLOS DE ESTILO SIMPLES EM PAULO		
TEXTOS	PERGUNTAS	RESPOSTAS
Gálatas 4,21-26	Dizei-me, vós que quereis estar debaixo da Lei, não ouvis vós a Lei?	Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da serva e outro da livre, em virtude da promessa. Isto dito em alegoria. Elas, com efeito, são as duas alianças, uma a do monte Sinai, gerando para a escravidão: é Agar (porque o Sinai está na

¹⁶⁴ LEEMAN, J., A Igreja centrada na Palavra, p. 49.

¹⁶⁵ Tabela construída a partir das páginas 246-247 de A doutrina cristã de Santo Agostinho.

		Arábia), e ela corresponde à Jerusalém de agora, que de fato é escrava com seus filhos. Mas a Jerusalém do alto é livre, e esta é a nossa mãe
Gálatas 3,19.20	Por que, então, a Lei?	Foi acrescentada em vista das transgressões até que viesse a descendência, a quem fora feita a promessa, promulgada por anjos, pela mão de um mediador. Ou não existe mediador quanto se trata de um só, e Deus é um só.
Gálatas 3,21.22	Então, a Lei é contrária as promessas de Deus?	De modo algum! Se tivesse sido dada uma lei capaz de comunicar a vida, então, sim, realmente, a justiça viria da Lei. Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, a fim de que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse concedida aos que creem.

Esses exemplos paulinos visam apresentar um formato que o apóstolo utilizou, como meio pedagógico, para deixar a verdade clara para seus leitores. Essa retórica paulina “pertence, pois, à missão de ensinar, não somente abrir os cadeados e desfazer os nós das questões que possam por acaso se apresentar, para evitar que nossas palavras sejam desabonadas ou contraditas por elas.”¹⁶⁶ Agostino identifica na prática de perguntas e respostas um formato de deixar claro o assunto ensinado ao auditório.

Há em Paulo, segundo Agostinho, uma antecipação das perguntas que os leitores de sua carta podem fazer, mas o Bispo alerta, ainda refletindo na estrutura argumentativa de Paulo, que o orador deve estar atento ao desenvolvimento de seu raciocínio, pois o mesmo pode suscitar novos questionamentos, que necessariamente precisam ser respondidos. “E então, a atenção estende-se a tal proporção de raciocínios que, a não ser que o orador possua memória de vigor e

¹⁶⁶ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 247.

fidelidade excepcional, não conseguirá voltar à questão inicial sobre a qual tratava.”¹⁶⁷ Ele continua sua advertência,

É excelente ir se refutando todas as objeções refutáveis à medida que se apresentem, para que não aconteça que um opositor apareça onde não haja ninguém capaz de responder ou ainda no caso em que ele esteja presente, mas calado, e saia sem esclarecimento.¹⁶⁸

Agostinho está preocupado não só com a defesa da mensagem do Evangelho em seu exemplo e reflexão, mas com o fato das pessoas saírem da Igreja realmente compreendendo o que foi ensinado, com clareza e instrução. O próprio Bispo utilizou esse método explicativo, de perguntas e respostas, para ensinar sua Igreja. Em uma exposição sobre o texto do Evangelho de João, na parte que diz: “Eu lhes asseguro: Quem ouve a minha Palavra e crê naquele que enviou, tem a vida eterna”¹⁶⁹, Agostinho ensinou usando perguntas e respostas em seu sermão.

Tabela 2 – Exemplos retóricos de estilo simples em Agostinho¹⁷⁰

EXEMPLOS DE ESTILO SIMPLES EM AGOSTINHO	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
Onde e quando é que nós passamos da morte para a vida, sem virmos a juízo?	Na vida presente passa-se da morte para a vida. Na vida que não é vida, passa-se da morte para a vida.
Quem passou da morte para a vida?	O Senhor responde: Quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou. Guardando tu a minha palavra, acreditas nela, e passas da morte para a vida.
Poderá suceder que alguém passe estando imóvel? Sem dúvida; está imóvel o corpo, e passa com o espírito. Em que lugar se encontrava de onde pudesse passar? E para onde passa? Da morte para a vida.	Vamos considerar um homem imóvel em que se realiza o que acaba de dizer-se: Esse homem está imóvel e ouve. Talvez até ali não tivesse crença, mas, porque ouviu, principiou a acreditar. Pouco antes não acreditava, agora já acredita. Passou da região da infidelidade para a região da fé. Moveu-se o coração, sem se mover o corpo.

¹⁶⁷ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 248.

¹⁶⁸ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 248.

¹⁶⁹ BÍBLIA SAGRADA: Nova Versão Internacional. 2ª ed. com concordância. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 852.

¹⁷⁰ Tabela construída a partir das páginas 413-414 do Comentário ao Evangelho e ao Apocalipse de S. João de Santo Agostinho.

	<p>Moveu-se para uma situação pior os que abandonam a fé.</p> <p>Portanto, nesta vida que, segundo disse, não é de forma alguma a vida, pode passar-se da morte para a vida, de forma a não se vir o juízo.</p>
--	---

Agostinho parte do texto de João e começa a fazer perguntas que irão dar fluxo a sua argumentação. Perguntas que antecipam dúvidas que seus ouvintes poderiam ter. O foco de Agostinho nesta exposição é deixar claro para a comunidade o que o texto lido tinha em sua mensagem. Ele buscou em sua exposição deixar clara a verdade apresentada pela Escritura por meio de um método instrutivo que viu no apóstolo Paulo. Logo, o Bispo de Hipona não só ensinou sobre pregação simples, mas praticou em seu pastorado, encorajando outros pastores a seguirem suas orientações. Silva, tratando da aprendizagem em Agostinho, demonstra como o Bispo de Hipona se valia de perguntas para o melhor desenvolvimento do conhecimento. Não seguindo os manuais de retórica, que buscavam apresentar uma conclusão na sua argumentação, Agostinho utiliza e ensina como as perguntas auxiliam no descobrimento da verdade, ou seja, o ouvinte chega a uma conclusão por meio das perguntas levantadas.¹⁷¹

¹⁷¹ SILVA, A. L. R., A aplicação do conteúdo de aprendizagem segundo os Padres da Igreja, p. 441-442.

4 O estilo moderado da pregação

O segundo estilo apresentado por Agostinho no quarto livro de *A doutrina cristã* é o estilo moderado ou temperado. O Bispo de Hipona parte do estilo simples, que tem como objetivo principal a instrução da Igreja, para chegar a um estilo que conduza o público ao deleite. Ele parte da pedagogia para a estética, para uma apresentação retórica carregada de beleza.

Agostinho, mesmo ressaltando a instrução como fundamento da boa pregação, não despreza os instrumentos para uma exposição carregada de beleza. Para ele não há contraste entre instrução e deleite, entre aprendizado e maravilhamento, entre instruir e encantar. Ambos os aspectos podem caminhar juntos no decurso de uma exposição bíblica pela qual pregador se valha da instrução e do deleite.

O presente capítulo investiga as recomendações agostinianas sobre o estilo temperado, destacando o objetivo do estilo, sua relação com a exposição da verdade, a utilização da linguagem, os riscos a serem evitados, assim como, a análise do exemplo Paulino.

4.1 O estilo moderado que objetiva o deleite

O estilo moderado é a ferramenta retórica que agrada o ouvinte, nisto está o seu objetivo. É a forma de se expressar que consegue cativar a atenção do auditório e mantê-lo atento durante a exposição, o que não pode ser feito de qualquer forma. Agostinho escreve que, “se pretende agradar ou convencer seu auditório, não o conseguirá falando de qualquer modo. [...] Ora, assim como é preciso agradar ao auditório para o manter na escuta”.¹⁷²

¹⁷² AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 233-234.

Agradar, deleitar, atrair, que marcam o objetivo do estilo moderado ou temperado, não é fruto de um coração egocêntrico que busca a atenção para si, mas uma forma pastoral de prender a atenção da comunidade que por vezes está sem ânimo¹⁷³, cansada de muito trabalho ou mesmo pelo peso da idade. A ação pastoral é vista na utilização desse estilo retórico.

Para alcançar esse objetivo, o deleite dos ouvintes, Agostinho se preocupa com alguns elementos que não podem ser negligenciados, como a verdade, a linguagem e a instrução. A seguir, passaremos a analisar estas preocupações.

4.1.1

O deleite nunca deve ser às custas da verdade

Agostinho se preocupa em evitar que o estilo moderado, que busca o deleite de seus ouvintes, contrarie a verdade divina. Seu alerta vem das páginas das sagradas escrituras,

Ora, que Deus afaste de sua Igreja estas censuras que o profeta Jeremias dirigia à sinagoga dos judeus: “Uma coisa horrível e abominável aconteceu na terra: os profetas profetizam mentiras, os sacerdotes procuram proveitos. E meu povo gosta disto! Mas que fareis quando chegar o fim?” (Jr 5,30.31).¹⁷⁴

Sua citação do profeta Jeremias ilustra a suas preocupações com pregações que estão descompromissadas com a verdade bíblica e, somente, em agradar os seus ouvintes. Agostinho abomina a ideia de ter no ceio da Igreja homens que anunciam mentiras para o seu próprio proveito, em causa egoísta, sem preocupação real com a comunidade, convencido de que retóricas bem temperadas são capazes de prender a atenção dos ouvintes, mesmo às custas da verdade.

Agostinho considera a eloquência como uma arma poderosa, que pode ser usada para o bem ou para o mal. Ele diz: “Ó eloquência, tanto mais terrível quanto mais pura! Tanto mais veemente quanto mais sólida! É como um martelo que arrebeta as rochas!”¹⁷⁵ Ele sabe da sua enorme força em movimentar as coisas. Todavia, a verdade de Deus também é poderosa e deve ser encorajada, pois vem do

¹⁷³ AGOSTINHO, A instrução aos catecúmenos, p. 91.

¹⁷⁴ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 236.

¹⁷⁵ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 236.

próprio Deus. Ele diz: “Ora, semelhante a essa arma é a palavra de Deus a nós dirigida pelos santos profetas e pronunciada pelo próprio Deus (cf. Jr 46,22).”¹⁷⁶

O Bispo de Hipona sabia na própria vida como um discurso agradável pode levar a caminhos distantes da verdade. Ele foi maniqueísta por alguns anos de sua vida. Como líder e pastor de uma Igreja grande teve que lidar com o pelagianismo e com o donatismo, que recorriam a artifícios retóricos buscando arrebanhar novos adeptos para suas crenças. Viu como os discursos eram capazes de mexer com toda uma estrutura política e institucional como a do Império.

Por isso, levando a sério sua preocupação com a verdade no meio da Igreja, ele chama à responsabilidade os sacerdotes, os pregadores da Palavra. Ele diz: “esteja bem longe de nós, sim, bem longe de nós, o fato de sacerdotes aplaudirem discursos iníquos e que o povo de Deus ame que isso aconteça. Sim, longe de nós tal demência; caso contrário, que faremos quando chegar o fim?”¹⁷⁷. A função do pregador é alertar a comunidade para as falsidades vigentes que levam à condenação e não ser a própria pedra de tropeço. São os pregadores de devem zelar pela verdade junto da congregação. Em um artigo sobre o comentário de Agostinho sobre Jo 1,1, Silva comenta, que a exposição agostiniana do texto destaca a importância de pessoas que servem de referência na comunidade, montanha, no caso do comentário de Agostinho, segundo o artigo, o próprio evangelista João.¹⁷⁸ Os pregadores são referência para a Igreja, não no sentido de serem sua esperança, mas como aqueles que apontam para ela.

Mais uma vez, em seu texto, Agostinho reforça a ideia de que agradar ao auditório é secundário. O pregador primeiro se preocupa em transmitir a verdade de Deus e, secundariamente, se interessa com a beleza de seu discurso. Ele diz: “ainda que verdades ditas pelos sacerdotes sejam menos compreendidas, menos agradáveis, menos convincentes, contudo, que sejam ditas!”¹⁷⁹.

O Bispo de Hipona sabia usar a linguagem que cativa o coração, a atenção de seus ouvintes, mas sem esquecer o objetivo de transmitir a verdade e convencer o seu público. Camello, analisando o sermão 119, destaca que suas exposições estavam repletas de analogias ricas, perguntas colocadas em momentos específicos

¹⁷⁶ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 236.

¹⁷⁷ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 236-237.

¹⁷⁸ SILVA, A. L. R., Elevai os olhos para os montes, p. 665-666.

¹⁷⁹ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 237.

das homilias, de forma pensada e estruturada, usando o recurso de contrastes de ideias e buscando a atenção dos seus ouvintes, sem cair, no entanto, em exageros.¹⁸⁰

Uma das grandes preocupações contemporâneas com a homilia está em uma busca estética vazia de significado. Isso não quer dizer que a beleza na exposição não deva ser buscada, mas não é um fim em si mesmo. Em um artigo recente para a Revista Pesquisas em Teologia, da PUC-Rio, Marcel Gustavo Alvarenga destaca essa preocupação a partir de uma crítica oriunda da literatura e uma orientação papal, ele diz: “A crescente crise da pregação na Igreja, apontada na obra de West e ressaltada pelo Papa Francisco, não é mera preocupação estilística, mas um fator que pode colapsar a liturgia e seu sentido”¹⁸¹. A estilística da pregação deve ser um fator secundário se comparado ao seu sentido litúrgico, exatamente por causa da necessidade de apresentar a verdade do Evangelho de Jesus Cristo.

Se, por um lado, o pregador bíblico deve buscar apresentar as verdades extraídas das Escrituras com beleza, não se perde, contudo, buscando a elegância da homilia como base fundante do discurso. “É necessário também levar em conta que o objetivo da homilia não é proporcionar uma simples fruição estética, mas conduzir os fiéis da Palavra ao Mistério e do Mistério à vida”¹⁸². Se após a pregação o ouvinte sair encantado com a forma que a exposição foi conduzida e não com a instrução recebida e com o impacto transformado da Palavra viva e eficaz (Hb 4, 12), o objetivo da prédica, segundo Agostinho, não foi alcançado.

4.1.2

O deleite nunca deve ser às custas da substancialidade da linguagem

Uma segunda crítica que Agostinho dirige ao estilo moderado usado de forma indevida diz respeito à beleza vazia de significado ou à pobreza diante da seriedade do assunto. Vale lembrar, como já foi descrito anteriormente, que a pregação do Evangelho é tratada com muita seriedade pelo Bispo de Hipona, por falar do destino eterno do ser humano. O problema não está na falta de verdade, mas na falta de substancialidade. Para isso, ele toma como exemplo uma carta de Cipriano.¹⁸³

¹⁸⁰ CAMELLO, M. J. O., Um encontro com Agostinho, p. 96.

¹⁸¹ ALVARENGA, M. G., Homilia e realidade, p. 162.

¹⁸² ALVARENGA, M. G., Homilia e realidade, p. 168.

¹⁸³ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 237-238.

O exemplo que Agostinho traz para a reflexão tem como objetivo lidar com a sua preocupação de usar uma ênfase elevada, um estilo pomposo, para falar de bens frágeis e pífios. Uma linguagem que não deveria ser empregada nem mesmo para bens duráveis e sólidos.¹⁸⁴

Ele identifica esse problema em uma carta de Cipriano, que para Agostinho, redigiu esse documento “em circunstância acidental, ou bem no desejo de ensinar à posteridade de que tipo de linguagem o bom gosto da sã doutrina pode depurar ao se despojar da redundância retórica”¹⁸⁵. De fato, embora Cipriano seja um mestre em oratória que deve ser procurado com piedade, também tinha utilizado uma linguagem indevida para a verdade que estava sendo apresentada. Assim diz: “Aí, galhos vagabundos caem enlaçados, suspensos e a deslizar através de arcos engalanados, revestido tal arcada de folhagens, um pórtico do parreiral”¹⁸⁶. Esse trecho foi retirado da carta de Cipriano a seu amigo Donato. É um relato de sua conversão, sua mudança de vida em relação ao mundo, a transformação graciosa por meio do batismo e da felicidade que chegou por meio da fé.¹⁸⁷ Agostinho considera a riqueza verbal da perícopes de uma esplêndida superabundância, mas “desagradam, porém, pela excessiva sobrecarga. Não conviriam a um assunto sério.”¹⁸⁸

A linguagem não é um assunto qualquer para o hiponense. Peinado, faz a seguinte referência sobre a linguagem em Agostinho:

Santo Agostinho levanta questões que ultrapassam sua concepção religiosa, a exemplo da importância que a leitura, o conhecimento de línguas, a precaução com as traduções tem para a obtenção ou produção do conhecimento. A importância da linguagem decorre do fato de que é esse meio de comunicação humana que faz das Escrituras um modo de aproximação de Deus com o homem: pelo que está expresso em suas obras, os homens podem atingir a inteligibilidade de Deus. A importância da linguagem decorre do fato de que é esse meio de comunicação humana que faz das Escrituras um modo de aproximação de Deus com o homem: pelo que está expresso em suas obras, os homens podem atingir a inteligibilidade de Deus.¹⁸⁹

A preocupação do Bispo de Hipona está em uma linguagem que não está à altura do assunto tratado, pois é possível utilizar outra forma de se comunicar em

¹⁸⁴ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 237.

¹⁸⁵ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 237.

¹⁸⁶ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 237-238.

¹⁸⁷ FREITAS, H. D. O.; In: CIPRIANO, Obras completas I, p. 16.

¹⁸⁸ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 238.

¹⁸⁹ PEINADO, M. R. S. S., Proposta de Edição Cristã e Estratégias de Ensino em Santo Agostinho, p. 93.

sintonia com o tema tratado. Nunca utilizando palavrões, ofensas e injúrias durante o sermão, pois não condizem com a verdade tratada. Ao que parece, Agostinho vê a beleza retórica da fala de Cipriano, mas tratando de um assunto simples, que era a descrição de um jardim para sentar-se e refletir. Para ele, a beleza retórica está vinculada a assuntos que são realmente importantes, para expressar verdades profundas, não elementos cotidianos, simples, assuntos sobre bens frágeis e mínimos.

A recomendação agostiniana para a pregação está em deixar a linguagem pomposa, que marca o estilo temperado, para destacar as verdades profundas do Evangelhos, evitando a descrição de elementos da pregação que podem ser expressos de modo mais direto.

Essa preocupação com a linguagem também pode ser vista na Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium*, mesmo que com ênfase diferente de Agostinho, mas ainda mantendo atenção com o vocabulário. Sobre a prédica na liturgia, ela diz: “A homilia não pode ser um espetáculo de divertimento, não corresponde à lógica dos recursos mediáticos, mas deve dar fervor e significado à celebração.”¹⁹⁰ A pregação tem uma função no contexto litúrgico e a linguagem deve manifestar isso. O pregador tem que tomar esse cuidado.

Hans Ulrich Reifler, professor do Seminário Teológico de *St. Chrischona*, na Basiléia suíça, e professor visitante da Academia de Missões Mundiais, filial da *Columbia International University* em Kornatl, em Stuttgart, na Alemanha, em seu livro descreveu a seguinte situação, entendendo que a pregação deveria estar ao alcance de todos: “Existem três métodos típicos de apresentação do sermão: a leitura do sermão, a memorização parcial da mensagem e a pregação sem anotações”¹⁹¹. Em cada um deles a linguagem é destacada em seus pontos positivos e negativos. Segue tabela abaixo com as recomendações de Reifler.

Tabela 3 – vantagens e desvantagens nos métodos de Reifler¹⁹²

LEITURA DO SERMÃO	
VANTAGENS	DESVANTAGENS

¹⁹⁰ EG, 138.

¹⁹¹ REIFLER, H. U., *Pregação ao alcance de todos*, p. 110.

¹⁹² Tabela construída a partir das páginas 110-113 de *Pregação ao alcance de todos* de Reifler, Hans Ulrich.

<p>Habilita o pregador a ter e desenvolver um estilo sempre correto, perfeito e atraente, visto que se empregam as palavras com bastante cuidado.</p> <p>Aprimora o conhecimento preciso da língua portuguesa. O pregador pode consultar um dicionário e uma gramática antes do discurso.</p>	<p>O sermão pode ficar monótono e de tom acadêmico.</p>
MEMORIZAÇÃO PARCIAL DO SERMÃO	
VANTAGENS	DESVANTAGENS
<p>Possui as mesmas vantagens já estudadas no método anterior.</p>	<p>O pregador pode esquecer uma palavra ou frase, o que põe em risco todo o sermão, em virtude de perturbação emocional que isso produz no pregador e da má impressão que causa no auditório.</p> <p>Pode levar o pregador a generalizar e a fazer dissertações vagas no desenvolver do discurso.</p> <p>O estilo não será tão apurado e elegante como o dos sermões escritos.</p>
SERMÃO SEM ANOTAÇÕES	
VANTAGENS	DESVANTAGENS
<p>Dá oportunidade ao pregador de usar ao máximo os recursos naturais de sua imaginação e de sua oratória.</p>	<p>No caso de falha da memória, o improvisado pode tomar conta do sermão.</p>

As recomendações do teólogo suíço têm por base a preocupação com a linguagem do pregador, aconselhando ao pregador que ele “deve cuidar do aperfeiçoamento de sua linguagem e estilo, ora enriquecendo o vocabulário, ora lendo autores clássicos”¹⁹³.

¹⁹³ REIFLER, H. U., *Pregação ao alcance de todos*, p.113.

Podem ser encontrados ecos do pensamento agostiniano no teólogo contemporâneo, que vê a linguagem como fundamental para a boa oratória, assim como o aprimoramento da mesma. O pregador deve rebuscar seu vocabulário, pois ele é fundamental para a boa comunicação. A locução deve estar em sintonia com a verdade que é apresentada do púlpito da Igreja, mas as palavras não podem ser impedimentos para a instrução da congregação.

Portanto, a visão agostiniana da pregação é marcada por sua reflexão sobre a linguagem. Ela pode ser um facilitador da mensagem ou um adereço sem importância. Por isso, o mensageiro da Igreja deve cuidar do uso das palavras em sua exposição.

4.1.3

O deleite não deve ser buscado como objetivo último do pregador

Agostinho deixa outra recomendação sobre o estilo temperado, advertindo para não buscar somente agradar o ouvinte. Por mais que o objetivo do estilo temperado seja fazer isso, ele não é isolado de outros elementos que devem ser levados em consideração. Além da preocupação com a verdade e com a linguagem responsável e adequada ao contexto do sermão, o Bispo de Hipona está preocupado com a relação do estilo moderado e a capacidade de instruir que a homilia deve ter. Sobre essa relação ele escreve: “esses dois estilos, o simples e o sublime, por causa do fim a que se propõem, são necessários aos que querem falar com sabedoria e eloquência. Mas quanto ao estilo temperado, cujo fim é agradar, não deve ser procurado por si próprio.”¹⁹⁴

Para a utilização do estilo moderado em sua relação com o estilo simples, Agostinho faz a seguinte recomendação:

É preciso reservá-lo para determinar por vezes mais prontamente, pelo encanto da eloquência, o consentimento dos ouvintes, e fazê-los aderir com mais tenacidade às verdades expressas sob forma prática e honesta. Mas isso unicamente no caso em que esses ouvintes, estando já esclarecidos e bem-dispostos, não precisem de um discurso que os instrua ou convença. Porque, já que a eloquência deve reinar em todos os gêneros, ela tem por objetivo, em cada um deles, falar de maneira própria a persuadir, e persuadir o que é ensinado.¹⁹⁵

¹⁹⁴ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 267.

¹⁹⁵ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 267.

Segundo Agostinho, a pregação que faz uso do estilo moderado não deve ser um método em uso constante. Não deve ser um modelo que o pregador o utiliza do início do sermão até o fim, mas deve estar a serviço da instrução e da exortação prática. Como observa Camello: “O gênero moderado, que tende a causar prazer, é o campo próprio da oratória, mas não pode ser visto como um fim em si mesmo. Discretamente empregado, facilita o assentimento interior.”¹⁹⁶

Na sua própria prática de pregador, o Bispo de Hipona fez uso do método moderado com cautela e com sabedoria. No seu exercício retórico ele fazia uso de ricas analogias, contrapunha ideias, colocava perguntas estratégicas para conseguir cativar o público, isso tudo, sem ser dominado por essa prática. Fazia tudo com muita cautela e perspicácia.¹⁹⁷ Agostinho viu isso na vida de Ambrósio, Bispo de Milão, homem que muito o influenciou:

No tocante ao mover e agradar, Ambrósio assim escreve: “As tuas pregações sejam fluentes, puras e claras, de modo que tua exortação moral se infunda suavemente no coração dos ouvintes e o encanto da tua palavra inspire a confiança do povo; então, ele te seguirá voluntariamente para onde o conduzires”.¹⁹⁸

O Bispo de Hipona ensinou que encantar por meio das palavras deve ser a atitude de quem serve às exposições puras e claras, ou seja, instrutivas, para conduzir o povo à orientação dócil da Palavra de Deus com confiança.

Tomando a orientação agostiniana para a prédica atual, o orador deve se valer de recursos retóricos que sejam capazes de abrilhantar seu discurso, mas utilizá-los a serviço da boa instrução dos ouvintes. Ele deve estar a serviço da verdade exposta, facilitando, por meio de sua beleza, a assimilação do que o pregador deseja ensinar.

4.2

O valor do estilo moderado está em apresentar a verdade a corações inspirados e dóceis

Como objetivo do estilo moderado ou temperado está em agradar os ouvintes, quando é desenvolvido dentro da retórica sacra, assume muitos cuidados a serem tomados: o esvaziamento da verdade, o uso da linguagem adequada ao contexto, o

¹⁹⁶ CAMELLO, M. J. O., Um encontro com Agostinho, p. 86.

¹⁹⁷ CAMELLO, M. J. O., Um encontro com Agostinho, p. 96.

¹⁹⁸ BENEDITO, A. L., A sacramentalidade da Palavra de Deus, p. 166-167.

alinhamento do discurso com a instrução dos membros da Igreja, acarretando para Agostinho algo crucial:

a eloquência do gênero temperado não se apresenta ao orador da Igreja sem ornamentos, se ela sabe revestir-se deles convenientemente. Ela não procura unicamente agradar, como faz a eloquência dos autores profanos, tende também a se fazer escutar com docilidade, a inspirar ao ouvinte apego sincero e irremovível para as coisas que louva, e o afastamento e horror daqueles que condena. Mas se lhe falta a clareza, não saberá ser escutada com prazer. Até nesse gênero de estilo que consiste principalmente em agradar, o orador deve fazê-lo de modo a reunir estas três qualidades: ser claro, agradável e persuasivo para os seus ouvintes.¹⁹⁹

O estilo moderado é valioso, quando bem usado, não só para agradar, mas para esclarecer as dúvidas que possam surgir na cabeça do ouvinte, assim como para persuadir, tarefa comum do estilo sublime.

Quando Agostinho faz referência ao apóstolo Paulo como modelo para o estilo moderado, lembrando-se de 1Tm 5,1-2 e Rm 12,1, ele afirma: “Quase toda a passagem dessa exortação é de estilo temperado. As frases aí são muito belas, porque as palavras próprias revestem ideias apropriadas, como se lhes fossem devidas; elas fluem harmoniosamente”²⁰⁰. Para além da beleza do discurso paulino, se faz referência a “ideias apropriadas” na sua relação com as palavras e o assunto do texto de Paulo, que também é marcado em sua clareza de significado, colaborando com elementos que caminham juntos na execução da prédica moderada, harmonizando a elegância com a diafanidade do discurso.

Escrevendo para Deogratias sobre os elementos importantes da catequese, Agostinho apresenta o estilo temperado como ferramenta para despertar o ouvinte para o conhecimento da verdade. Quando o catequista estiver diante de uma audiência cansada e desanimada, faz-se útil a seguinte recomendação:

Ao percebê-lo [o desânimo], devemos restaurar o ânimo. Diremos alguma frase temperada com honesta alegria e adequada ao assunto de que tratamos.” A beleza retórica servirá de aguilhão. Ele continua: “Algo que diga respeito a ele mesmo para que, picado pelo próprio interesse, desperte.”²⁰¹

Dessa forma, o expositor bíblico, percebendo a desatenção do ouvinte usará a beleza do discurso para cativar a atenção do seu público.

¹⁹⁹ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 270.

²⁰⁰ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 248.

²⁰¹ AGOSTINHO, A instrução dos catecúmenos, p. 91.

Outro valor destacado pelo Bispo de Hipona sobre esse estilo retórico é a capacidade de deixar o público dócil. Ao que tudo indica, um auditório dócil é aquele que está pronto para receber exortações, elogios, recomendações, preparados pela beleza da oratória do pregador. Agostinho diz:

Sem dúvida, os elogios e as repreensões, à condição de serem feitos com eloquência, obtêm o mesmo resultado em certas pessoas, quando sensíveis ao estilo temperado. Pois tais pessoas, sob o encanto da eloquência, não somente sentem prazer em ser elogiadas e repreendidas, como ainda desejam viver de maneira decente, abstendo-se de viver de modo repreensível.²⁰²

À luz de tudo o que já foi exposto até aqui, ocorre perceber que Agostinho não está recomendando ferramentas retóricas manipuladoras, mas queira orientar o pregador a ser sábio na sua exposição, evitando as interferências para o aprendizado e para o exercício da piedade dos ouvintes. A orientação agostiniana é pastoral. Ele deseja, com uma pregação cativante, conduzir a congregação a viver de modo irrepreensível. Para isso, no que for possível facilitar a compreensão da verdade, ensina que isso deve ser feito. Nesse sentido, o estilo moderado de pregação tem um valor importantíssimo em preparar o auditório para as verdades bíblicas expostas.

A prédica contemporânea pode aprender muito com Agostinho sobre os valores de uma exposição belamente construída. Na verdade, a pregação pode e deve ser muito mais do que exposições de ideias abstratas, sem se tornar uma peça retórica para o simples deleite da plateia, conjugando as verdades do Evangelho com a vida de seres humanos reais e com as suas afeições. Como diz, Timothy Keller, “o sermão é o lugar para despertar as pessoas para as realidades às quais elas assentiram intelectualmente, mas não compreenderão com o coração”²⁰³. Partindo disso, o estilo moderado será uma ferramenta que conectará a mente com o coração. Em outras palavras, instrui a mente enquanto cativa as afeições do coração.

²⁰² AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 266-267.

²⁰³ KELLER, T., Pregação, p. 207.

4.3

A vida do pregador é a exposição mais bela e agradável

O pensamento de Agostinho sobre a pregação é holístico, pois para ele não há pregação sem vida nem missão sem o envolvimento da vida do pregador. A prédica, na verdade, ocorre através da vida daquele que leva a Palavra de Deus ao povo. As palavras proferidas pelo anunciante das verdades bíblicas devem estar alinhadas com a vida que é vista pela comunidade. Ele escreve:

Mas a vida do orador será – para se fazer escutado com maior docilidade – de peso bem maior do que a mais sublime elevação de sua linguagem. Com efeito, quem fala com sabedoria e eloquência, mas vive mal, por certo instrui a muitos, ávidos de aprender, se bem que fique “inútil para sua própria alma” (Eclo 37,21). Daí também esta palavra do Apóstolo: “De qualquer maneira – ou com segundas intenções ou sinceramente – Cristo é proclamado” (Fl 1,18).²⁰⁴

O Bispo de Hipona não está dizendo que o conteúdo da fé não pode ser aprendido por meio de pessoas que não a vivem. A sua recomendação é que o orador que vive o que prega ganha a atenção do público e sua mensagem é acolhida com muito mais amabilidade, docilidade por eles. O alcance da pregação daquele que vive bem em comparação com o que vive mal é muito maior. A verdade não deixará de ser a verdade, mesmo na fala de pessoas que não vivem o que dizem. Segundo ele, “Cristo é a verdade e, contudo, até a verdade pode não ser anunciada com verdade ou, em outros termos, o que é justo e verdadeiro pode ser pregado por coração depravado e enganador.”²⁰⁵ O que está em jogo não é o prejuízo a verdade em si, mas para o pregador que está com seu destino eterno em jogo e para a congregação, que tem uma interferência, dificultando a docilidade, na aplicação da Palavra ao coração.

Para Agostinho, o pregador que não vive o que anuncia só é capaz de instruir aqueles que estão ávidos pelo conhecimento da Palavra proclamada e conseguem separar o que é proveitoso, mesmo que pregado por alguém que não está caminhando em sintonia com a mensagem proclamada. Assim, o maior prejuízo recai no próprio pregador, pois o seu serviço é inócuo, vazio, não sendo útil para

²⁰⁴ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 271.

²⁰⁵ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 271.

transformar sua vida. Utilizando Eclo 37,22, Agostinho destaca que a pregação desse pregador é “inútil para sua própria alma”.²⁰⁶

A orientação agostiniana não visa apenas o auditório, mas a vida daquele que fala. Anteriormente já foi destacada a importância do contato do pregador com a Palavra de Deus de maneira a se deixar tocar pela Palavra. Agora, Agostinho retoma o assunto dentro do contexto da coerência de vida do pregador. Timothy Keller mostra essa preocupação da simetria entre a vida do pregador e sua pregação no contexto contemporâneo, afirmando:

As pessoas sabem a diferença. Professores e pregadores da Bíblia ficam tantas vezes tão concentrados na pregação e apresentação de seu conteúdo que não se dão conta de que as pessoas não estão apenas ouvindo o que está sendo dito, mas também estão analisando quem está pregando. Elas examinam as intenções do pregador mesmo que não percebam que estão fazendo isso. São capazes de “farejar” se o indivíduo está mais preocupado em passar uma boa imagem, ou em parecer alguém que tem autoridade, do que em honrar a Deus e amar o público em certo nível, da mesma forma que muitos veem com cinismo uma peça publicitária sentimental mesmo que estejam tentando controlar as lágrimas.²⁰⁷

A boa prédica é oriunda de uma vida que foi e é afetada constantemente pela Palavra de Deus. O mensageiro da Igreja antes de proferir a sua mensagem, ou melhor, a mensagem de Deus para o povo, foi impactado pelas palavras que estudou para proferir ao seu auditório. A vida do pregador como algo que foi transformado pela voz de Deus não é somente uma recomendação agostiniana, mas também se faz sentir pelo Papa Francisco em sua encíclica, a *Evangelii Gaudium*.²⁰⁸ Refletindo sobre isso, Marcelo Gustavo Alvarenga, destaca: “Uma boa pregação exige, a princípio, que o homileta seja apaixonado pela Palavra, familiarizado com ela e disposto a ser tocado e transformado por ela.” Esse “apaixonamento” pela Palavra é refletido para a congregação, ele continua: “Sendo a homilia “um certo autorretrato da alma do pregador” e “o ponto de comparação para avaliar a proximidade e a capacidade de encontro de um Pastor com o seu povo”.²⁰⁹

²⁰⁶ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 271.

²⁰⁷ KELLER, T., Pregação, p. 204-205.

²⁰⁸ EG, 135.

²⁰⁹ ALVARENGA, M. G., Homilia e realidade, p. 163.

5 O estilo sublime da pregação

O terceiro e último estilo apresentado no quarto livro de *A doutrina cristã* é o estilo sublime, que é a culminação desejada pelos outros dois estilos, ou seja, o convencimento. O estilo simples trabalha instruindo a congregação, o moderado agradando e o sublime chamando o povo de Deus para obediência à verdade exposta. O fluxo da apresentação agostiniana é educar, enquanto educação leva ao deleite e a instrução de quem é deleitado produz o convencimento.

Agostinho, construiu em sua argumentação um amarrado metodológico que coloca os três estilos a serviço um do outro, visando o benefício da congregação. Seu discurso pastoral é percebido em toda sua obra. Ele sempre tem por objetivo último servir de forma adequada a Igreja e ensinar os pregadores a terem o mesmo zelo.

O último capítulo dessa pesquisa investigará as orientações do Bispo de Hipona sobre o estilo sublime, destacando o objetivo do estilo, o coração humano como alvo do convencimento, a eloquência em sua relação com o presente estilo, a variação dos estilos na prática homilética, o exemplo paulino do estilo sublime e a oração como prática espiritual do pregador.

5.1 O estilo sublime objetiva o convencimento

Ao longo de seu escrito, Agostinho foi deixando claros os objetivos de cada método ou estilo de pregação que ele foi apresentando. Sobre o objetivo do estilo sublime, ele diz: “De fato, que vantagem existe para um homem em reconhecer à verdade e cobrir de louvores a sua expressão, se ele não der seu consentimento – única meta do orador?”.²¹⁰ Para Agostinho o objetivo desejado pelo pregador é o convencimento do seu ouvinte, tornando a pregação sublime indispensável, porque

²¹⁰ AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 235.

não só instrui e agrada, mas busca uma resposta prática, propondo uma mudança de comportamento a partir da exposição da Palavra de Deus.

O convencimento é exatamente uma resposta prática daqueles que ouviram a pregação. Para ele, o pregador deve convencer para levar à ação.²¹¹ A fé cristã não é um conjunto de elementos reflexivos que leva o seu devoto a momentos de estase filosóficos estáticos. Ela é movimento, todavia. Espera-se do cristão uma vida de discipulado, de prática em função daquilo que acredita. Isso gera mudança de vida, como Agostinho testemunhou em sua história. A sua fé no crucificado mudou sua forma de se relacionar com a realidade. Por isso, o convencimento, para ele, está em relacionamento com essa mudança de vida que a fé cristã apresenta. Diante da verdade do Evangelho, na experiência com a graça de Deus, um novo ser humano surge.

Deve-se destacar também, que para o Bispo de Hipona, mesmo o convencimento sendo o objetivo do estilo sublime, o convencimento pode ocorrer já dentro da instrução, que marca o objetivo do estilo simples. Ele escreve:

se os ouvintes não sabem o que têm que fazer, é preciso antes de tudo instruí-los antes de convencê-los. Talvez, quando conhecerem esses deveres, estarão de tal modo convencidos que não será necessário convencê-los pelos recursos da eloquência.²¹²

Por vezes, a instrução clara da verdade bíblica será suficiente para o convencimento dos ouvintes, não necessitando da utilização do estilo sublime.

Esse movimento, essa ação da congregação, é uma vitória para o pregador²¹³. É o fim desejado em toda sua arte retórica. É levar a comunidade a experimentar o que o pregador já experimentou primeiro em seu encontro com a Palavra, pois o convencimento só é possível através do convencido. Agostinho escreve:

Ora, assim como é preciso agradar ao auditório para manter na escuta, também é preciso convencê-lo para levar à ação. E assim como o auditório sente prazer se tu falas de modo agradável, também ele se convence, se gostar do que lhe propõe, se temer aquilo de que ameaças; se odiar o que reprovais; se abraçar o que recomendas; se deplorar o excitas a ser deplorado; se sentir alegria com o que anuncias ser motivo de gozijo; se fugir dos que incitas a evitar. Ora, esses e todos os outros que exigem

²¹¹ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 234.

²¹² AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 234.

²¹³ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 233.

grande espírito dos ouvintes não para saberem o que têm de fazer, mas para que se determinem a cumprir o que já sabem ser de seu dever.²¹⁴

Para deixar mais claro o que pensa sobre a função do estilo, Agostinho faz uma comparação com o estilo moderado, dizendo: “Quanto ao estilo sublime (*grande dicendi*), ele difere do estilo temperado nisto: ser menos elegante pelos ornamentos de expressão e mais impetuoso pelos sentimentos.”²¹⁵ Enquanto um está sendo construído a partir da beleza do discurso e da linguagem, o outro está vinculado às afeições do ser humano.

O valor desse modelo retórico consiste em lidar com pessoas que permanecem empedernidas, mesmo diante de exposições instrutivas e agradáveis. O Bispo de Hipona afirma: “desde o momento em que é preciso mover e convencer o ouvinte será pelo estilo sublime (e esse é o caso quando alguém reconhece a verdade e o encanto do discurso, mas recusa-se a conformar a sua conduta a ela).”²¹⁶

5.1.1

O coração como alvo para o convencimento

Agostinho, quando está tratando do estilo sublime em busca do coração como alvo, orientando à “ação os ouvintes que deveriam agir, mas que resistem, ele empregará, então, para expor grandes verdades, o estilo sublime e os acentos próprios a comover os corações.”²¹⁷ O coração é um assunto caro ao Bispo e deve ser brevemente delineado sob essa ótica da pregação.

De modo sintético, a antropologia agostiniana compreende o ser humano como alma e corpo, sendo uma substância racional. Essa composição – alma e corpo – caracteriza o sujeito. Não há corpo sem alma e nem alma se o corpo. Nessa divisão binária, é superior a alma que foi criada à imagem de Deus. Por isso, é por meio da alma que o homem está mais próximo a Deus.²¹⁸ A Dra. Isabel Maria, faz a seguinte observação sobre o termo:

O coração, para Santo Agostinho, é simultaneamente a sede do pensamento e dos sentimentos. Nos seus escritos, raramente se refere ao coração como órgão

²¹⁴ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 234.

²¹⁵ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 251.

²¹⁶ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 270.

²¹⁷ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 245.

²¹⁸ BRUNO NIEDERBACHER, S. J. In: MECONI, D. V.; SUTMP, E. Agostinho, p. 162.

anatômico, mas opõe mais espontaneamente o coração à voz, à boca, aos lábios, às palavras, aos olhos, aos ouvidos, ao corpo, à carne.²¹⁹

Na criação o ser humano é visto com perfeição e retidão. “Adão, ele sustenta, estava isento de males físicos e possuía dotes intelectuais inigualáveis; ele se encontrava num estado de justificação, iluminação e bem-aventurança.”²²⁰ Sua conexão ou relacionamento com Deus eram perfeitos. Ele tinha liberdade de não pecar. “E sua vontade era boa, ou seja, dedicava-se a cumprir os mandamentos de Deus, [...]. De sorte que seu corpo estava sujeito à sua alma; seus desejos carnis, à sua vontade; e sua vontade, a Deus.”²²¹ A queda trouxe desordenamento a essa relação entre o homem e Deus. A vontade era algo inclinado ao bem, mas livre para agir. Na sua ação livre, escolheu pelo mal e pelo erro, deixando uma marca definitiva no ser humano. A vontade não está mais inclinada para o bem, mas escravizada pelo pecado. Para Agostinho, toda a natureza humana é afetada pelo pecado original.²²²

A queda não apaga a imagem de Deus no homem, mas o afeta por completo. A sua vontade não é mais inclinada para o bem, mas ainda conserva um anseio por Deus dentro de si mesma. Na abertura de suas *Confissões*, ele afirma: “Vós o incitais a que de deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar em Vós.”²²³ Sua vontade está desordenada, mas ainda existe um anseio por Deus, mesmo que tal anseio não seja claro para o homem.

Nessa natureza humana, a vontade está vinculada ao coração. Como, para Agostinho, todos nascem em pecado e, é próprio o conceito de pecado original, o homem está com suas vontades em desordem e precisa da ação da graça de Deus para esse reordenamento. Nesse ponto entra o pregador com o estilo sublime, atuando, por meio da pregação, para convencer a vontade do homem caído a fazer a vontade de Deus.

O estilo sublime é a forma de falar ao coração e convencê-lo a obedecer as orientações de Deus expostas em sua Palavra. Esse modelo retórico lida com a mudança da vontade do coração humano. Não que ele, por si mesmo, seja a

²¹⁹ CARDOSO, I. A. M., Da humanidade à caridade, p. 164.

²²⁰ KELLY, J. N. D., Patrística, p. 273.

²²¹ KELLY, J. N. D., Patrística, p. 274.

²²² KELLY, J. N. D., Patrística, p. 274.

²²³ AGOSTINHO, Confissões, p. 27.

ferramenta poderosa que moverá corações. Isso não reflete o pensamento do Bispo sobre o estilo em estudo. Ora, como foi apresentado anteriormente, até mesmo o estilo simples pode chegar ao convencimento por meio da instrução. Alguém que conheceu a verdade exposta de modo claro, respondeu, logicamente, com uma nova prática de vida. Para Agostinho, a graça de Deus transforma o ser humano, enquanto o estilo sublime é só um meio de Deus atuar no pecador.

O foco no coração do ouvinte, no convencimento que é capaz de produzir mudança de vida, de abandono da vontade contrária à de Deus é tão importante para Agostinho, que ele se pergunta sobre “que vantagem existe para um homem em reconhecer a verdade e cobrir de louvores a sua expressão, se ele não der consentimento – única meta do orador”²²⁴. O trabalho do pregador não terá alcançado sua finalidade se não ocorrer o consentimento do ouvinte, ou seja, se o auditório não cumprir a orientação bíblica que o pregador trouxe, mesmo que todos reconheçam a forma bela em que o assunto foi tratado. Para o Bispo de Hipona, o coração do ouvinte é o objetivo final do pregador.

Essa compreensão antropológica agostiniana se opõe a um estilo de pregação meramente emocional, conforme Barraza denuncia²²⁵, relatando sermões que tentam colocar as pessoas em movimento por êxtases emocionais e não em função da mudança da vontade. A orientação do Bispo de Hipona para o pregador é focar nas profundezas da alma, no coração, onde a vontade é transformada pela graça de Deus. Portanto, o estilo sublime busca uma ação a partir da sua atuação no coração, na vontade do ser humano. O convencimento do ouvinte sobre qual é a orientação bíblica a ser seguida faz da eloquência uma ferramenta indispensável, para alcançar os corações.

5.1.2

A eloquência é um meio para o convencimento

Agostinho introduz o assunto sobre a eloquência da seguinte forma: “Não lhe resta, com efeito, senão um meio para levar o ouvinte a dar seu consentimento: o de convencer pelo poder da eloquência, no caso em que a demonstração da verdade

²²⁴ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 235.

²²⁵ BARRAZA, J. M. S., Observaciones introductorias de la homilética agostiniana para la predicación actual, p. 353.

unida ao encanto da expressão não conseguiu fazê-lo.”²²⁶ A eloquência será um meio útil ao pregador para conduzir seu público docilmente a obedecer a orientação de Deus revelada nas Escrituras.

Agostinho de Hipona define a eloquência da seguinte forma em sua obra: “Ser eloquente é ser capaz de falar para ensinar em estilo simples as pequenas questões; para agradar, tratando questões médias, em estilo temperado; e para converter, expondo grandes questões, em estilo sublime”.²²⁷ A eloquência é a sabedoria do pregador em utilizar a forma certa de pregar dependendo do público, do objetivo e do que se pretende ensinar.

A sabedoria caminha junto com a eloquência na reflexão agostiniana, pois a eloquência sem o uso da sabedoria se torna uma arte ineficaz. Assim, ele escreve:

Acontece que uns oradores agem sem vigor, sem forma, sem calor. Outros, com fineza, elegância e veemência. É preciso que o orador, capaz de discutir ou de falar – se não com eloquência, ao menos com sabedoria –, assuma esse trabalho de que tratamos aqui, em vista de ser útil a seus ouvintes. Ainda que seja menos útil do que seria se fosse capaz de falar com eloquência. Ao contrário, o orador que exorbita numa eloquência sem sabedoria deve ser tanto mais evitado quanto mais os ouvintes sentem prazer ao ouvi-lo expor inutilidades. Pois podem pensar, ao ouvi-lo falar eloqüentemente, que escutam a verdade.²²⁸

A nocividade que Agostinho vê em uma exposição eloquente sem sabedoria, vê também em ambientes fora da Igreja, como no exemplo que retira de Cícero, cuja eloquência sem sabedoria é capaz de prejudicar cidades inteiras. Lembrando da grandeza do que é anunciado, a eloquência sem sabedoria na proclamação da Palavra de Deus tem consequências do tamanho da verdade que é tratada, ou seja, consequências eternas.

A sabedoria, como apresentada por Agostinho nas páginas do livro IV de *A doutrina cristã*, está vinculada a duas coisas: em primeiro lugar, a Deus como a verdadeira Sabedoria e a Cristo por causa da encarnação da Sabedoria; em segundo lugar, com as santas Escrituras.²²⁹

A relação do pregador com a sabedoria está na compreensão de Deus com a Sabedoria perfeita, de onde toda sabedoria flui. Nessa relação com Deus está a

²²⁶ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 236.

²²⁷ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 242.

²²⁸ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 212.

²²⁹ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 212-213.

filiação. Como filhos de Deus, os oradores da Igreja devem ser seus representantes e dispensar a força dessa Sabedoria para os seus ouvintes.

A sabedoria desejada pelo pregador está na compreensão das Sagradas Escrituras. Nesse ponto, Agostinho apresenta essa relação e um método pedagógico para crescer na sabedoria. Assim, ele escreve:

Um homem fala com tanto maior sabedoria, quanto maior ou menor progresso faz das santas Escrituras. E eu não me refiro ao progresso que consiste em ler bastante as Escrituras, ou aprendê-las de cor, mas do progresso que consiste em compreendê-las bem e procurar diligentemente o seu sentido. Há pessoas que as leem e não as aprofundam. Leem para reter de cor, mas não cuidam de as entender. Sem dúvida, de longe é preferível que retenham menos de memória as palavras, mas que, com os olhos do coração, aprofundem o coração delas. Contudo, ainda superior a ambas são as outras pessoas que, ao citar as Escrituras de cor, o quanto querem, as compreendem também o quanto convém.²³⁰

Essa preocupação agostiniana com a sabedoria não é um desprezo pela eloquência, mas o desejo de vê-la com aliada no ofício do pregador. Ele deixa claro que a sabedoria é fundamental, mas o desejado é a eloquência com sabedoria. Segundo Agostinho, “o orador que desejar falar, não somente com sabedoria, mas também com eloquência, será mais útil se puder empregar as duas coisas.”²³¹

Essa preocupação com a forma de falar (eloquência) e o conteúdo (sabedoria) do Bispo de Hipona pode ser encontrada em um artigo para a Revista Teologia e Espiritualidade, por José Carlos Teodoro Junior em seu texto sobre os desafios da pregação para o mundo contemporâneo. Em tal artigo, ele menciona modelos de pregação que têm sua base no ambiente comercial, e os sermões são grandes peças de marketing; pregações que são fruto da realidade da mídia que visa o entretenimento, como sermões cativantes que buscam prender a atenção; entretanto, nessas formas contemporâneas de homilia falta sabedoria, o Cristo da mensagem do Evangelho não é encontrado.²³²

Outro elemento que pode ser mencionado na reflexão sobre a eloquência trata de um talento que pode ser aprendido.²³³ Ela é uma arte com princípios, preceitos e regras. Esse aprendizado deve acontecer desde criança segundo os principais

²³⁰ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 213.

²³¹ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 213.

²³² JUNIOR, J. C. T., Os desafios da pregação para o mundo contemporâneo, p. 10.

²³³ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 209.

oradores romanos. Cícero é a referência de Agostinho.²³⁴ Ele tende a concordar com esse pensamento com algumas exceções.

Agostinho se alinha e se distancia de Cícero, também na compreensão de sabedoria com conhecimento para além dos elementos da fé. O eloquente também tem domínio sobre outros ramos do pensamento. Sobre a retórica, a semiótica e a hermenêutica de Santo Agostinho, Carina Kilian escreve:

A necessidade por parte do orador de conhecer inúmeros assuntos para que não tenha um discurso vazio é uma opinião partilhada por Agostinho quanto afirma que se bem o orador precisa fazer um discurso eloquente, vale mais, porém, falar com sabedoria do que com eloquência. Ele não deve cair em uma eloquência vazia. Mas o tipo de conhecimento que o orador sacro deve ter é diferente daquele que Cícero exige do orador ideal que descreve no seu tratado *Orator*. Pois, para Agostinho, não se trata apenas de conhecer as artes liberais senão também ter lido e interpretado de forma correta as *Sagradas Escrituras*.²³⁵

Para Agostinho, o aprendizado pode ser para aquele que deseja ser um orador em qualquer idade, mas, preferencialmente, um adolescente, em seu texto um *adulescentuli*, alguém bem jovem²³⁶, o que não significa sucesso na empreitada, pois é necessária uma dedicação exclusiva. Nas palavras do Bispo de Hipona, “seja apenas pelos que ainda não estão ocupados por outros trabalhos mais urgentes.”²³⁷

Essa postura agostiniana levanta alguns questionamentos que a presente pesquisa não pretende responder, mas deixar para pesquisas posteriores. Ao que tudo indica, Agostinho estava aberto a todos que desejassem aprender sobre a eloquência, mas privilegia os mais novos com liberdade e dedicação para o serviço na Igreja. A primeira questão levantada é: Será que as comunidades de fé incentivam seus adolescentes para que dediquem sua vida para preparar futuros pregadores? A segunda, decorrente da primeira, é: Nossos seminários, faculdades teológicas, escolas confessionais, catequeses e escolas bíblicas têm essa compreensão de preparo que se inicia bem na juventude para os futuros ministros da Igreja? Acreditamos que Agostinho tenha muito a contribuir para responder a essas perguntas, mas é necessário um aprofundamento em seu pensamento. Ainda assim, alinhamo-nos com a reflexão de José M. S. Barraza, que destaca a

²³⁴ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 209.

²³⁵ KILIAN, C., Retórica, semiótica e hermenêutica em Santo Agostinho, p. 113.

²³⁶ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 209.

²³⁷ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 209.

possibilidade de ver em Agostinho uma contribuição para a formação de pregadores.

Ele escreve:

quando se pensa na importância que Santo Agostinho deu ao estudo até a fim de sua vida, especialmente a doutrina que ele desenvolveu para pesquisar as Escrituras e como ele fez uso das ciências de sua época, há espaço para questionamentos: O que está acontecendo com o treinamento teológico de pregadores? Por que você não pode passar o treinamento teológico para a pregação? Por que você não se deixa ser transparente uma reinterpretação da Sagrada Escritura, da Tradição, do Magistério e da Doutrina Social nas homilias? Por que esse vazio? Por trás do trabalho evangelizador de Santo Agostinho por meio de seus sermões, surge uma convicção profunda: Que a fé nunca seja percebida como uma renúncia à inteligência! E Hoje, como no tempo de Santo Agostinho, o pregador deve – antes de falar – ser abundantemente alimentado pela reflexão teológica atual, tendo aprofundado a fé, para derramar aos auditórios em tempo hábil o que assimilou. Desafio enorme que implica construir novas interpretações, como as feitas por Agostinho em cada sermão, como o que elaborou antes de eventos como o da queda de Roma e o fim do Império. Tarefa hermenêutica que muitos fiéis eles desejam ver todos os domingos na eucaristia.²³⁸

No que diz respeito ao aprendizado da eloquência, alguns conteúdos podem ser utilizados para tal. O estudo de oradores de diversas escolas pode ser proveitoso, como os clássicos romanos, os oradores eclesiais e os autores dos textos sagrados. Todos são fonte de conhecimento para o desenvolvimento da eloquência. Na sessão, 3.3.1. – O pregador deve ser antes um aprendiz piedoso, o assunto é tratado com mais detalhes.

Essa relação de aprendizado da eloquência e o texto Sagrado é o argumento mais importante do uso da retórica na pregação cristã, segundo a leitura de José Marília Siciliani Barraza. Em sua análise, a linha do pensamento agostiniano – eloquência e sabedoria – pode ser desenvolvida de modo mais elevado com o estudo das Sagradas Escrituras²³⁹, na medida em que a Escritura concilia sabedoria e eloquência.

²³⁸ BARRAZA, J. M. S., Observaciones introductorias de la homilética agostiniana para la predicación actual, p. 353.

²³⁹ BARRAZA, J. M. S., Observaciones introductorias de la homilética agostiniana para la predicación actual, p. 344.

5.2

A variação de estilos que marcam o pregador eloquente

Antes compreendemos a eloquência dentro do pensamento teórico de Agostinho, com sua definição, com seu contraste e alinhamento com a sabedoria. Agora, a pesquisa se volta para a forma de pensar a eloquência na prática homilética, analisando o pensamento do Bispo de Hipona sobre como o pregador deve colocar em prática essa arte.

Para a prática da eloquência o pregador eficaz é aquele que consegue se valer de todos os estilos retóricos, simples, moderado e sublime, no decorrer da sua pregação. O eloquente não é o que consegue conduzir um sermão em estilo sublime, como se do início ao fim ele estivesse expondo um conteúdo de modo a convencer seu auditório. A eloquência serve ao convencimento, pois ela sabe conduzir os ouvintes até o convencimento e não convencendo a todo o momento. Agostinho coloca da seguinte forma:

Ainda que nosso orador capacitado tenha sempre questões importantes a tratar, ele não deve fazê-lo constantemente em estilo sublime, mas em estilo simples, se estiver a ensinar; e em estilo temperado, se estiver a censurar ou louvar. Mas quando for preciso determinar à ação os ouvintes que deveriam agir, mas que resistem, ele empregará, então, para expor grandes verdades, o estilo sublime e os acentos próprios a comover os corações.²⁴⁰

A sensibilidade com a comunidade é imprescindível para o pregador ser eloquente. A prática retórica ou homilética segue um fluxo que começa na percepção dos ouvintes. Eles não são trados como receptáculos vazios que estão aguardando o preenchimento pelo pregador, independente do que do conteúdo e da forma. Agostinho vê o grande pregador aquele que sabe utilizar sua leitura da comunidade para ir construindo seu sermão de acordo com a realidade comunitária e o conteúdo a ser transmitido.

Sobre o conteúdo, vemos a sinalização de que a pregação também é marcada em sua eloquência, na variação dos estilos, quando o pregador sabe que o que está sendo transmitido no momento é para instrução da comunidade e, por isso, usará o estilo simples; se na sua mensagem o conteúdo explorado for digno de censura ou louvor, ele usará o estilo moderado para que os corações fiquem dóceis com a

²⁴⁰ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 245.

mensagem; se o conteúdo exposto é um chamado ao movimento, o estilo sublime será usado para mover corações.

A eloquência é a prática da sensibilidade com o conteúdo a ser transmitido e com os ouvintes do sermão. O pregador que é reconhecido por sua eloquência, do ponto de vista agostiniano, é alguém atento a verdade que será exposta e aos ouvintes.

No arranjo ideal entre instruir, agradar e convencer proposto por Agostinho ao orador cristão, os termos se correlacionam de modo a assegurar a eficácia da palavra sobre o espírito do ouvinte, instruindo-o nas verdades cristãs, tornando-as agradáveis para que elas se interiorizem nele e, por fim, abalando-o para que a resolução de segui-las e praticá-las se cristalizem em sua alma, assim conduzida à senda divina.²⁴¹

5.2.1

A variação de estilos como forma de fixação de atenção do ouvinte

Anteriormente foi mencionada a sensibilidade do pregador para com seu público como marca da eloquência. Só que um desdobramento mais detalhado se faz necessário para melhor compreensão do pensamento agostiniano. Na última parte do Livro IV da *A doutrina cristã*, ele destaca regras especiais da eloquência eclesiástica, e, ao fazê-lo, apresenta alguns elementos importantes sobre a relação da variação de estilos e seus ouvintes.

A variação de estilo não só caracteriza o pregador eloquente, como aquele que é capaz de convencer/converter o ouvinte, mas como um preparado orador que ajuda na concentração do público em relação ao que está sendo pregado. Agostinho sobre isso, diz:

Não é preciso crer que seja contrária às regras a mistura dos estilos. O melhor até é fazê-lo, à medida que o assunto se presta a isso, e ir variando os três estilos. Pois o emprego prolongado de um gênero a outro, o discurso, por mais longo que seja, desenvolve-se com mais arte.²⁴²

A manutenção de um único estilo retórico durante uma prédica dificulta a concentração do ouvinte. A variação de estilos não deve ser vista, segundo o pensamento do Bispo de Hipona, em cada sermão como um modelo de prédica, mas com um fluxo retórico, passando por todos, ao longo da exposição bíblica.

²⁴¹ SOUZA, T. G., A palavra e os discursos, p. 131.

²⁴² AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 263.

Essa compreensão de estilos que se somam na pregação pode ser vista na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, lemos: “Na homilia, a verdade anda de mãos dadas com a beleza e o bem. Não se trata de verdades abstractas ou de silogismos frios, porque se comunica também a beleza das imagens que o Senhor utilizava para incentivar a prática do bem.”²⁴³

Há grande ressonância entre o pensamento do Papa Francisco e o de Agostinho ao ver a pregação com algo além de uma peça retórica, mas com algo que deseja comunicar vida ao seu ouvinte e, para isso, faz uso de elementos que ajudem a comunidade a perceber a vontade de Deus revelada na Escritura Sagrada. Isso ocorre, para Agostinho, por meio da variação de estilos retóricos; para Francisco, para além de abstrações, com beleza, imaginação, visando a prática do bem.

5.3

O apóstolo Paulo como exemplo sobre o estilo sublime

Agostinho mais uma vez recorre ao apóstolo Paulo para esclarecer o que pretende ensinar sobre o estilo sublime como forma de comunicar a verdade de maneira bonita. “O apóstolo quer que o ministro do evangelho sofra pacientemente todos os males desta vida pela consolação dos dons de Deus. Este assunto é grande, e ele o trata de maneira grandiosa e com abundante riqueza de expressão.”²⁴⁴

Antes de encontrar no apóstolo Paulo os modelos que usará como exemplo para apresentar o estilo sublime, Agostinho destaca o uso do sentimento e o da linguagem. Para o Bispo de Hipona, os exemplos paulinos são marcados pelos sentimentos do apóstolo e pelo uso da linguagem que vem como fruto desses sentimentos. Para ele, Paulo não está preocupado com os ornamentos que a fala pode ter, como é comum no estilo moderado, mas em expressar suas afeições no texto. O desdobramento disso é a linguagem usada. Mesmo que seja encontrado beleza no texto de Paulo, será pelo assunto tratado que o coração do autor bíblico é movido.²⁴⁵

Após essa abertura, ele utiliza Paulo para deixar uma lição para os oradores da Igreja. Ele escreve: “O Apóstolo quer que o ministro do evangelho sofra

²⁴³ EG, 142.

²⁴⁴ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 252.

²⁴⁵ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 251-252.

pacientemente todos os males desta vida pela consolação dos dons de Deus. Este assunto é grande, e ele trata de maneira grandiosa e com abundante riqueza de expressão.”²⁴⁶ Para Paulo, segundo Agostinho, os ministros do evangelho têm suas afeições envolvidas com a pregação. A recomendação agostiniana para a prédica, a partir do apóstolo Paulo, é que o pregador seja marcado afetivamente na vida e no discurso pelo Evangelho que ele anuncia. O estilo sublime está conectado com as emoções do pregador. Aquele que foi tocado pelo que irá pregar e deixa isso florescer em sua pregação está apresentando mais uma das características do estilo sublime.

Agostinho utiliza três textos do apóstolo Paulo, que segundo ele são estilos sublimes, para exemplificar seus argumentos. Segue, abaixo, tabela dos textos e as marcas do estilo sublime.

Tabela 4 – estilo sublime no apóstolo Paulo, segundo Agostinho.²⁴⁷

ESTILO SUBLIME EM PAULO	
TEXTOS	CARACTERÍSTICAS
<p>Eis agora o tempo favorável por excelência. Eis agora o dia da salvação. Evitemos dar qualquer motivo de escândalo, a fim de que o nosso ministério não seja sujeito à censura. Ao contrário, em tudo recomendamos-nos como ministros de Deus: por grande perseverança nas tribulações, nas necessidades, nas angustias, nos açoites, nas prisões, nas desordens, nas fadigas, nas vigílias, nos jejuns, pela pureza, pela ciência, pela paciência, pela bondade, por um Espírito Santo, pelo amor sem fingimento, [...]; como nada tendo, embora tudo possuamos! (2Cor 6,2-10)</p> <p>E:</p> <p>A nossa boca se abriu para nós, ó coríntios; nosso coração se dilatou. (2Cor 6,11).</p>	<p>Agostinho destaca o coração de Paulo abrasado com o assunto tratado. Nesse trecho da segunda carta aos Coríntios, Paulo precisa fazer uma defesa do seu ministério apostólico, e o faz de modo vívido, apresentando o que suportou e suporta para o benefício da Igreja e do Evangelho. O Bispo de Hipona identifica nesse argumento paulino o estilo sublime, pois as afeições de Paulo transparecem em seu texto. Ele abre seu coração afetuosamente para os coríntios, enquanto aguardo o mesmo acolhimento. Nisso também está o convencimento do estilo sublime, ou seja, um chamado à ação.</p>

²⁴⁶ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 252.

²⁴⁷ Tabela construída a partir das páginas 252-254 de A doutrina cristã de Agostinho.

<p>E nós sabemos que Deus coopera em tudo para o bem daqueles que são chamados segundo o seu desígnio. Porque os que de antemão ele conheceu, esses também predestinou a serem conforme à imagem do seu Filho, a fim de ser ele o primogênito entre muitos irmãos. E os que predestinou, também os justificou, e os que justificou, também os glorificou. Depois disso, que nos resta a dizer? Se Deus está conosco, quem será contra nós? [...] Pois estou convencido de que nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem principados, nem o presente, nem o futuro, nem os poderes, nem a altura, nem profundidade, nem nenhuma outra criatura poderá nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 8,28-30).</p>	<p>Paulo, segundo Agostinho, mostra concomitantemente beleza, comum ao estilo moderado, e convencimento do estilo sublime. Sobre este, o Bispo destaca como Paulo segue seu fluxo argumentativo e desemboca em um momento de adoração, fruto de um coração tocado pelas verdades que estão sendo expostas. Com isso, chama seus leitores a confiarem no cuidado de Deus.</p>
<p>Observais cuidadosamente dias, meses, estações, anos! Receio ter-me afadigado em vão por vós. Eu vos suplico, irmãos, que vos torneis como eu, pois eu também me tornei como vós. Em nada me ofendestes. Bem o sabeis, foi por causa de uma doença que eu vos evangelizei pela primeira vez. E vós não mostrastes desprezo nem desgosto, em face da vossa provação na minha carne; pelo contrário, me recebestes como anjo de Deus, como Cristo Jesus. Onde estão agora as vossas felicitações? Pois eu vos testemunho que, se fosse possível, teríeis arrancado os olhos para dá-los a mim. Então, dizendo-vos a verdade eu me torno vosso inimigo? Não é para o bem que eles vos cortejam. O que querem é separar-vos de mim para que os</p>	<p>Na carta aos Gálatas, que para Agostinho tem uma escrita no estilo simples, pode ser identificado a paixão de Paulo no trecho destacado. As emoções de Paulo podem ser percebidas em todo texto, mas ganha volume, quando ele diz: “eu sofro de novo as dores de parto”. Linguagem rica em sua manifestação afetiva. A preocupação de Paulo não é só vista em sua escrita instrutiva, mas de modo sublime, ele destaca suas afeições pela Igreja, enquanto convida o povo a depender da graça de Deus somente.</p>

<p>cortejeis a eles. É bom ser cortejado para o bem, sempre, e não só quando estou presente entre vós, meus filhos, por quem eu sofro de novo as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós. [...] (Gl 4,10-20).</p>	
--	--

Os exemplos apresentados por Agostinho sobre o estilo sublime em Paulo mostram a afetividade do autor durante um chamado para a ação. O Bispo de Hipona, nos trechos destacados, mostra diferentes tipos de sentimentos; paciência zelosa e abrasada em sua exortação aos Coríntios; adoração cheia de alegria em sua exposição do cuidado soberano de Deus aos Romanos; amor apaixonado na sua correção aos Gálatas.

Agostinho, com seus exemplos paulinos, apresenta o estilo sublime como uma chamada à obediência cheia dos sentimentos do pregador. Ele não deseja pregadores monótonos, frios, sem empatia pelo povo e pela mensagem. Seu texto já tinha sinalizado coisas semelhantes anteriormente, como a atenção ao auditório. Mas falando do estilo sublime, seu destaque está em um convencimento que parte de um coração convencido. As afeições do pregador só serão a manifestação do que já foi experimentado primeiro.

Outro elemento que os exemplos destacados pelo Bispo de Hipona sugere é a afetividade pela congregação. Paulo no emprego do estilo sublime aos Coríntios, Romanos e Gálatas demonstra suas afeições não só com a mensagem, mas com as Igrejas. Ele ama as comunidades e deixa isso claro em suas exposições. O pregador deve ser alguém apaixonado por sua comunidade e seu sermão deve expressar esse amor.

5.4 A oração na vida do pregador da Igreja

No terceiro capítulo dessa dissertação nós tratamos da vida de piedade do pregador, a partir da proposta agostiniana, em que a oração foi mencionada. Nesse tópico, essa prática será revisitada com mais detalhes, pois nos parece que Agostinho dá uma grande ênfase ao assunto e o usa para finalizar seu livro. Ele escreve:

Mas seja no momento mesmo em que o orador vai falar ao povo ou a grupo pequeno, seja na ocasião em que vai ditar o que deve ser pronunciado em público, ou lido pelos que o desejam ou podem, o orador deve rezar a Deus para pôr em sua boca boas palavras. Porque, se a rainha Ester, no momento em que se dirigia ao rei para pedir-lhe a salvação temporal de seu povo, rezou a Deus para pôr em seu lábios as palavras convenientes (Est 4,17s;14,13), quanto mais devem rezar para obter graça semelhante os que “no ministério da palavra e na instrução” (1Tm 5,17) trabalham para a salvação eterna dos homens!²⁴⁸

Para o Bispo, a oração é um exercício de dependência de Deus e uma lembrança para o pregador se convencer que, por mais que ele se dedique para apresentar uma boa prédica, o que deve ser desejado é Deus que por meio de sua graça pode salvar as pessoas. O pregador é uma ferramenta nas mãos de Deus.

A oração não é só um exercício de dependência de Deus, mais de confiança também. Aquele que prega deve agradecer a Deus pelos resultados da prédica antes mesmo de proferi-la por confiar que Deus fará a sua obra por meio das palavras do pregador. Agostinho escreve: “Finalmente, que deem graças a Deus pelo feliz êxito de seu discurso, porque não duvidam que é a ele que devem qualquer sucesso. E assim quem se glorifica, que se glorifique em Deus, em cuja mãos estamos nós e nossas palavras”.²⁴⁹

Camello faz as seguintes observações sobre essa recomendação de Agostinho, “O pregador rogue por si mesmo, pelos que transmitiram o discurso, por todos os que mais tarde vão ler seu sermão, e finalmente, pelo autor de quem, porventura, tomou emprestado seu discurso.”²⁵⁰ A espiritualidade do pregador está no preparo do sermão, na transmissão, no olhar pastoral pelos ouvintes, na gratidão por aqueles que contribuíram para sua formação de pregador. Por isso, na oração tudo isso é vivenciado.

Papa Francisco, quando tratando de pregação na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, destaca que quando o pároco separa um tempo para o preparo do sermão, o que deve ser feito com regularidade e responsabilidade, ele orienta que comece invocando o Espírito Santo. Pois “a confiança no Espírito Santo que atua na pregação não é meramente passiva, mas ativa e *criativa*.”²⁵¹ A oração é parte integrante da prédica eclesial.

²⁴⁸ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 276.

²⁴⁹ AGOSTINHO, A doutrina cristã, p. 276.

²⁵⁰ CAMELLO, J. O., Um encontro com Agostinho, p. 87.

²⁵¹ EG, 145.

O declino da oração na vida dos pregadores está atrelado com alguns elementos da modernidade tardia, segundo Stott. O relativismo, o materialismo, sobretudo, a descrença com a autoridades, o que repercute na vida da Igreja, têm levado pastores a pragmatismos retóricos, como ferramentas de entretenimento para dentro do discurso, como forma de sucesso retórico.²⁵²

Compreendemos que Agostinho não separa a prédica de uma vida espiritual robusta, recomendando-a vividamente para os pregadores, trataram de grandes assuntos, eternidade dos seres humanos, mas, por si mesmos, não têm poder redentor. É necessário a ação da graça de Deus na pregação. Isso não significa para o Bispo de Hipona que a oração é a manipulação da graça, mas a demonstração de dependência e gratidão a Deus no exercício dessa tarefa sublime. O pregador deve orar com confiança para esse Deus gracioso.

Entendemos que existe uma espiritualidade mais profunda na proposta de Agostinho, mas que devido à natureza da pesquisa não pode ser aprofundada nesse momento. Esperamos que pesquisas posteriores desenvolvam mais a compreensão sobre a espiritualidade do pregador a partir do Doutor da graça.

²⁵² STOTT, J., Eu creio na pregação, p. 89.

6 Conclusão

Esta dissertação tratou da pesquisa da obra de Agostinho de Hipona, *A doutrina cristã*, a partir da percepção homilética. O quarto livro da obra foi o objetivado na pesquisa, buscando rastrear no texto orientações para o exercício da prédica eclesiástica no mundo contemporâneo. Para isso, três estilos retóricos que Agostinho tomou emprestado de Cícero, serviram de guia para o desenvolvimento da pesquisa. Estes foram: estilo simples, estilo moderado e estilo sublime. Pesquisas tanto sobre a patrística, sobre a vida de Agostino e a homilética colaboraram para o desenvolvimento do trabalho.

Iniciamos nos questionando como a fé cristã deve ser pensada dentro do contexto da pregação agostiniana e como ele desenvolve os elementos da pregação. Jesus Cristo, o Deus encarnado, que não é só o início da fé, mais o seu fundamento, era um pregador, que encabeça uma história promissora com pregadores eminentes como Agostinho.

No primeiro capítulo, a história de Agostinho foi traçada, com o foco em sua formação intelectual, sua trajetória religiosa e seu ofício de pregador. Entendemos que o pensamento de um autor nunca está distante de sua história. *A doutrina cristã* levou mais de trinta anos para sua conclusão, representando a jornada do autor que se dedica a tal reflexão.

No segundo capítulo, foi realizada uma pesquisa sobre quarto livro da obra agostiniana com a finalidade de compreender a visão do Bispo de Hipona sobre a sua proposta de retórica simples, ou estilo simples, analisando seu objetivo, as marcas da prática, o papel do pregador em seu uso e a sua função dentro do espaço litúrgico.

Foi observada, no estilo simples, uma função pedagógica e catequética para a Igreja, em que Agostinho apresenta o primeiro modelo retórico para instruir seus ouvintes. Aparece assim, o rompimento com a prática retórica pagã, que objetivava o deleite da plateia ou o convencimento, no caso de um julgamento. Os ouvintes são importantes para o pregador, enquanto a pregação eclesiástica está revestida de

uma ação pastoral de cuidado, que deve instruir cada vez mais os membros da comunidade.

Esse modelo de pregação apresentado pelo Bispo de Hipona comporta valores humanos, classificando os ouvintes como merecedores de uma instrução que conduz ao crescimento da fé, além de perceber neles capacidades cognitivas para serem instruídos. O sermão é uma ferramenta pedagógica e catequética na prática litúrgica da Igreja. Para que isso de fato ocorra, dois pontos são apresentados no texto agostiniano: a clareza e a verdade. O pregador deve ser claro em suas exposições e a verdade, que é maior que o pregador, deve ocupar esse espaço na prédica.

A contribuição para a pregação contemporânea, do estilo simples, reside no resgate dos ouvintes como público participante da vida litúrgica da Igreja e não espectadores passivos, no olhar sensível às necessidades dos ouvintes, suas capacidades cognitivas, diminuindo a distância entre o pregador e sua congregação, além de contribuir para o debate sobre a ação catequética da pregação, como ferramenta de instrução para a comunidade da fé.

No terceiro capítulo, que trata do estilo moderado, analisamos o objetivo do estilo, sua relação com a verdade, a importância da linguagem e a beleza do discurso.

Foi observado que o estilo moderado está em uma função de serviço aos outros dois estilos de pregação, o simples e o sublime. Seu objetivo é o deleite, mas está ancorado em coisas que não podem ser deixadas de lado para que o deleite ocorra. A verdade não pode ser negligenciada. A beleza do discurso deve estar a serviço da verdade sem colocá-lo em risco, assim como a linguagem deve servir para dar beleza ao discurso, mas sem ferir a verdade, a ética e o contexto da comunidade.

A pregação contemporânea pode se beneficiar com modelo retórico agostiniano para conduzir seus ouvintes de forma bela e agradável. A análise do estilo moderado e sua prática pode colaborar para superação do problema apresentado pelo Pala Francisco nos púlpitos de hoje sobre as exposições abstratas e silogismos frios. A beleza, quando está a serviço da verdade, pode ajudar tanto na ação instrutiva da exposição da Palavra de Deus, quanto no seu chamado para uma vida transformada para o bem.

Por fim, o estilo sublime de pregação também foi analisado em seu objetivo, na relação da eloquência com esse modelo retórico, no seu uso com a variação de outros modelos e no convencimento dos ouvintes.

Foi observado que o estilo sublime é o momento do sermão que convidará o ouvinte a uma direção, para uma prática decorrente da orientação bíblica. Para que isso ocorra, Agostinho destaca que o pregador precisa ser eloquente, que deve estar alinhado com a sabedoria.

Todos os elementos anteriormente apresentados podem ser aprendidos, como propõe Agostinho. O estilo simples, o estilo moderado, o estilo sublime e a eloquência são ferramentas que podem ser desenvolvidas na vida do pastor, do seminarista, do pároco, naqueles que são chamados a pregar. Essa proposta de formação do pregador, do ponto de vista agostiniano, não só alimenta o debate sobre a prédica, a catequese e a pedagogia, mas também pode colaborar para a reflexão sobre a formação de seminários, faculdades teológicas, locais de formação de ministros da Palavra.

Outro ponto que merece destaque no texto do Bispo de Hipona versa sobre a formação espiritual do pregador. Agostinho não trata a homilética como algo isolado da vida religiosa do pregador. Para ele, não adianta dominar todo o conhecimento sobre a retórica sacra sem que a vida espiritual acompanhe esse conhecimento. Uma vida de piedade, de oração, de aprofundamento piedoso na Palavra de Deus configura os elementos fundamentais para aqueles que ocuparão os púlpitos da Igreja. O próprio sucesso do uso dos modelos retóricos por ele apresentado depende dessa relação com a vida espiritual do pregador. Ninguém conseguirá expressar as afeições que caracterizam o estilo sublime de pregação sem ser tocado pelo texto Sagrado. Ninguém pode instruir a Igreja sobre as verdades sublimes do Evangelho se antes não foi instruído. Para Agostinho, o pregador aplica o que viveu primeiro na sua experiência religiosa.

A conclusão que essa pesquisa chega é que a pregação de Agostinho precisa ser mais pesquisada, a fim de tentar destacar as significativas contribuições do autor não só para o século V, mas também para os questionamentos homiléticos do século XXI. As questões da prédica hodiernas, como seus desafios, podem ser beneficiadas por aquilo que o Bispo de Hipona escreveu e pensou sobre o assunto.

Esperamos, enfim, que esse estudo possa contribuir como incentivo de novas pesquisas científicas que respondam aos desafios que o ministério da pregação propõe.

7

Referências bibliográficas

ADAM, Júlio César. Homilética da Reforma – Reforma da Homilética: uma reflexão sobre a pregação cristã no contexto brasileiro a partir de princípios homiléticos de Martim Lutero. **Reflexus** – Ano X, n. 16, 2016/2.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Comentário ao Evangelho e ao Apocalipse de São João** – Tomo I. São Paulo: Cultor de Livros, 2017.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Confissões**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **A Doutrina Cristã**: manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Paulus, 2002 - (Coleção Patrística).

AGOSTINHO, Santo. **Instrução dos catecúmenos**: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

ALVARENGA, Marcel Gustavo. Homilia e realidade: elementos constitutivos da pregação homilética. **Pesquisas em Teologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 158-171, jan./jun. 2021.

BARRAZA, José María Siciliani. Observaciones introductorias de la homilética agustiniana para la predicación actual. **Atualidade Teológica**, v.47, p. 328-358, mai./ago. 2014. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23703/23703.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

BENEDITO, A. L. **A sacramentalidade da Palavra de Deus**. Uma aproximação entre mistagogia de Ambrósio de Milão e a Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Rio de Janeiro, 2020. 350p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BENTO XVI, PP. **Exortação Apostólica Pós-sinodal Verbum Domini sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja.** São Paulo: Paulinas, 2011.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada.** Nova Versão Internacional. 2ª ed. com concordância. São Paulo: Editora Vida, 2003.

BROWN, Peter. **Santo Agostinho:** uma biografia. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CALVIN, Jean. **A instituição da religião cristã,** Tomo I. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CAMELLO, Maurilio José de Oliveira. Um encontro com Agostinho, pastor de Hipona. **Teologia em questão,** São Paulo, v. 32, p. 75-99, 2017.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

CATECISMO MAIOR DE WESTMISTER. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/catecismos/catecismomaior_westminster.htm>. Acesso em: 27 de nov. de 2021.

CARDOSO, ISABEL A. M. Da humildade à caridade: o “coração” em Santo Agostinho. **DIDASKALIA.** São Paulo, v. 47, nº 1, 2017, p. 163-181.

CIPRIANO, Santo, Bispo de Cartago. **Obras completas I.** São Paulo: Paulus, 2016 - (Coleção Patrística).

COSTA, Marcos Roberto Nunes. Conhecimento, ciência e verdade em Santo Agostinho. **VERITAS.** Porto Alegre, v. 43, nº 3, setembro 1998, p. 483-496.

Devocional do Catecismo Nova Cidade: A verdade de Deus para nossos corações e mentes / introdução de Tim Keller; Collin Hansen, organizador. - São José dos Campos, SP: Fiel, 2017.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.** Brasília: Edições CNBB, 2013.

FORREST, Benjamin K. **A história da pregação:** dos apóstolos aos reavivalistas, v. 1. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

GUINDA, Francisco Javier Calvo. **Homilética**. Madrid: Biblioteca de autores cristianos (BAC), 2003.

JUNIOR, José Carlos Teodoro. Os desafios da pregação para o mundo contemporâneo. **Teologia e Espiritualidade**. Curitiba, v. 6, nº 11, junho/2019, p. 7-21. Disponível em: <<https://faculdadecristadecuritiba.com.br/storage/2020/09/Artigo-1-Jos%C3%A9-Teodoro.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2021.

KELLER, Timothy. **Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KELLY, J. N. D. **Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1994.

KILIAN, C. **Retórica, semiótica e hermenêutica em Santo Agostinho**. Santa Maria: Universidade Franciscana, 2019.

LAUAND, Jean. **Os Sermões de Agostinho – uma Prática Pedagógica no Fim da Antiguidade**. CEMOrOc Feusp – IJI Univ. do Porto – 2007. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand18/jean.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

LEEMAN, Jonathan. **A Igreja centrada na Palavra: como as Escrituras dão vida e crescimento ao povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2019.

LUTERO, Martinho. **Conversas à mesa**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2017.

MECONI, David Vincet; STUMP, Eleonore (Orgs.). **Agostinho**. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

MORAES, Jilton. Homilética: Pregação e comunicação. **Revista Via Teológica – Vol. 17 –Nº 34 –Dez/2016**. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/76/144>. Acesso em: 04 de dez. 2021.

MORESCHINI, Claudio.; NORELLI, Enrico. **História da Literatura cristã antiga, grega e latina II**. Tomo 2. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

ORCASITAS, M. A., **La conversión de San Agustín**. Disponível em: <https://www.augustinus.it/spagnolo/vita/conversion_index.htm>. Acesso em: 11 de nov. 2021.

PAULO VI. **Constituição Dogmática Dei Verbum Sobre a Revelação Divina**. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 02 de dez. 2021.

PEINADO, Maria Rita Sefrian de Souza. **Proposta de Educação Cristã e Estratégias de Ensino em Santo Agostinho**. São Carlos: Editora Scienza, 2018.

POSSÍDIO. **Vida de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 1997.

REIFLER, Hans Ulrich. **Pregação ao alcance de todos**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

SALES, A. P., Preparação para a vida, preparação para morte: pedagogia e catequese no de *Catechizandis Rudibus* de Santo Agostinho. **Problemata: R. Intern. Fil.** V. 9, nº 2, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/40928/20761>>. Acesso em: 27 de dez. 2021.

SANTOS, Judiclay S. O declínio da pregação e a decadência da Igreja. **Teologia Brasileira**. São Paulo, nº 22, 2013. Disponível em: <<https://teologiabrasileira.com.br/category/revista-22/>>. Acesso em: 15 de dez. 2021.

SILVA. André Luiz Rodrigues da. A ampliação do conteúdo de aprendizagem segundo os Padres da Igreja. Ver. **Pistis Prax.**, Teol. Pastor., Curitiba, v. 11, n. 2, p. 438-453, maio/agos. 2019. Disponível em: <[file:///C:/Users/Protecthost/Downloads/22200-49632-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Protecthost/Downloads/22200-49632-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2019.

SILVA, André Luiz Rodrigues da. Elevai os olhos para os montes: A cristologia do comentário agostiniano sobre Jo 1,1. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 63, p. 651-670, set./dez.2019.

SMITHER, Edward. **Agostinho como mentor**. São Paulo: Hagnos, 2012.

SOUZA, Thiago Gonçalves. A palavra e os discursos: a consideração da retórica em A Doutrina Cristã, de Santo Agostinho. **Caminhos da História**, v.21, n.2, p. 118-137, 2016.

STOTT, John. **Eu creio na pregação**. São Paulo: Editora Vida, 2003.

TRAPÈ, Agostinho. **Agostinho: o homem, o pastor, o místico**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

UM CATECISMO PURITANO. Disponível em:
<https://spurgeononline.com.br/wp-content/uploads/2021/09/Um_Catecismo_Puritano_Com_Provas-Spurgeon.pdf>.
Acesso em: 27 de nov. de 2021.

VARGAS, Walterson José. A Forma e a Função do Gênero Literário em Santo Agostinho, Especialmente do Gênero Homilético nos “Iohannis Evangelium Tractatus”. **Revista de Cultura Teológica** - v. 16 - n. 63 - abr/jun 2008.

VIGINI, Giuliano. **Santo Agostinho: a aventura de graça e da caridade**. São Paulo: Paulinas, 2012.